UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANA MARIA LOFFREDO

De cotovelos apoiados no para-peito da palavra: no cenário clínico, qual é o horizonte?

INSTITUTO DE PSICOLOGIA USP BIBLIOTECA 12277 ex 2 USP

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de **Doutor em Psicologia**, área de concentração **Psicologia Clínica**.

Orientador: Prof. Dr. Norberto Abreu e Silva Neto

São Paulo

1992

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

"DE COTOVELOS APOIADOS NO PARA-PEITO DA PALAVRA: NO CENÁRIO CLÍNICO, QUAL É O HORIZONTE "

Candidata: ANA MARIA LOFFREDO
Orientador: Profo Associado Norberto Abreu e Silva Neto

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Psicologia - área de concentração PSICOLOGIA CLÍNICA.

COMISSÃO JULGADORA

Profo Dro Manoel Tosta Berlinck_____

Profo Dro Alfredo Naffah Neto_____

Profo Dro João Augusto Frayze Pereira_____

Profo Dro Luiz Carlos Nogueira_____

Profo.Associado Norberto Abreu e Silva Neto_____

Defesa - 1992

Para

Climene, Eurico,

Anna Verônica,

Ailton e

Martin

com quem tenho vivido as
palavras e os silêncios mais
essenciais dessa minha vida.

(In memoriam)

Para
Morena,
pelo aconchego, pelo colo e pelo piano.

Rachel e
Therese,
marcas definitivas no meu caminho profissional.

Rosa,
que me acompanhou tão especialmente,
no meu momento mais feliz.

Agradecimentos I

Resumo V
Resumé VI
Abstract VII

Introdução: O arco e a flecha 2

Capítulo um: Gestalt Terapia 9

A. Origens 10
B. Principais Conceitos 56

Capítulo dois: A cara e o rosto 70

A. A transmissão do saber 71
B. A questão da linguagem 79
C. E então, o poético 87

Capítulo três: "*Awareness*" 106

A. Introdução 107
B. Metodologia em ação 112
C. Tentando delimitar questões 132

Capítulo quatro: A interpretação 174

A. Introdução 177
B. Apresentação geral 177
C. A primeira Tópica 189
D. Gestalt terapia e interpretação 192
E. Inconsciente e interpretação. Desejo e necessidade 201
F. A partir dessas conclusões, qual é o problema? 208
G. E, finalmente, como articular o discurso sobre o discurso terapêutico? 214

Conclusão 222

Posfácio 237

Referências Bibliográficas 243

Agradecimentos

De formas variadas e em momentos diferentes, muitas pessoas, direta ou indiretamente, ajudaram no desenvolvimento desse trabalho. A cada uma delas, sinceramente, agradeço.

Alda, dizer que você foi datilógrafa competente é muito pouco. Amiga nas minhas aflições, paciente nas minhas contradições. Nem consigo imaginar como ficariam, sem você, meus manuscritos incompreensíveis e todos esses atropelos que significaram fazer uma tese. Obrigada.

Adriana, que de um súbito, naquela esquina entre as pedras e o mar, me disse, para meus pés cheios de areia e meus braços cheios de livros: *-"por que você não questiona sua questão?"*.

Afonso, pelo "*Arco e a Lira*", há tantos anos atrás.

Anaelena, pela Clarice, que me acompanhou tão de perto.

Beto, **Denise**, **Keila**, **Mauro** e **Sergio**, frutos preciosos do meu curso de formação em Gestalt Terapia.

D. Adelina e Dinah, que me acolheram, carinhosamente, num momento tão importante.

Dr. **Carlos**, que me iniciou na psicanálise, naquele Rio de Janeiro, do início dos anos 70.

Durval, se não fosse você, essa tese não saia a tempo *mesmo,* com todo aquele problema do micro.

Gaiarsa, presença tão importante na minha formação profissional, nos tumultuados anos 70.

Agradecimentos

De formas variadas e em momentos diferentes, muitas pessoas, direta ou indiretamente, ajudaram no desenvolvimento desse trabalho. A cada uma delas, sinceramente, agradeço.

Alda, dizer que você foi datilógrafa competente é muito pouco. Amiga nas minhas aflições, paciente nas minhas contradições. Nem consigo imaginar como ficariam, sem você, meus manuscritos incompreensíveis e todos esses atropelos que significaram fazer uma tese. Obrigada.

Adriana, que de um súbito, naquela esquina entre as pedras e o mar, me disse, para meus pés cheios de areia e meus braços cheios de livros: -*"por que você não questiona sua questão?"*.

Afonso, pelo "*Arco e a Lira*", há tantos anos atrás.

Anaelena, pela Clarice, que me acompanhou tão de perto.

Beto, **Denise**, **Keila**, **Mauro** e **Sergio**, frutos preciosos do meu curso de formação em Gestalt Terapia.

D. Adelina e Dinah, que me acolheram, carinhosamente, num momento tão importante.

Dr. **Carlos**, que me iniciou na psicanálise, naquele Rio de Janeiro, do início dos anos 70.

Durval, se não fosse você, essa tese não saia a tempo *mesmo,* com todo aquele problema do micro.

Gaiarsa, presença tão importante na minha formação profissional, nos tumultuados anos 70.

Gê, **Henriette**, **Ismênia**, **Malu**, **Marina,** **Mauro** e **Miguel**, da equipe de Aconselhamento Psicológico da USP, que tiveram muita paciência comigo, dispensando-me de muitas tarefas e aguentando minhas ausências.

Gercy, por ser absolutamente tão bom, estar de mãos dadas no meio do túnel, quando apaga a luz. E somar angústias e paciências, até que ela se acenda de novo.

Henriette, que se dispôs a colocar inglês no meu resumo, quando o trem já estava apitando prá sair.

Ione, pelo cuidado e delicadeza, ao me acompanhar nesse período de transição.

Jean, que já me abriu muitas portas, e me pôs em contato com a maior parte da bibliografia recente de gestalt terapia.

Leu, pelos sanduíches apimentados, os sucos de maracujá, e o cotidiano doméstico; e, principalmente, pelos carinhos e cuidados com quem nele ocupa o lugar mais importante. Também, à **Dina**, pela colaboração.

Lilian, que me acolheu no terraço, quando eu ainda não sabia bem onde eu estava.

Lúcia, presença tão importante, no cotidiano de minha atividade clínica.

Lucy, que me acompanhou tão sinceramente, lembrando-me, nos momentos de pura aflição, que o bom mesmo de um trabalho, é o que a gente descobre que vai fazer depois dele.

Madre Cristina, pelo Sedes Sapientiae, onde vivi experiências tão significativas nos últimos dez anos.

Marina, amiga, pelos pensamentos lúcidos, mãos tão delicadas e coração aberto, nos momentos verdadeiramente mais imprescindíveis.

Marco, pela disponibilidade na hora certa, e o bom humor.

Mauro e **Betty**, pela *infra* do *Iamá*.

Meus colegas da comunidade gestáltica, de cujas tarefas muito me afastei, para realizar este trabalho.

Miguel e **Dinah**, pelas tão desejadas obras completas de Freud.

Norberto, nem consigo imaginar essa viagem sem você. Obrigada pela orientação competente e pela sensibilidade nos momentos de "rush", de branco e de todas aquelas coisas difíceis que nos atravessam ao fazer uma tese.

Pedro Paulo, pelo resumo em Francês e pela disponibilidade

Rachel, minha primeira orientadora, tão importante na minha formação, que me acolheu de forma tão feliz, quando a procurei para isso. E que me disse, um dia, que eu precisava *definir melhor o que é awareness.*

Selma, pelas sugestões, sempre valiosas, como minha interlocutora constante de gestalt terapia, que me facilitou o acesso a muitos textos importantes para a execução desse trabalho.

Sergio, pela disponibilidade sincera e acompanhamento atento, pelo aconchego da companhia de seu trabalho, durante a feitura do meu, pelo "*Sonho de Irma*", e por tantos outros sonhos que vão nos atravessar por aí.

Therese, tão importante na história da Gestalt Terapia no Brasil, e na minha própria história profissional, cujos textos lúcidos sempre conseguem me pôr no eixo, quando me sinto confusa.

Walter, que me apresentou a Gestalt Terapia, em Brasília, nos anos 70 e que, com Cristina, Jorge e Marina, formou meu primeiro núcleo de gestalt terapia.

Meus clientes, sem os quais me seria impossível exercer uma atividade tão complexa e emocionante, como é a de ser terapeuta.

Meus alunos, que nunca deixam minha ignorância sossegada por muito tempo.

Os **autores** com quem convivi, que me fazem sentir gratamente pertencente a essa grande comunidade humana que se faz através da palavra.

Almada, por sua natureza farta e serena, e sua beleza intensa e doce.

E, muito principalmente, a

Eurico, meu pai, que muito me ensinou sobre a sabedoria dos silêncios.

Climene, minha mãe, com quem aprendi sobre a intensidade da palavra exuberante, sempre emocionada.

Anna Verônica, que participou tão absolutamente de perto desse trabalho e, também, daquele outro, para o qual todas as palavras desse texto se voltam, embora nunca consigam, de fato, atingi-lo plenamente.

Ailton, que me acompanhou, tão sincera e estreitamente, nessa intimidade tumultuada que é fazer uma tese, e sem cujo sólido apoio, nem consigo imaginar como ela poderia ter sido realizada.

Martin, que foi obrigado a me suportar, com muito menos disponibilidade do que eu gostaria, nos últimos tempos. Juntos, ele e Ailton, fazem essas cachoeiras transparentes de alegria, nas manhãs da minha vida.

Meus clientes, sem os quais me seria impossível exercer uma atividade tão complexa e emocionante, como é a de ser terapeuta.

Meus alunos, que nunca deixam minha ignorância sossegada por muito tempo.

Os **autores** com quem convivi, que me fazem sentir gratamente pertencente a essa grande comunidade humana que se faz através da palavra.

Almada, por sua natureza farta e serena, e sua beleza intensa e doce.

E, muito principalmente, a

Eurico, meu pai, que muito me ensinou sobre a sabedoria dos silêncios.

Climene, minha mãe, com quem aprendi sobre a intensidade da palavra exuberante, sempre emocionada.

Anna Verônica, que participou tão absolutamente de perto desse trabalho e, também, daquele outro, para o qual todas as palavras desse texto se voltam, embora nunca consigam, de fato, atingi-lo plenamente.

Ailton, que me acompanhou, tão sincera e estreitamente, nessa intimidade tumultuada que é fazer uma tese, e sem cujo sólido apoio, nem consigo imaginar como ela poderia ter sido realizada.

Martin, que foi obrigado a me suportar, com muito menos disponibilidade do que eu gostaria, nos últimos tempos. Juntos, ele e Ailton, fazem essas cachoeiras transparentes de alegria, nas manhãs da minha vida.

LOFFREDO, A. M. - *De cotovelos apoiados no para-peito da palavra: no cenário clínico, qual é o horizonte?* Tese de Doutorado, apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992, 256 páginas.

RESUMO

Este trabalho trata das relações da Gestalt Terapia com a Psicanálise, uma das fontes mais importantes presentes no corpo de influências que deu origem à sua formação. Considerando-se o retorno de grande parte da Gestalt Terapia contemporânea ao referencial psicanalítico, essa relação coloca-se como questão central. O campo de interrogações, aqui apresentado, articula-se em torno da questão da linguagem na Gestalt terapia e da proximidade entre o discurso poético e o discurso produzido no processo terapêutico. Para tratar desse tema, são apresentados os instrumentos metodológicos que caracterizam a ação terapêutica na Gestalt terapia, bem como o procedimento metodológico constitutivo da doutrina e da técnica psicanalític

LOFFREDO, A.M. - *De coudes soutenis à le parapet de la parole: dans le scène clinique, quel est le horizon?* Thèse de doctorat presentée à l'Institut de Psychologie de l'Université de São Paulo, São Paulo, 1992, 256 pages.

RESUMÉ

Cette oeuvre traite les rapports entre la Gestalt Thérapie et la Psychanalyse, l'une de plus importante des sources dans le champ d'influence qui a donné l'origine à sa formation. Prennant en consideration le retour de grand part de la Gestalt Thérapie contemporaine au référentiel psychanalitique, ce rapport se place comme question centrale. Le champ d'interrogations ici presenté s'articule autour de la question du langage dans la Gestalt Thérapie et de la proximité entre le discours poétique et le discours produit dans le processus thérapeutique. Pour traiter ce thème, on présent les outils méthodologiques qui caracterisent l'action thérapeutique dans la Gestalt Thérapie, aussi bien le procédé méthodologique constitutif de la doctrine et de la technique psychanalitiques.

LOFFREDO, A.M. - *Elbows staying on the parapet of the word: in the clinical scene, what is the horizon?* Paper presented at Institute of Psychology, University of São Paulo, for Doctorship Post-Graduation. São Paulo, 1992, 256 pages.

ABSTRACT

This work concernes the relationships between Gestalt Therapy and Psychoanalysis, wich is one of the most important sources presented in the body of influences that originated its formation. Taking into account the return of great part of contemporary Gestalt Therapy to the psychoanalytic frame of reference, that relationship is posed as a central question. The integration field, presented here, is articulated around the question of language in Gestalt Therapy and the question of proximity between the poetic discourse, and the discourse produced in the therapeutic process. In order to better deal with this theme methodological instruments are presented. They characterize either the therapeutic action in the Gestalt Therapy as well as the methodological procedure wich constitute the psychoanalytic doctrine and technique.

Introdução

"Mais uma vez, nas suas hesitações confusas, o que a tranquilizou foi o que tantas vezes lhe servia de sereno apoio: é que tudo o que existia, existia com uma precisão absoluta e no fundo o que ela terminasse por fazer ou não fazer não escaparia dessa precisão; (...) Só que a maioria do que existia com tal perfeição era, tecnicamente, invisível: a verdade, clara e exata em si própria, já vinha vaga e quase insensível à mulher. Bem, suspirou ela, se não vinha clara, pelo menos sabia que havia um sentido secreto das coisas da vida".

Lispector, C. - *"Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres"*

O arco e a flecha

1. Esse trabalho é fruto de um campo de interrogações, decorrente do exercício da atividade clínica de uma terapeuta, que esteve vinculada aos princípios norteadores da Gestalt Terapia durante muitos anos.

O trabalho como terapeuta, bem como o processo de formação para que se possa exercê-lo, envolve um tal teor de intimidade e presença, que as escolhas das maneiras de trabalhar são espécies de "casamentos", que o terapeuta almeja ver bem sucedidos. É uma metáfora boba, mas que pode dar conta da dimensão das dificuldades presentes.

No decorrer da história de desenvolvimento de meu trabalho clínico, foram sendo feitas escolhas, umas claramente deliberadas, outras nem tanto, e tentar tornar público, intersubjetivável, esse movimento de transformação contínua, é encontrar nomes, onde lá eles ainda não existem.

De forma que é da posição de uma terapeuta avaliando seu próprio percurso, que dirijo minhas questões e, a rigor, esse é meu objetivo primeiro. Muitas inquietações foram se formando, gradualmente. Desenhar suas linhas, poder apalpar esse corpo de dúvidas, é o primeiro tempo desse espaço configurado na forma de um texto. Produzir questões já é uma espécie de resposta e espero poder projetá-las com clareza.

2. Seu ponto de convergência e o primeiro movimento de meu trajeto de interesses, até poder delinear meu objeto de pesquisa, foi a questão da linguagem na Gestalt Terapia. Esse ponto forneceu-me uma perspectiva através da qual recortou-se o segundo movimento/tema: a proximidade do discurso poético ao discurso produzido no processo terapêutico. Dele se derivou outra questão: qual a linguagem para se referir ao que ocorre no processo terapêutico?

A atividade clínica é um exercício de emoção, é um trabalho emocionante. No sentido de que provoca emoção pela e na sua feitura, no próprio processo de sua confecção, tanto no terapeuta como no cliente. Embora ser

emocionante não seja nenhum privilégio desta atividade, ela tem a peculiaridade de incidir, objetivar e perseguir o desejo do cliente, matriz de suas emoções. Qual, então, a linguagem para se referir a um trabalho emocionante, que trabalha na e sobre a emoção, de forma a poder estar a própria linguagem "rente" a esse vivido, podendo tematizá-lo, sem perder suas nuances, sutilezas e tons? Sem "achatá-lo", sendo capaz de produzir focos de luz, de tal forma que transpareçam seus alto e baixo relevos?

3. E, finalmente, o interesse pelo tipo de linguagem que é fruto do trabalho conjunto de terapeuta e cliente, conduziu-me ao que é próprio da situação terapêutica. Aquilo que não só delimita sua singularidade, como é condição e instrumento do processo criativo, cuja potencialidade de emergência se espera favorecer nesse contexto: *o método terapêutico*.

Ele é tanto o caminho para a criação, como a corporificação/expressão desta, através do próprio processo de sua realização. Sua função criativa é dupla: favorece a criação no nível dos conteúdos específicos que aparecem no decorrer do trabalho e, ao mesmo tempo, checa, cria e recria a teoria que lhe é subjacente. Portanto, tratar do aspecto criativo presente na situação terapêutica significa voltar-se ao *modo de operação* peculiar que a define como tal: seu método.

4. O método também passou a servir de *ponto de cruzamento* para outra linha. A Gestalt Terapia atravessa um momento específico, no seu próprio processo de desenvolvimento, enquanto modelo filosófico-teórico-técnico, que talvez seja crucial no seu rumo daqui para frente. Sua bibliografia recente preocupa-se com uma maior consistência na relação com suas bases filosóficas e teóricas, e sinaliza um movimento em direção a suas fontes. Dentre estas, a psicanálise.

É para esse retorno à psicanálise, um interlocutor constante nos textos gestálticos desde suas origens, que se voltou meu interesse, tomando o método de trabalho presentes nessas duas orientações como base para tematizar a relação entre elas. Recortam-se, portanto, as questões: de que *forma* essas articulações se fazem possíveis? De que formas tem sido feitas? E ainda: *para que aponta* esse movimento?

A partir dessas considerações, todas as questões se dirigiram para um ponto de convergência, que passou a se destacar como meu objeto de pesquisa: a *relação* dos instrumentos metodológicos que caracterizam a Gestalt Terapia com o procedimento fundado na interpretação, método constitutivo da doutrina e técnica psicanalíticas.

Essa apresentação geral justifica *o caminho* seguido pelos capítulos: apresentação histórica da Gestalt Terapia; a questão da linguagem - o poético na situação terapêutica; a metodologia de "*awareness*"; interpretação; conclusão.

5. Quanto ao primeiro capítulo, alguns esclarecimentos.

Não pretendia, inicialmente, começar esse trabalho pelas origens e fontes da Gestalt Terapia. Pensava ser um tanto monótono, sem graça e recorrente esse ponto de partida, tão conhecido - pelo menos em linhas gerais - por qualquer um que se dedique à prática gestáltica. Mas cedi a esse movimento e pude justificá-lo, a *posteriori*, pelos seguintes motivos:

a) É coerente e pode ser útil escolher um foco para reflexão, uma vez situando-o no todo do qual faz parte. Trabalhá-lo, portanto, como uma *figura* em relação a uma rede de relações da qual é contingente.

b) A história da Gestalt Terapia, a partir de suas fontes, das quais teria emergido, ela própria, como uma "gestalt", um todo integrado, passou a se tornar para mim, uma questão a ser investigada e não um arquivo morto de referência.

Rever a história é refazê-la e nisso reside uma construção e um dinamismo próprios de uma espécie de aventura. Trabalhar, a posteriori, com o que veio antes, para dar acesso à possibilidade de compreensão do atual. (Não é disso, também, do que se trata no trabalho terapêutico?). E foi então que esse gosto de aventura começou a trazer graça para quem fez, embora eu acredite que possa ter ficado um tanto árido e cansativo para quem lê, com tal volume de citações e informações. Um vôo panorâmico que não pretende aterrissar em lugar algum, mas cujo objetivo é justamente essa viagem panorâmica.

Como esse capítulo não acabava nunca, descobri que refazer a história é uma história sem fim e deve haver algum grau de arbitrariedade, de escolha, para se "brecar esse movimento". Nesse caso, supus que esse cenário, assim apresentado, já estava suficiente para dar abrangência a montagem da(s) peça(s) que viria(m) a seguir. E facilitar o aparecimento das "personagens", que representariam a trama presente na tessitura de um texto.

c) Entre os elementos fundantes da nova abordagem estava presente a psicanálise - a da época - como perspectiva de abandono e de crítica. Dada a busca de muitos gestalt-terapeutas, na atualidade, ao referencial psicanalítico, mesmo privilegiando escolas específicas, seria analogicamente, um "retorno do reprimido", ou uma tentativa de explicitação do implícito? Ao pretender tratar deficiências e sanar lacunas no corpo teórico da Gestalt Terapia, esse retorno (que adquiriu o caráter de um retorno, justamente ao nos reportarmos às suas fontes) não sinalizaria, não seria um "sintoma" que mereceria ser tematizado, articulado à insistente preocupação dos gestalt terapeutas em definir com mais clareza a identidade da Gestalt Terapia?

Essa emergência poderia ser abordada a partir de múltiplos pontos de vista. Trata-se, primeiro, de apresentá-la como um objeto pertinente a ser investigado e, em seguida, escolher um ponto de vista para efetuar essa investigação. Ter iniciado esse trabalho pela gênese da Gestalt Terapia significou a escolha de um modelo - genético - para tratar das questões que meu interesse recortasse no decorrer dessa apresentação. Ou, dizendo de outra forma, construi um fundo para destacar, a partir dele, as figuras de meu interesse.

Desse conjunto, resolvi escolher a presença-ausência dos fundamentos psicanalíticos na Gestalt Terapia como uma questão a ser colocada *sob suspeita.*

d) A que se deve essa escolha?

A meu próprio percurso pessoal como terapeuta e como cliente. De uma tese teórica sobre psicanálise freudiana no meu mestrado, há anos atrás, a uma aproximação a Gestalt Terapia com a qual mantive vínculos teóricos, clínicos e institucionais por muitos anos, do encontro com minha análise pessoal e das

muitas questões essenciais advindas dessa experiência e de uma mudança que tem-se processado, gradualmente, no meu trabalho clínico nos últimos anos, muitas interrogações emergiram.

Através do acompanhamento de minha análise pessoal do processo de produção desse trabalho, pude perceber - com grande impacto - que percorrer o percurso de Perls e o da Gestalt Terapia era um pretexto para que eu pudesse ir formando, progressivamente, uma configuração do meu próprio. E poder formar "uma gestalt", através dos elos fornecidos pelo trabalho interpretativo, dentro da situação analítica.

6. De modo que, como a situação terapêutica é necessariamente atravessada pela fala e dados os objetos de interesse que foram recortados, posso dizer que esse trabalho é *dedicado* à palavra.

E, para persegui-la ou ser por ela capturada sou, simultaneamente, arqueiro, flecha, alvo, movimento e suspense. A que desenhos esse cenário mutante - o arco, a flecha e o desejo - me levou?

Pois que, a palavra: desvio necessário, encanto desatinado, avesso arrevesado - tentativa. Impressão, expressão. Também, formas de pressão. Encobrimento, desvelamento. Súbita nudez. Impossível ser, sem ela. Possível não ser, com ela. Debruçar-me sobre a palavra. Eu que me embaralho nelas, e nelas e por elas me esclareço. Mas isso só às vezes. É quando me vem, ou as tenho ou elas me tem na medida, numa espécie de precisão sentida, vivida, deflorada e aflorada. São, porém os raros momentos.

Como entender a arte do mergulho ou do estado de ser e dele derivado, do estado de estar, que me permita estar à mercê da raridade, ser uma serva da exata medida de minha honestidade verbal? Entretanto, é adequado usar a palavra "honestidade", se sou atravessada por processos inconscientes e, simultaneamente, desejo ter posse do meu existir, se eu entender "ter posse" como um processo consciente?

As palavras, por vezes, me atrapalham quando tento, rigorosamente, editar o meu vivido através delas, descrevendo-o. Então, ao tentar descrever, sigo

o caminho do relato. Ou, na melhor das hipóteses, da prosa. E nesta, quem sabe, da novela. Mesmo nesse caso, como desenovelar novelos, desatar pontos cegos e trazer à luz o sentido, aprisionado e mudo no emaranhado de suas tantas e múltiplas direções?

Ao me inscrever no vivido da palavra que me vem de presente, no presente, sem pedir licença, sigo o caminho do poema. Não posso saber se faço, ou não, nesse caso, um bom poema. Mas, desvencilhada da questão ética-estética do bom-mau ou feio-bonito, posso me debruçar com os cotovelos na janela da experiência poética sem compromisso com a "boa criação", mas perseguindo regras - caso existam - da criação.

Ao tentar analisar, refletir, segundo o rigor de certas categorias e critérios específicos, posso elaborar um ensaio nos moldes da linguagem dita acadêmica ou científica. É necessário que se escolham tipos ou níveis de discurso, ou podem/devem todos eles conviver quando se trata de apreender, analisar e transmitir o "vivido" num processo terapêutico?

O que nos mobiliza para um trabalho, seja no campo da criação artística, seja naquele da ciência, é algo que nos inquieta, nos desequilibra, nos atiça. E que nos coloca numa certa tensão - ou pré-tensão - essencial para promover o movimento. Uma tensão de flecha-no-arco, de inteligência atenta, de coração suspenso num suspense. Arqueiro, flecha, arco e alvo um conjunto em sua singularidade. Porém, nunca se sabe onde esse movimento vai nos levar. Trata-se, pois do desejo. Vitalizado pelas nossas faltas, lacunas e hiatos, que nos movem na direção de contínuas superações de nós mesmos e de nossos sempre incompletos e inquietos saberes.

Meu amplo alvo, o primeiro que, nesse momento, se confunde com meu ponto de partida, meu pretexto/pré-texto, é meu trabalho terapêutico a partir da gestalt terapia. A que texto me levou?

7. Uma ponte.

Estar numa ponte dá um sem-ar de aventura, um medo curioso e uma posição inarredável: impossível ficar lá. Ela se define, naturalmente, como passagem. Tem dupla função. De despedida, e de necessidade de chegada. Coloca, naturalmente, a questão da dupla face. As costas que olham para trás, os olhos que impulsionam para a frente.

Capítulo Um

"Aí estava o mar, a mais ininteligível das existências não-humanas. E ali estava a mulher, de pé, o mais ininteligível dos seres vivos. Como o ser humano fizera um dia uma pergunta sobre si mesmo, tornara-se o mais ininteligível dos seres onde circulava sangue. Ela e o mar. Só poderia haver um encontro de seus mistérios se um se entregasse ao outro: a entrega de dois mundos incognoscíveis feita com a confiança com que se entregariam duas compreensões."

Clarice Lispector - *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*[1]

Gestalt Terapia

A. Origens

Apresentar a gênese e o desenvolvimento da Gestalt Terapia[2] supõe um trabalho de construção e seleção, envolvendo uma proposta de interpretação possível. Isso fica claro ao se consultar a bibliografia referente às fontes e influências, a partir das quais a GT se originou, onde se encontram diferenças entre os autores na maneira de concebê-las.

Para Tellegen, tratar dos aspectos históricos da Gestalt Terapia *"... representa um esforço de síntese - pessoal e seletiva - de informações, espalhadas em várias obras"*[3]. O comentário de Ciornai, a partir dessas diferenças nas configurações das fontes da Gestalt Terapia, de que se deva estar atento para *"... não perder de vista, a mão que sublinha e quando sublinha..."*[4], vai na mesma direção. Juliano também assinala essa divergência, em relação à própria fundação da GT: *"... para alguns, o fundador é Fritz Perls, para outros não se pode falar de um fundador, mas de um grupo de fundadores..."*[5]

Passarei, a seguir, a uma montagem possível, a partir das fontes bibliográficas, de que me servi como referência.

Poderia representar a GT como um espaço em forma de leque, onde estão presentes as várias contribuições teóricas "formadoras" dessa abordagem. Dentre elas, as principais são: os trabalhos de Kohler, Wertheimer, Koffka, Lewin, Goldstein, e Smuts, que são, em seu conjunto, uma proposta de campo, estrutural, não associacionista e holística do fenômeno psicológico; o modelo psicanalítico freudiano mesmo que, em muitos aspectos, pela sua negação, crítica e tentativa de ultrapassá-lo; as propostas ao nível de percepção corporal de W. Reich, Feldenkrais e outros autores. Alguns reconhecem influências de Jung, Adler, Rank e Ferenczi, sendo Karen Horney uma marca importante no percurso de um de seus fundadores. Há, também, a presença de concepções provenientes da filosofia oriental, aliadas às propostas de Friedlaender referentes à integração de opostos; Landauer, um dos teóricos mais importantes do socialismo anarquista, por suas concepções sobre a linguagem. A GT recente encontra nas concepções de Buber, através de seu conceito de encontro, as bases do existencialismo dialógico que lhe

é subjacente. Como amarração desse leque está uma filosofia fenomenológico-existencial. A partir desse conjunto, as variadas combinações de ênfases possíveis definiriam o estilo pessoal do trabalho de cada um, desde que respeitados os eixos básicos de pensamento que o fundamentam. Farei uma rápida incursão, através dessas fontes citadas[6].

Psicanálise freudiana

Escreveu Perls, um dos fundadores da GT, em sua autobiografia:

"... Freud, suas teorias, sua influência, são importantes demais para mim. A minha admiração, perplexidade e vingatividade são muito fortes. Fico profundamente comovido pelo sofrimento e pela coragem dele. Respeito profundamente o quanto ele, praticamente sozinho, conseguiu, dispondo das ferramentas inadequadas da psicologia - de - associação e da filosofia mecanicista. Sou profundamente grato pelo tanto que evolui levantando-me contra ele"[7].

Embora a GT não se restrinja a seus fundadores e muito tenha se desenvolvido desde seu aparecimento no cenário das psicoterapias, há mais ou menos quarenta anos atrás, as marcas deixadas por eles e, principalmente por Perls, são heranças com as quais a GT convive até hoje. E muitas delas com certo desconforto[8].

Não é meu objetivo, nessa introdução, deter-me na relação da GT e, mais especificamente, de Fritz Perls com a Psicanálise. Mas, apenas, situar alguns pontos dessa relação que julgo fundamentais e que, portanto, seriam a base de sustentação de reflexões que se voltem a esse tema.

Basta assinalar que fez parte do percurso de Perls, ter sido analisado por Karen Horney e W. Reich, entre outros. Fez supervisão com Helene Deutsch, A. Hirschman e posteriormente, com Otto Fenichel e com a própria K. Horney. Frequentou seminários de Paul Federn e foi assistente num hospital psiquiátrico, onde Paul Schilder era um de seus chefes[9].

Sua fuga da Alemanha nazista, em 1933, interrompeu seu treinamento como psicanalista, embora tenha feito supervisão com K. Landauer, no período em que esteve na Holanda. Este havia sido, em Frankfurt, psicanalista

de sua mulher Lore (Laura) Perls, elemento também central na construção da GT. Um ano depois, por sugestão de Ernest Jones, estabeleceu-se como analista didata, na África do Sul. E fundou o Instituto Sul-Africano de Psicanálise, em Johannesburg, em 1935[10].

A participação de Perls no Congresso Internacional de Psicanálise, na Tchecoslováquia, em 1936, quando apresentou uma comunicação sobre *"Resistências Orais"*, pode ser considerada um marco no seu afastamento da Psicanálise. Este trabalho foi muito mal recebido. O encontro com Reich, que havia sido seu analista, foi muito frio, sendo que Jones foi dos poucos que lhe deu uma boa acolhida, após esse tempo de isolamento na África do Sul. Nessa ocasião, teve seu primeiro (e único) encontro com Freud, do qual saiu extremamente desapontado. A esse episódio remetem-se comentários como esses em sua autobiografia:

"... - você não pode fazer isso comigo. É isso que ganho em troca de minha lealdade nas discussões com Kurt Goldstein (...) Mesmo nos últimos anos, com a mente muito mais equilibrada, esta continua sendo uma das quatro principais situações inacabadas da minha vida"[11].

De modo que este Congresso foi uma "virada" na vida de Perls, conforme testemunhou sua própria filha[12].

"Depois de 1936, procurei me reorientar. As malditas e contidas dúvidas sobre o sistema freudiano se espalharam e me envolveram todo. Tornei-me um cético, quase um niilista - um negador de tudo"[13].

Para Tellegen, data dessa época o início de seus ataques à Psicanálise[14],

"... Pois, afinal, Freud, eu lhe dei
Sete dos meus melhores anos"[15].

O trabalho sobre *"Resistências Orais"* deu origem a seu primeiro livro, considerado um dos clássicos da GT, intitulado: *"Ego, hunger and agression"*. Foi editado pela primeira vez, em 1942, em Durban, na Inglaterra em 1947, e nos Estados Unidos em 1969. O sub-título da obra era "Uma revisão da Teoria e Método de Freud", que foi substituído na re-edição de 1969, por - "O início da Gestalt Terapia"[16]. O alcance do rompimento com os freudianos foi percebido

quando entregou a Maria Bonaparte, amiga e discípula de Freud, o manuscrito dessa obra. Ao devolvê-lo,

"... ela me deu o tratamento de choque que eu precisava. Disse: 'Se você não acredita mais na teoria da libido, é melhor apresentar sua renúncia.' (...) Não pude acreditar nos meus ouvidos. Uma abordagem científica baseada numa profissão de fé?"[17].

Entretanto, paradoxalmente, podemos seguir confissões como essas, a partir de sua reação à superficialidade religiosa de seus pais, judeus assimilados:

"Eu não conseguia estar de acordo com essa hipocrisia, e bem cedo me declarei ateu. Nem ciência nem natureza, nem filosofia nem marxismo conseguiram preencher o vazio de um lar espiritual. Hoje sei que esperava que a psicanálise fizesse isso por mim"[18]. e

"... Eu havia tentado fazer da psicanálise... minha religião. A minha relutância, então, em acompanhar a abordagem de Goldstein não era por lealdade a Freud, mas por medo de mais uma vez ficar sem apoio espiritual"[19].

Entretanto, seu livro havia causado uma reação positiva em alguns profissionais de renome, entre eles Karen Horney, Erich Fromm e Paul Goodman. O objetivo dessa obra era utilizar as concepções teóricas que possibilitavam uma crítica ao associacionismo, que era dominante na época. Escreve no início do primeiro capítulo dessa obra:

"Quase não existe uma esfera de atividade humana onde a investigação de Freud não tenha sido criativa, ou, pelo menos, estimuladora. Para ordenar as relações entre múltiplos fatos observados, ele desenvolveu grande número de teorias que, no seu conjunto, formam o primeiro sistema de uma psicologia genuinamente estrutural"[20].

Sua tentativa é, a partir dos novos instrumentos teóricos, tratar do que julga deficiências do sistema psicanalítico. Desse modo, define seus propósitos de substituir: a abordagem dos eventos psicológicos como se fossem desconectados do organismo, por uma abordagem organísmica; o emprego da psicologia linear de associação pela psicologia da gestalt; e o descuido do

fenômeno de diferenciação pela aplicação do pensamento diferencial, a partir da concepção de "indiferença criativa" de S. Friedlaender.

Dessa nova proposta teórica deriva-se uma técnica terapêutica, onde substitui, *"... o método de associações livres ou do fluxo livre de idéias pelo antídoto da evasão, ou seja, pela concentração"*[21], desde que supõe que a evasão é o sintoma central das perturbações psíquicas. Daí a terceira parte do livro intitular-se: "Terapia da concentração", nome provisório do que viria a ser a Gestalt Terapia.

Na introdução a edição de 1969, Perls considera grande parte do material histórico desse livro desatualizado. Entretanto, as concepções sobre o significado da agressão mal dirigida são mantidas, bem como - e isso é o principal - a perspectiva básica que o norteia, substituindo a arbitrariedade que considera estar presente no pensamento causal, pelo exercício do pensamento diferencial e funcional[22]. Tal proposta continua válida e fundamental pois, é a partir dela que, *"... podemos conseguir certa orientação nas múltiplas funções e energias que constituem nossa existência"*, como já havia escrito em 1942[23].

"Ego, hunger and agression" pode ser considerado, segundo Laura Perls, que escreveu dois de seus capítulos, um marco na mudança: do ponto de vista histórico-arqueológico, presente nas concepções freudianas, para uma abordagem existencial-experimental; de uma proposta associacionista, para uma proposta holística; de um trabalho voltado para o verbal, a uma consideração do organismo como um todo; da definição de ego como "instância" psíquica, segundo a tópica freudiana, para uma definição em termos de processos e funções relacionais; da interpretação como instrumento, para a presentificação imediata no aqui-e-agora; e, como derivação dessas concepções, da transferência, para a ênfase no contato como tal[24].

Embora significasse um primeiro movimento na passagem da Psicanálise para uma abordagem gestáltica, e suas propostas necessitassem maior elaboração, continha já a perspectiva básica que haveria de estar presente em toda a produção teórica futura.

Perls e Laura emigraram para os Estados Unidos na década de 40 e foi, principalmente, Erich Fromm quem ajudou Perls a se estabelecer como psicanalista, em Nova York, em 1946, onde ele e sua mulher se envolveram com um grupo neo-freudiano. Nesse grupo estavam, além de Fromm, Clara Thompson, e outros membros da Escola de Psiquiatria Washington, o posterior Instituto Psicanalítico William Alanson White, que seguia a orientação de Harry S. Sullivan. A pertinência a esse grupo teve curta duração. Para Shepard, tanto no âmbito do trabalho - Perls utilizava ainda o divã, mas cada vez mais introduzia o trabalho cara a cara, como ampliava sua atuação para grupo - como na sua forma de vida, distanciava-se cada vez mais dos psicanalistas[25].

Vale lembrar que nos anos 20, em Berlim, Perls fizera parte do grupo "Bauhaus", formado por intelectuais e artistas, cujo ponto de convergência eram posições políticas radicais de questionamento da ordem estabelecida, e a busca de novos valores e formas de vida. Em Nova York, vinte anos depois, ele e sua mulher pertenceram a grupos dissidentes cujo "espírito" era muito semelhante. A diferença era que, como diz Tellegen, *"... Perls e Laura pertenciam a uma geração mais velha e, como analistas europeus, davam um certo peso ao grupo"*[26]. Desse grupo faziam parte componentes do *Living Theatre* de importância especial para Perls, que havia sido ator em sua juventude, experiência marcante que iria influir, posteriormente, em seu estilo como terapeuta[27].

A relevância em situar esse grupo de pertinência reside, principalmente, em apresentar seu elemento mais influente, através do qual os Perls foram nele introduzidos: Paul Goodman, de importância central na história da Gestalt Terapia. Para Shepard, além da rejeição do Instituto White em admitir Perls como membro, foi o encontro com Goodman e seu grupo, o fato de maior peso para afastá-lo da prática clínica convencional.

Petzold, num dos textos, a meu ver, mais instigantes e férteis para futuras pesquisas sobre as fontes da GT, diz o seguinte: *"A gestalt terapia é em sua própria essência e âmago uma terapia européia e é por isso que os americanos a entenderam tão pouco*[28]*"*. Desse conhecimento insuficiente das bases filosóficas e teóricas da GT,

"O fato mais surpreendente é que um dos fundadores da Gestalt Terapia, o homem que escreveu o texto teórico mais importante dessa terapia - Paul Goodman - é muito pouco conhecido em sua obra psicológica, literária ou filosófica entre os gestalt terapeutas americanos"[29].

Esse autor é a contribuição mais importante do que seria a *vertente americana* no conjunto das influências que deu origem a GT. Laura Perls não deixa dúvidas sobre isso:

"Mais crédito é devido a Paul Goodman sem o qual não teria havido uma teoria coerente de Gestalt Terapia como a que está formulada na segunda parte do Gestalt Therapy: Excitement and Growth in the Human Personality"[30].

Trata-se do segundo livro clássico[31], publicado em 1951, por Fritz Perls, Paul Goodman e Ralph Hefferline. As propostas teóricas apresentadas dez anos antes, melhor elaboradas, formaram um corpo teórico mais coerente, que se expressou, para Laura Perls no *"... livro básico que ainda hoje considero indispensável para uma plena compreensão da gestalt terapia"*[32].

Esse livro[33] divide-se em duas partes, claramente diferenciadas, nomeadas livro um e livro dois. Hefferline, professor de Psicologia na Universidade de Columbia, colaborou no livro um, a partir dos exercícios de "terapia da concentração" - nome provisório da GT desde a primeira obra - que havia experimentado com seus alunos. Relata resultados e apresenta concepções teóricas que serão melhor desenvolvidas no livro dois. Além disso, propõe-se a uma relação direta com o leitor - *"... tentaremos falar com você, como se nós estivéssemos face a face"*[34] - sugerindo-lhe exercícios dirigidos para serem executados por ele mesmo, sozinho.

"Enquanto você estiver trabalhando na parte prática leia uma vez a segunda parte do livro sem se preocupar com quanto você conseguirá entendê-la"[35],

dizem os autores em sua introdução. Supondo que suas propostas distanciam-se muito do modo usual de pensar, o leitor teria dificuldade em assimilá-las rapidamente, a menos que já estivesse familiarizado com o ponto de vista gestáltico. Hefferline, portanto, colabora no livro com uma parte substantiva, que

pretende "preparar" o leitor para a teoria mais elaborada, que vem a seguir. Entretanto, não encontrei espaços específicos dedicados a ele na literatura.

Este livro se originou de um manuscrito escrito por Perls. A idéia inicial era que Perls escreveria, junto com Hefferline, sobre os exercícios da primeira parte e com o volume enorme de anotações e idéias que possuia, completaria a segunda parte, cujo formato final caberia ao talento literário de Goodman. Com os compromissos frequentes de Perls na Costa Oeste, o que ocorreu de fato é que Hefferline fez toda a primeira parte e Goodman quase toda a segunda. De Perls vieram as idéias e o título. Esta é a versão apresentada por Shepard[36]. Sendo que os autores, em sua introdução, colocam o texto como um esforço de cooperação e responsabilidade dos três.

From nos possibilita algumas informações adicionais e importantes. Para publicar seu manuscrito que deveria, para tal, ser modificado, num Inglês legível, Perls recorreu a Goodman e pagou-lhe uma quantia para realizar o trabalho. Goodman teria percebido a falta de uma teoria coerente no manuscrito e teve permissão de Perls para articulá-la. Isto se transformou na segunda parte do livro - "*Novidade, excitação e crescimento*". A idéia inicial era que essa parte fosse a primeira. Mas o editor imaginava que a parte experiencial de exercícios dirigidos, vindo antes, ajudaria a vender o livro. "*O volume do "faça você mesmo", que era essencialmente o manuscrito modificado de Perls... deveria vir primeiro, já que isso venderia o livro*[37]"

De qualquer forma, não é à toa, que o livro se compõe dessa forma, com um volume dedicado a relatos de experiências e propostas de experimentos[38] e outro mais teórico. Esse método de apresentação, através da composição dessas duas partes - uma "mais experiencial", outra "mais teórica" - expressa as concepções expostas no texto. Portanto, uma compreensão adequada da proposta do livro só pode ser obtida através do conjunto[39]. Dizem os autores na introdução a essa obra:

"Indispensável - seja para a escrita como para a rigorosa compreensão desse livro - é uma atitude que como uma teoria realmente permeia o conteúdo e método do livro. Portanto o leitor é aparentemente confrontado com uma tarefa impossível: para entender o livro ele deve ter a

mentalidade"Gestáltica", e para adquiri-la ele deve entender o livro. Felizmente, a dificuldade está longe de ser insuperável, pois os autores não inventaram tal mentalidade. Pelo contrário, nós acreditamos que a perspectiva gestáltica é a abordagem original, não deformada e natural da vida; ou seja, do sentimento, ação e pensamento humanos"[40].

Aqui temos definida, mais do que uma proposta, uma posição próxima a uma crença: a partir dela, trata-se de facilitar aos que tenham se desviado desse "movimento natural", para que possam tê-lo de volta. Escreve Perls:

"Tenho sido frequentemente chamado de fundador da Gestalt-terapia. Isso é um engano. Se quiserem me chamar de descobridor ou redescobridor da Gestalt-terapia, tudo bem. A gestalt é tão velha quanto o próprio mundo"[41].

Em *"Gestalt Therapy - Excitement and Growth in the Human Personality"*, o nome Gestalt Terapia surgia pela primeira vez. Não houve concordância sobre como batizar a nova proposta terapêutica: Laura supunha que tinha pouca relação com a Gestalt acadêmica; Goodman achava o nome esotérico e Hefferline sugeria "Terapia Integrativa". Venceu, porém, a proposta de Perls. E em 1952, Laura e Perls fundavam o "Gestalt Institute of Nova York". A nova proposta terapêutica se oficializava.

De repercussão reduzida de início, foi-se desenvolvendo gradualmente. Perls começou a viajar pelos Estados Unidos, começando a ser a *vertente itinerante* de divulgação, enquanto Laura e Goodman, sediados em Nova York, lideravam intelectualmente o Instituto, secundados por Paul Weiss. Aos poucos, a relação de Perls com esse grupo foi-se tornando cada vez mais difícil, onde era criticado por suas idéias e atividades. Havia clara rivalidade com Goodman, de tendências mais intelectuais e acadêmicas do que Perls e por isso mesmo mais próximo ao "estilo" de Laura[42], de quem inclusive foi cliente.

Perls vai para Miami, em 1956. Seu trabalho itinerante daria origem a futuros Institutos de GT em Cleveland, Los Angeles e San Francisco. Nesse período, pode ter contato com profissionais que haveriam de impressioná-lo: Charlote Selver (conscientização corporal) e Moreno (psicodrama); orientou-se

para o zen-budismo através de Paul Weiss, seu colega de Nova York e ainda estudou dianética com Arthur Ceppos.

Se se considerar que a GT "é filha", como diz Ribeiro[43], de Perls e Laura, parece que o fruto revela as tendências divergentes e, eventualmente, complementares de ambos. E um certo *jogo de forças*, desde o início, que talvez tenha passado como desconfortável herança para as gerações futuras. Embora Perls tenha reconhecido, em sua autobiografia, as contribuições específicas de Laura, Kogan considera que ele *"... efetivamente atribui a Laura um papel secundário no desenvolvimento da Gestalt Terapia"*[44]. Entretanto, esse e outros autores a nomeiam, co-fundadora da GT[45]. From assinala que a primeira edição de "*Ego, Hunger and agression*", publicado na Inglaterra, foi dedicado a Laura, sendo uma forma de marcar sua contribuição no livro, para o qual escreveu dois capítulos. Entretanto, na segunda edição americana, Perls mudou a dedicatória, e dedicou o livro a Wertheimer que *"... certamente não teria querido essa dedicatória. Desse modo, iniciou-se a reelaboração da pré-história e história da Gestalt terapia"*[46].

Para Kogan seria muito útil para GT que se elaborasse uma biografia de Laura. O pouco espaço a suas contribuições na literatura especializada se deveria, para ele, a duas razões. Primeiro, o fato de ter assinado poucas publicações, sendo uma minoria que conheceu seu trabalho de perto; outra razão é que a GT foi realmente reconhecida, como uma nova psicoterapia, em 1963, quando Perls fundou o Esalen Institute, na California. Laura estava em Nova York, longe do "movimento de potencial humano" que ali afluia, naquele momento. Muitos procuravam Esalen para trabalhar e estudar com Perls, que nessa época era conhecido como o criador da GT, posição que ele reforçava.

Não é meu interesse me ocupar das características pessoais de seus fundadores, mas apontar uma certa *dicotomia*, um certo *conflito*, a meu ver, presente, no seio da GT, desde sua concepção, até os dias de hoje. E não necessariamente, bem resolvido. Há a GT da Costa Leste e a GT da Costa Oeste[47]; há o intuitivo e o experiencial de um lado, o teórico de outro; há o estilo de Perls e a preocupação em se apontar que a GT não se restringe a ele[48]; há o trabalho episódico e o trabalho de longa duração; e há tentativas de se sanar os mal-entendidos espalhados por aí[49].

Portanto, foi na década de 50, que o afastamento da Psicanálise freudiana, que vinha se processando, de modo gradual, há muito tempo, concretizava-se teórica e institucionalmente.

Parece-me pertinente ter iniciado uma apresentação geral das fontes da GT através dela. Para Kogan, a Psicanálise forneceu a Perls uma base teórica para todo seu pensamento posterior e constituiu um constante eixo de referência na sua obra. Essa afirmação é facilmente constatada, consultando-se a literatura gestáltica, seja seus livros clássicos, como a produção subsequente, onde a psicanálise - notadamente, as concepções freudianas - é um constante interlocutor, que serve de contraponto a suas posições teóricas, tanto para nomear semelhanças, como para apontar diferenças.

Embora Kogan considere que Perls tenha desenvolvido um ponto de vista sobre a etiologia das neuroses bastante diferente do da teoria psicanalítica clássica,

"... em princípio ele não discordava dos principais postulados freudianos e... seu foco era originariamente menos teórico e mais aplicado e behaviorístico. Correlacionando-se, este, ao conceito de gestalt emergente, com sua ênfase no como e não no porquê, e no aqui e agora"[50].

Entretanto, mesmo sem desprezar as discordâncias *"... a teoria psicanalítica foi para Perls a principal base sobre a qual ele constituiu sua compreensão do comportamento humano"*[51]. Tellegen tem um ponto de vista semelhante:

"... por mais que algumas das suas afirmações nos últimos livros possam sugerir o contrário, o pensamento de Perls não pode ser entendido a não ser a partir de suas raizes na Psicanálise"[52].

E Petzold sintetiza de modo radical, afirmando que Perls *"... permaneceu sob certos aspectos um psicanalista até o fim de sua vida, e acho que esta não era sua pior parte"*[53].

Essas afirmações podem fazer sentido em função do que foi exposto anteriormente. Fica a questão: caso sejam válidas, que consequências para o desenvolvimento da GT provocou a herança psicanalítica de seu mais marcante fundador?

Pós-freudianos

Apesar do caráter artificial dos "cortes" que esses sub-títulos promovem, desde que influências não se processam de modo departamentalizado, escolhi essa alternativa de apresentação, pois me facilita apontar, em cada tópico, o que entendo como mais relevante.

A falta de uniformidade entre os autores que tentam desenhar um retrato das influências que formaram a GT é clara no tópico dos pós-freudianos. Polster[54] cita Jung, Adler, Rank e Reich; Petzold[55] refere-se a Reich, Karen Horney, Otto Rank, Helmut Kaiser, Ferenczi "e outros"; Simkin e Yontef[56], a Reich e Horney, como influências diretas e Rank "e outros", como indiretas, acentuando a contribuição de Reich; Kogan[57] nomeia Horney e Reich; Shepard[58] e Tellegen[59] acentuam influências de Reich.

A presença de **Reich** é, pois, autenticada por todos e parece ser a mais significatica, se nos reportamos às referências diretas feitas a ele nos textos de Perls. Teve um contato direto com Perls, como também com Goodman, pois foi analista de ambos, em épocas diferentes[60]. Perls também participou de seus seminários. Shepard considera que, depois de Freud, Reich é a segunda marca no desenvolvimento do estilo psicológico de Perls[61].

Sua contribuição mais essencial para a GT é a descoberta e identificação de tensões musculares e formação de caráter. Ou seja, conceber as resistências psíquicas em termos de "couraça muscular" e, portanto, identificando-as enquanto manifestação corporal. A marca decisiva de Reich foi enfatizar que a dinâmica do conflito é melhor apreendida através da maneira do paciente comunicar-se, do que através do conteúdo apresentado. Do ponto de vista terapêutico, a observação da atitude atual do paciente era privilegiada. Escreve Perls em sua autobiografia:

"... ainda assim, é claro, ele analisava e fazia os usuais jogos de justificativas genéticas. Mas com ele, a importância dos fatos começa a definhar. O interesse nas atitudes passou mais para o primeiro plano. Seu livro, A análise do Caráter, foi uma contribuição fundamental"[62].

A ênfase na *observação* e a preparação contínua para seu exercício é uma marca definitiva presente na atitude e método próprios da GT. Vinte anos antes, Reich era homenageado na introdução do "*Gestalt Therapy*":

"... nós somos profundamente gratos a Reich por ter trazido à terra a noção tão abstrata de Freud de repressão. A idéia de Reich da couraça muscular é sem dúvida a contribuição mais importante à medicina psicossomática desde Freud"[63].

Tellegen aponta que o conceito introduzido por Perls de "retroflexão" designa uma retenção de impulsos por contração muscular, no sentido oposto ao da ação desejada. A couraça muscular, seguindo essa terminologia, seria um estado crônico de retroflexão. Mas Perls não usava o termo "couraça muscular", por preferir uma linguagem que indicasse processos e funções. Entretanto,

"... uma diferença fundamental é que Perls não seguiu Reich na concepção do restabelecimento da função orgástica como foco principal da terapia e formulava o resultado desejado do processo terapêutico em termos de auto-regulação, qualidade de contato e capacidade de ajustamento criativo"[64].

Sua teoria de auto-regulação organísmica aproxima-se de Goldstein, cujas idéias foram marcantes na construção do pensamento da GT. Com Reich, as resistências passaram, portanto, a ser concebidas como funções organísmicas totais, o "corpo" começou a fazer parte direta do trabalho terapêutico e a concepção do contato entre terapeuta e cliente foi obviamente modificada, em relação a psicanálise ortodoxa. Tudo isso está na base da prática gestáltica.

Entretanto, o significado da couraça muscular é um ponto de divergência. Perls, Hefferline e Goodman consideram que sua função é a de um "cordão de isolamento" ("cordons sanitaires")[65] que tem por função proteger o indivíduo das explosões de dentro, e não são uma defesa ao ataque proveniente do ambiente como, segundo eles, supunha Reich. Para esses autores, quando uma

necessidade organísmica é censurada, o *self* volta sua atividade criativa, na forma de agressão, contra o impulso rejeitado, dominando-o. Uma pessoa teria uma luta terrível com seus próprios impulsos, não fosse a habilidade do organismo de formar automaticamente esses cordões de proteção[66].

Há, entretanto, um acordo total com a proposta de Reich de mudar a ênfase da recuperação do "reprimido" para a reorganização das forças repressoras, embora acreditem que a recuperação do *self* não se restrinja à dissolução da couraça muscular. Perls, posteriormente, reforça a discordância sobre a concepção da couraça muscular, nomeando a função implosiva que os músculos assumem nesse caso. Apresenta outras objeções: nas concepções reichianas as emoções seriam agentes perturbadores, dos quais o organismo deveria se livrar, daí a técnica estar voltada a essa liberação. Estes rompimentos colocariam fora um material, considerado como um corpo estranho e não, como algo a ser assimilado, promovendo uma oportunidade de crescimento. Entretanto, essas objeções teriam pouca importância, considerando a enorme contribuição de Reich ao ter aberto caminho a uma abordagem holística, conclui o próprio Perls[67].

Perls, Hefferline e Goodman consideram, no entanto, que a GT propicia uma abordagem ligeiramente melhor que a de Reich. Em Freud, tratava-se de se ocupar *do que* estava reprimido; em Reich, *como* reprimimos. Nesse caso, a atividade do terapeuta era dirigida, seja para interpretar, seja para "sacudir" o paciente. O ponto de vista gestáltico teria condições de facilitar um trabalho mais integrado. Se a interação criativa com o meio está, no neurótico, interrompida e, portanto, o jogo de necessidades e satisfações não se opera de modo saudável, há a estereotipia de comportamentos, traduzida em hábitos, cujos processos de produção e organização o indivíduo não tem condição de acesso consciente. O enfoque gestáltico é restaurar a memória e desvendar esses processos através da *atenção* ao que está na *superfície*, pois é no óbvio que podemos encontrar a personalidade inacabada. Dessa forma, a proposta é que o indivíduo possa experienciar e desenvolver seu *self* através dos recursos à sua disposição: sua capacidade disponível de *awareness*[68] em situações experimentais[69].

As propostas reichianas iam de encontro à atenção, postura, tom de voz e movimento, que Perls havia aprendido em sua adolescência, no teatro de Max Reinhardt. A visão integrada das palavras, gesto e ação que esse diretor

exercitava, sua atenção às sutilezas de tons de voz e dissonâncias, casadas com a abordagem reichiana, possibilitavam uma *"... fenomenologia mais vigorosa..."*, para usar as palavras de Polster[70]. Enfim *"... de Reich recebi ousadia..."* reconhece Perls[71]. Com certeza foi um passaporte autenticado, entre outros, para a mudança radical que a GT promoveu no modo de se conceber a relação terapeuta-cliente, bem como nos objetivos da terapia.

É importante assinalar, no entanto, que a atenção e a ênfase da GT à percepção corporal foi, anteriormente ao impacto das contribuições reichianas, devida à experiência de Laura Perls com dança moderna, euritmia, dos seus estudos sobre movimento expressivo e criatividade e de sua atenção aos métodos de Alexander e Feldenkrais, anterior ao aparecimento da Bioenergética e outras terapias corporais.

"Trabalhar com respiração, postura, coordenação, voz, sensibilidade e mobilidade se tornaram parte do meu estilo terapêutico já desde os anos 30, quando ainda nos chamávamos psicanalistas"[72].

Karen Horney foi uma figura, sem dúvida, marcante para Perls. Sua primeira analista, em 1926, em Berlim, transformou-se num ponto de referência, a quem recorreu em muitos momentos à busca de orientação pessoal e profissional. *"... Karen Horney, uma das poucas pessoas em quem realmente confiava"*[73]. Sua segunda analista, em Frankfurt, era discípula dela. Foi ainda Horney, quem posteriormente o encaminhou para Reich e muitos anos depois, deu seu apoio não só à sua primeira publicação, como a seu estabelecimento profissional nos Estados Unidos, na década de 40. *"... de Horney* (recebi), *envolvimento humano sem terminologia"*[74].

Num quadro das influências européias sobre Perls, Kogan reserva espaço, apenas para Reich e Horney, entre os pós-freudianos; Simkin e Yontef citam ambos como influências diretas, enfatizando Reich; Petzold faz referências a ela. Polster nem a cita e Tellegen e Shepard embora a nomeiem, não a colocam entre as influências centrais. De modo que não há consenso em sublinhar sua importância. Mesmo que apareça, não há referências diretas a suas concepções teóricas, como no caso de Reich. Do meu ponto de vista, seria muito útil e necessário para o entendimento da formação de bases teóricas e da concepção da

relação terapeuta-cliente na GT, se nos detivéssemos nas contribuições do pensamento de Horney. Também seria interessante do ponto de vista do movimento atual de retorno à Psicanálise, presente na bibliografia recente da GT. Quando Perls submeteu-se à psicanálise com ela, em 1926, ela já era reconhecida pelas inovações que propunha à orientação freudiana. E sabemos que, posteriormente, romperia com a doutrina clássica e criaria sua própria escola[75].

Embora Petzold, das fontes que consultei, seja o único que se reporta a **Ferenczi**, dedica-lhe um espaço razoável, na sua argumentação de como estaria articulado a GT por várias vias. Landauer, analista de Laura e também supervisor de Perls, recebeu influências de Ferenczi. Hirschman, que foi supervisor de Perls, era discípulo de Ferenczi. Como tinha um estilo mais aberto de supervisão, permitia-lhe expor questões pessoais da maior relevância[76], trabalhando a relação fantasia-realidade de uma forma mais direta na situação terapêutica. Isso certamente influiu nas concepções de trabalho aqui-e-agora presentes na GT. Diz-nos Petzold:

"Se vocês investigarem a técnica ativa de Sandor Ferenczi, é quase o mesmo que em Gestalt terapia. Tocar as pessoas, preocupar-se com elas, evocar sonhos e fantasias, fazer pequenas encenações"[77].

O trabalho cara a cara, olhos nos olhos do cliente, a postura de cuidar diretamente, a importância da observação estão, de fato, na base da prática gestáltica. Quanto ao papel do terapeuta, Perls, Hefferline e Goodman consideram que,

"... é semelhante ao que o químico chama um catalizador, um ingrediente que precipita uma reação que de outro modo poderia não ocorrer"[78].

Embora não dirija a forma da reação, dá início ao processo e alguns processos - como acreditam ser o caso da terapia - uma vez começados, podem auto-manter-se ou são auto-catalíticos. Petzold considera que essa afirmação vem diretamente de Ferenczi, para quem o terapeuta era um "fermento catalizador". Para esse autor, basta consultar suas obras posteriores para ver ali apresentado, claramente, o método da GT. E há, ainda, seu depoimento pessoal: o próprio Petzold fez análise com um discípulo de Ferenczi e ao experimentar, posteriormente, a GT, surpreendeu-se com suas semelhanças.

O interesse nessa apresentação de Petzold é a articulação que faz entre o movimento atual da GT e Ferenczi. Colocando-o como o criador da teoria do narcisismo ou teoria das relações objetais, teria influenciado através de Michael Balint e Melanie Klein, Winnicott e Kohut. Sabemos que Melanie Klein foi cliente de Ferenczi. E, nos dias de hoje, muitos gestalt terapeutas procuram sanar deficiências no corpo teórico da GT, recorrendo aos teóricos das relações objetais. Petzold considera que, embora haja diferenças na teoria do *self* de Goodman e Perls, em relação a Kohut, sua integração é, no entanto possível.

Desde que a metodologia e técnica da GT em muito se aproxima das concepções e métodos de trabalho de Groddeck e Ferenczi, Petzold acredita que o que está ocorrendo é um *retorno* a teorias que estavam na origem da GT. Entretanto,

"É surpreendente ver que os gestalt terapeutas americanos estão encontrando o caminho de volta a teorias que estavam na origem da Gestalt sem que tenham consciência desses fatos"[79].

Todas essas afirmações são, no mínimo, *polêmicas*[80].

De **Rank** não foi a teoria do trauma do nascimento que exerceu sua influência, segundo Polster[81], mas sua concepção de que o conflito básico do indivíduo está no processo de sua individuação, e na temática de separação e união que ele significa: a separação, significando risco de perda de relação com a alteridade, a união, o risco de perder a individuação. É uma resistência construtiva, resistir à escolha de uma dessas opções, podendo-se, assim, conduzir à uma nova integração criativa entre ambas as forças. Também na GT é fundamental a concepção da resistência como uma força criativa que deve ser mobilizada no trabalho com as polaridades ou contradições.

A segunda influência de Rank foi sua ênfase no reconhecimento dos aspectos humanos da interação terapeuta-cliente, que tem uma contribuição significativa na postura fenomenológico-existencial que caracteriza a GT, como também no movimento denominado "humanista", no geral.

Perls, Hefferline e Goodman reconhecem Jung e Rank, entre os que acentuam a expressão criativa como meio de reintegração e sublinham a concepção de Rank, de que o ato criativo é a saúde psicológica em si[82]. De modo que uma intersecção importante entre a GT e Rank deve ser encontrada na ênfase de ambas as orientações no aspecto criativo presente no trabalho terapêutico. Considerando-se que "ajustamento criativo"[83] do indivíduo ao meio é um conceito central na GT e levando-se em conta que Rank é uma exceção nomeada por aqueles autores na crítica que fazem à psicanálise e à maioria de seus seguidores quanto à sua noção de consciência - e sendo essa uma questão central nas concepções teóricas e metodológicas da GT - podemos dimensionar a proximidade entre esses autores[84]. Também foi Rank o primeiro a usar a expressão *aqui-e-agora* e sua influência sobre Goodman *"... é evidente no texto do Gestalt therapy"*[85].

Jung e Adler são citados apenas por Polster[86]. De **Jung**, a GT teria herdado a concepção da bipolaridade da personalidade, embora nela não seja elaborada em relação a arquétipos e, ainda, a consideração dos sonhos, como expressões criativas do indivíduo e não mascaramentos inconscientes de experiências vitais perturbadoras.

De **Adler** estaria presente a concepção do homem como um criador consciente de sua própria vida, valorizando o respeito pela criatividade e participação ativa e singular do indivíduo na construção de sua vida. Enfatizava a "superfície" da existência, que é para a GT:

"... o plano pré-determinado da focalização, a própria essência do homem psíquico. Nessa superfície existe a consciência, que dá orientação e confere significado à vida"[87].

Pode-se levantar a questão de como *convivem* referências teóricas *tão diferentes* na GT. Embora não seja meu objetivo, nesse momento, analisar esta questão, julgo pertinentes as considerações de Prado voltadas a ela. Segundo esse autor, o que de comum Perls capta dessas formulações pós-freudianas, é o *ponto de ruptura com Freud*[88]. Utilizando a linha de pensamento de Marcuse, resume o que de fundamental este diz sobre as restrições dos vários revisionismos a Freud: a

tendência deste a ignorar a relação com o meio na elaboração das neuroses e na configuração da personalidade.

"Vítima de um preconceito biológico, Freud superestimaria o passado filogenético e ontogenético do indivíduo, fixando de maneira injustificadamente precoce o seu destino, radicando-o desnecessariamente na esfera primária da sexualidade. A esse preconceito biológico-genético-instintivista, os revisionistas opõem a evidência da circunstância presente na configuração da personalidade, transpondo a ênfase da ordem do biológico e do inconsciente para a ordem do cultural e do consciente, da gênese interna do indivíduo para a dialética que o integra a seu ambiente"[89].

Quando surgiu o primeiro livro clássico de GT já havia muitas revisões da teoria freudiana, incluindo idéias de Horney, Fromm e Sullivan. Yontef considera, entretanto, que essas revisões ainda faziam parte da tradição do modelo médico e psicodinâmico. E assinala que, embora Perls tenha-se reportado à Psicanálise, à abordagem fenomenológica-existencial e ao operacionalismo behaviorista, apresentou uma contribuição original usando *"... uma visão ampliada da psicologia da Gestalt para seu modelo"*[90], propondo um ponto de vista holístico semântico, definido na introdução a sua primeira obra. Segundo Yontef, *"... por semântica (significado do significado) Perls parecia significar a especificação de referências comportamentais concretas para toda terminologia"*[91].

Psicologia da Gestalt, teoria organísmica de K. Goldstein e holismo de Smuts

"Depois de 1936, procurei me reorientar", diz Perls em sua autobiografia, no início de seu afastamento da Psicanálise[92]. Nesse momento, começa a fazer uso da convivência que havia tido com outras correntes intelectuais, no período que esteve em Frankfurt, na década de 1920. Entre elas, a dos existencialistas Buber, Tillich, Scheler, embora seu envolvimento, na época, com a psicanálise não tivesse permitido que estabelecesse um vínculo mais estreito com a proposta existencialista. Tinha, entretanto, ficado algo central: a proposta básica da filosofia existencial, de que cada um assuma responsabilidade pela criação da própria existência.

No entanto, apesar da abordagem anticonceitual e pró-fenomenológica, nenhuma filosofia existencial parecia, para ele, ser auto-

suficiente: Tillich apoiava-se no protestantismo, Buber no hassidismo, Marcel no catolicismo, Sartre no comunismo, Heidegger na linguagem, Biswanger na psicanálise. Perls procurava um modo de ver o mundo, não através do recorte fornecido por algum conceito, mas *"... onde possamos entender a tendenciosidade de se conceitualizar"*[93]. Foi esse o sentido do encontro de Perls com a psicologia da Gestalt, pois ela parecia-lhe responder às questões formuladas anteriormente: a proposta gestáltica significava não uma construção teórica, mas a nomeação de algo próprio à natureza.

É na psicologia da Gestalt e na teoria organísmica de **Kurt Goldstein** que encontramos os instrumentos teóricos mais reconhecíveis na linguagem das reformulações teóricas propostas por Perls[94]. Em sua primeira obra, que se propunha a ser *"Uma revisão da teoria e método de Freud"*, como consta no sub-título, a perspectiva holística era o ponto de vista básico. Tanto que a primeira parte do livro se intitula "Holismo e Psicanálise".

O movimento intelectual de Frankfurt, portanto, constituiu o ponto central no conjunto de influências a que Perls se submeteu, na década de 20. Proximidade aos existencialistas, contato com a Gestalt e encontro com Laura, sua futura mulher, estudante de psicologia da Gestalt, e futura co-fundadora da GT.

Perls foi introduzido na psicologia da Gestalt por Kurt Goldstein, de quem foi assistente no Instituto de soldados portadores de lesões cerebrais. Lamenta, entretanto, que seu vínculo, na época, com a psicanálise, permitiu-lhe assimilar apenas *"... mais do que uma fração do que me era oferecido"*[95].

Goldstein estudava as consequências comportamentais de lesões cerebrais, a partir das noções básicas da psicologia da gestalt de Wertheimer, Kohler e Koffka. Com **Gelb**, a quem Perls se refere como sendo um ótimo professor[96], descobriu que uma lesão cerebral não só levava a uma disfunção das faculdades relacionadas às partes lesionadas, como a personalidade total sofria uma transformação, regredindo a um estado mais primitivo de desenvolvimento[97].

A Goldstein se deve a concepção de *"...organismo como um todo"*, propondo uma ruptura com a tradição clássica de que temos órgãos de forma isolada[98].

Perls teve contato, principalmente, com o trabalho experimental de Wertheimer e Kohler e, posteriormente, com Kurt Lewin, a quem, segundo Kogan[99], muito se referiu em sua obra[100]. Apresenta a psicologia da gestalt, em seu primeiro livro, através do seguinte trecho de Wertheimer.

"Existem totalidades cujo comportamento não está determinado pelo de seus elementos individuais, mas nelas os processos parciais estão eles próprios determinados pela natureza intrínseca da totalidade. A teoria gestalt espera determinar a natureza dessas totalidades"[101].

Portanto, a contribuição de Goldstein foi que, a partir de sua concepção organísmica,

"... ampliou as bases da Gestalt-psicologia, tomando por objeto não mais funções psicológicas (p. ex., percepção, aprendizagem), mas o organismo como um todo, nas suas funções e ações"[102].

A partir dela, a crítica à dicotomia mente-corpo, que atravessava a maneira usual de pensar, podia ser fundamentada: não é que possuimos um organismo, *"Nós somos organismos..."*[103]. A ansiedade seria o fenômeno exemplar para mostrar, como um ponto de vista orgânico é superior a uma visão puramente psicológica ou física e, é a partir dela, que Perls situa muitas de suas diferenças em relação à psicanálise clássica e mesmo a alguns de seus dissidentes[104].

Ao contrário de debruçar-se sobre o *dado*, perguntando-se *de onde* ou *porque* ele aparece, tentando perseguir elos causais, a abordagem gestáltica pretende captar o *como* um dado fenômeno ocorre. Tomando-o em sua totalidade, volta-se ao modo em que se estabelecem as relações entre suas partes, supondo-se que o todo, diferindo da soma das partes que o compõem, tem propriedades próprias, enquanto conjunto.

E, ainda, trata-se de detectar *em função do quê* se estrutura o todo de uma determinada maneira e não de outra e como se processam as mudanças. Isso significa que o modo de organização dos fatos, comportamentos, percepções ou fenômenos é o que importa e lhes dá singularidade, e não os elementos individuais

que o compõe. Daí gestalt: configuração, estrutura, tema, relação estrutural ou todo estruturado[105].

Segundo a lei da boa forma ou pregnância, será "escolhida" aquela configuração (conjunto organizado de figura-fundo) que tiver uma organização mais estável, mais harmônica, mais econômica e livre de fatores supérfluos. Havendo perturbação desse equilíbrio, ocorrerá uma tendência a reorganização, na medida das condições do campo naquele momento. O princípio da psicologia da Gestalt de que a organização é o dado primeiro, e que ela se atualiza na dinâmica figura-fundo, bem como suas derivações, foram os instrumentos teóricos através dos quais Goldstein abordou os fenômenos da relação organismo-meio. Do seu estudo com portadores de lesões cerebrais, estendeu suas descobertas para o comportamento em geral e para uma teoria da personalidade, sendo a noção de figura-fundo a referência central para se tratar dos aspectos motivacionais e comportamentais, atuantes na seleção que o organismo opera para satisfazer suas necessidades[106].

Dentro dessa proposta é fundamental a concepção de *campo organismo-ambiente,* que define a interação dialética de interferências recíprocas entre ambos[107]. Como as percepções se organizam segundo as leis de formação e destruição de figuras sobre um fundo móvel, o organismo assim se relaciona com o meio no sentido de satisfação de suas necessidades.

Essa concepção de campo é o ponto de vista básico: a partir dela Perls, Hefferline e Goodman consideram que *"... apenas o intercâmbio organismo-meio constitui a situação psicológica..."*[108], que não pode ser concebida tomando qualquer um deles de forma isolada.

Dela se deriva que a noção de *contato* é central e em torno dela gravitam as concepções de desenvolvimento e da psicopatologia. Esse é o sentido de que, na introdução à segunda obra clássica da GT, seus autores afirmem que *"Um dos temas do livro é assimilação"*[109], pois é através do processo de assimilação que o crescimento se dá, com o organismo retirando do meio o que necessita para seu desenvolvimento. Embora considerem a obviedade dessa afirmação, quanto aos processos fisiológicos, aos estágios de assimilação mental, segundo eles, não se tem dado a atenção devida[110].

Cabe aqui abrir espaço para outra influência: **C.J. Smuts**, criador do termo holismo e seu livro *"Holism and Evolution"*, editado em 1926. A segunda parte de *"Ego, Hunger and Agression"*, intitulada "Metabolismo mental" inicia-se com uma citação desse autor e Petzold afirma que muitas concepções de Perls, que parecem originar-se da psicologia da gestalt, são devidas a Smuts e Friedlaender[111]. Por exemplo, não seria surpreendente se o trecho a seguir fosse assinado por Perls; mas, de fato, é de Smuts:

"A personalidade é, assim, um todo ou estrutura mais ou menos equilibrada de tendências e atividades diversas mantidas em harmonia progressiva pela unidade holista da própria personalidade. A personalidade não é apenas um auto-restaurador, mas absorve para seu próprio crescimento uma variedade pretérita de experiências que transmuta e assimila criativamente para sua própria nutrição. Como o metabolismo e a assimilação são funções fundamentais de todos os todos orgânicos, a personalidade absorve e assimila todas as influências sociais e outras que a rodeiam, e faz com que estas contribuam para sua auto-realização holista"[112].

Para Perls, a obra de Smuts oferece um estudo mais facilmente compreensível das totalidades em Biologia e outras ciências, do que os trabalhos dos psicólogos da Gestalt, que requerem uma preparação maior para seu entendimento[113]. E, em sua última obra, a "doutrina holística" é um sub-título no capítulo dedicado aos fundamentos da GT[114].

Considerar um fenômeno no *contexto, campo ou totalidade* da qual faz parte, é um meio de se evitar muitos erros que uma visão isolacionista pode provocar, e esse é um dos aspectos que Perls critica na psicanálise clássica. Reconhece, no entanto, que:

"Freud empregou a psicologia da associação e, apesar dessa desvantagem, atingiu descobertas admiráveis, captando instintivamente certo número de gestalten atrás das associações. O valor das associações não está nas próprias associações, mas sim na existência de esferas específicas das quais fazem parte. (...) Os descobrimentos de Freud incluem "totalidades", tais como o super-ego e o Inconsciente (...) mas, embora ele tivesse rompido com a pura visão

isolacionista descuidou da onipresença de esferas e reconheceu especialmente as que tinham significação patológica"[115].

No livro "*Gestalt e grupos - uma perspectiva sistêmica*", onde Tellegen tematiza a presença da abordagem sistêmica na GT, podemos encontrar um acompanhamento crítico cuidadoso do enfoque de campo na obra de Perls. Essa autora assinala que, apesar das afirmações frequentes de Perls, de que a interação organismo-meio deve ser entendida de modo plural, englobando os aspectos físicos, biológicos, psicológicos e sócio-culturais do campo, em geral, ele utiliza exemplos e um tipo de linguagem que *"... se referem ao que é biológicamente vital"*[116]. Esta afirmação é facilmente constatável na literatura, tanto nos textos de Perls como de seus discípulos, onde é recorrente essa modalidade de exemplos. Para que apontaria tal presença frequente de metáforas digestivas e fisiológicas, parece ser uma pergunta pertinente, cuja resposta se encontre, talvez, na forte influência de Goldstein sobre o pensamento de Perls.

As concepções de Goldstein abrangem duas dimensões: os sistemas internos de compensação fisiológica, funcionando como uma estrutura integrada através de um processo homeostático (voltado a equilibrar-se e re-equilibrar-se) e os sistemas de contato, sensoriais e motores, através dos quais o organismo retira do meio o que necessita para satisfazer suas demandas[117]. Tellegen considera que, embora Goldstein proponha uma visão de campo, talvez seu viés, como neurólogo, tenha-o levado a tomar, preferencialmente, como figura o organismo e seus processos adaptativos, havendo pouca clarificação do meio ou fundo, onde se alojam os elementos físicos, sociais e culturais que interferem no organismo natural[118]. Pode-se apreender o enfoque biológico de Goldstein nessas afirmações de Perls:

"... a formação da gestalt, a emergência de necessidades, é um fenômeno biológico primário. Assim, abolimos toda a teoria do instinto e consideramos o organismo como um sistema que está em equilíbrio e que deve funcionar adequadamente. Qualquer desequilíbrio é experienciado como uma necessidade de ser corrigido (...) A situação mais urgente emerge, e em qualquer caso de emergência, você percebe que ela prevalece sobre qualquer outra atividade. (...) Assim, chegamos ao fenômeno mais importante e interessante de toda a patologia: auto-regulação versus regulação externa"[119].

O processo homeostático, através do qual o organismo satisfaz suas necessidades, interagindo com seu meio, é denominado *processo de auto-regulação organísmica*. E essa interação organismo-meio, no campo organismo-meio, deve ser entendida, então, como física, biológica, psicológica e sócio-cultural. A dimensão psicológica do meio, diferenciando-se de seu aspecto físico ou geográfico, define-o enquanto *campo percebido e significativo*, ou seja, nosso comportamento é produzido num mundo apreendido através de sinais e significados. É a isso que se refere Koffka quando trata do "meio comportamental", no sentido de campo percebido e significativo[120]. Tellegen aponta, no entanto, para a dificuldade da noção de equilíbrio, que não tem o mesmo sentido na Física e na Biologia e para a falta de clareza na sua aplicação nos aspectos sócio-culturais do comportamento humano.

As concepções de **Kurt Lewin**, também originário da psicologia da Gestalt, são influências claramente perceptíveis, desde que sua forma sistêmica de pensar *"... está na base das formulações de Perls"*[121]. O espaço vital definido por Lewin constitui-se por uma rede de relações entre partes, cuja análise permite uma *descrição explicativa* dos eventos que aí ocorrem. Embora não deixe de levar em conta uma explicação histórica - perseguir o "porque" do evento em termos genéticos - prioriza uma *explicação sistêmica*, voltada a explicitar *como* um evento produz modificações no conjunto[122]. Tellegen assinala que tudo isso é encontrado nos fundamentos da GT, desde que nela o "como" é uma proposta básica, voltando-se a estrutura da experiência presente mais que a explicações genéticas, mesmo levando em conta, como Lewin, a presença de elementos do passado no campo atual.

A mesma autora, entretanto, enfatiza a influência proeminente das concepções de Goldstein, desde que Perls não acompanhou Lewin nas suas concepções topológicas, baseando-se, fundamentalmente, no modelo biológico de Goldstein. E completa: A "Gestalt" em questão é *"... o organismo vivo na sua relação adaptativa com seu meio"*[123]. Entretanto, Goldstein não só ocupou-se menos da elaboração das influências do meio sobre o organismo e seu desenvolvimento, como também estas são, em geral, vistas como desorganizantes do potencial "natural". Tellegen também reconhece, na GT, os pressupostos de Goldstein, de que o organismo tem um movimento "natural" para o que chama

"crescer" e "auto-atualizar-se". Nessa direção, entretanto, há o seguinte comentário de Perls, referindo-se a Goldstein:

"... ele costumava usar o termo auto-atualização sem que eu o compreendesse. Quando ouvi, vinte e cinco anos depois, a mesma expressão da boca de Maslow, ainda não consegui entendê-la bem, exceto que parecia ser uma coisa boa, algo como expressar-se genuinamente, e ao mesmo tempo, algo que não se podia fazer deliberadamente. Pois isso se reduziria a um programa, a um conceito. Levei ainda mais alguns anos para compreender a natureza da auto-atualização em termos de Gertrud Stein: 'Uma rosa é uma rosa, é uma rosa'"[124].

Embora a interação organismo-meio seja descrita como um processo contínuo de formação e destruição de figuras sobre um fundo móvel, e esse conceito básico tenha sido trazido da psicologia da gestalt para a GT, Perls, Hefferline e Goodman consideram, entretanto, que os psicólogos da Gestalt não deram atenção sufuciente, no geral, para o significado do *fundo*:

"Pouco é dito sobre a relação dinâmica figura e fundo ou sobre a sequência urgente na qual a figura rapidamente se transforma no fundo pela próxima figura emergente, até que haja um climax de controle e satisfação e a situação vital esteja realmente completada"[125].

A diferença no trabalho da GT com os princípios gestálticos residiria no fato de que os experimentos feitos pelos psicólogos da Gestalt tinham como contexto um laboratório, e essa situação controlada não é uma situação essencialmente promotora de urgências vitais. Esses autores criticam[126] os psicólogos acadêmicos da Gestalt, pois eles parecem considerar que tudo é relevante no campo,

"... exceto os fatores interessantes do ponto de vista humano; esses são "subjetivos" e irrelevantes! Contudo, por outro lado, apenas o que interessa faz uma estrutura forte"[127].

E ainda:

"... para refutar os associacionistas, os psicólogos da gestalt dedicaram-se a provar que os todos percebidos eram "objetivos" e essencialmente físicos, não "subjetivos", nem o resultado de tendências emocionais(...). Uma emoção não era uma parte real da percepção que ela acompanhava; ela não fazia parte da figura"![128].

A psicologia da gestalt e a GT, para Shepard, tem poucas intersecções. Afirma que Perls a conhecia marginalmente, embora Laura a tivesse estudado. Entretanto, parte dos resultados das pesquisas desses psicólogos acadêmicos - que não tinham nenhum interesse terapêutico - foi utilizada, por ambos, na construção da GT. Referindo-se aos gestaltistas acadêmicos, Perls diz, em sua autobiografia:

"A minha relação com os psicólogos da Gestalt era muito peculiar. Eu admirava muita coisa no trabalho deles, especialmente o trabalho inicial de Kurt Lewin. Não pude concordar com eles quando eles se tornaram positivistas lógicos. Não li nenhum dos seus livros-textos, só alguns artigos de Lewin, Wertheimer e Kohler. Para mim, mais importante, era a idéia da situação inacabada, a gestalt incompleta. Os gestaltistas acadêmicos obviamente nunca me aceitaram. Eu não era certamente um gestaltista puro. A minha fantasia proeminente era que todos eles eram alquimistas à procura de ouro, de uma verificação completa; e eu me satisfazia em usar os produtos menos impressionantes, porém mais úteis, que eram deixados de lado"[129].

Em relação a essa passagem, Kogan comenta que, desde o início de seu trabalho, já se pode observar em Perls uma tendência a uma visão de praticabilidade e utilidade, considerando, ambas, como temas recorrentes presentes entre seus discípulos[130]. Petzold faz uma afirmação menos simpática: *"Perls tinha a tendência de simplificar as coisas"*[131].

De qualquer forma, Kogan considera que foi a aproximação de Perls à psicologia da gestalt, marcadamente através da visão holística de Goldstein, enfatizando a figura-fundo como uma função básica da organização do organismo, que lhe propiciou novas idéias a partir das quais a GT se originou. E Tellegen afirma que delas partiu a base para afastar-se do associacionismo e mecanicismo subjacentes, para Perls, à psicanálise freudiana[132].

Nessa mesma direção, Yontef, considerando essas dúvidas sobre o alcance da relação do modelo da GT com a psicologia da Gestalt e mesmo reportando-se a trabalhos onde são consideradas contraditórias, defende, entretanto, a posição que a metodologia que caracteriza a GT é derivada: "... *filosoficamente, se não historicamente, da psicologia da Gestalt*"[133]. Um dos fatores, segundo ele, de não se considerar, adequadamente, esta questão central, foi coincidir a GT com o estilo de Perls, pouco inclinado a aprofundamentos teóricos, além de ter conhecimentos insuficientes da psicologia da Gestalt.

Soma-se a isso o fato de que os próprios trabalhos de Perls, mais importantes do ponto de vista teórico (por exemplo, Perls, Hefferline e Goodman, 1951), foram menos divulgados do que seus escritos mais populares. Há, também, uma lacuna de textos mais avançados na literatura gestáltica e uma falta de uma definição clara da GT, que nomeie sua identidade de forma mais consistente. A proposta defendida por Yontef é que se deva abordar a relação entre a GT e a psicologia da Gestalt de "*um ponto de vista gestáltico*", isto é, considerando o que caracteriza a estrutura do conjunto, ao invés de se reportar a segmentos dessa totalidade. Partir de termos em comum (figura-fundo, por exemplo), ou de diferenças na maneira de conceber uma certa parte do campo (por exemplo, variáveis organísmicas), não seria um instrumento válido na análise de suas semelhanças ou diferenças. Remete-se, para tanto, a Wertheimer que assinala ser o significado de uma figura função de seu fundo. Trata-se, assim, de detectar as diferenças entre a GT e a psicologia da gestalt, não a partir de sua filosofia ou método, mas levando em conta seus contextos específicos de atuação.

A argumentação básica do artigo de Yontef é ressaltar que a abordagem gestáltica presente nesses dois movimentos gestálticos é "... *uma forma de teoria fenomenológica de campo*"[134], e que é nesse ponto que se deve centrar nosso interesse. Reportando-se a Wertheimer[135] e Kohler[136] enfatiza que seu âmago é uma maneira de investigar, apontando dois aspectos desse método: confiar na experiência imediata e ingênua e buscar *insight* nas relações funcionais que formam a estrutura intrínseca da totalidade de qualquer situação em questão. O *insight*, que o método de trabalho na GT busca atingir, é o *insight* conforme definido pela psicologia da Gestalt.

"Insight é uma amostra do campo perceptual, de tal forma que as relações significantes são evidentes; é a formação de uma gestalt na qual os fatores relevantes se destacam com respeito ao todo"[137].

Em outra ocasião, Yontef afirma que a concepção de campo na GT é seu aspecto menos discutido adequadamente, e esse seria um fator sério nos vieses da apreensão dos princípios básicos que a norteiam[138].

De qualquer modo, alguns dos princípios propostos pela psicologia da gestalt, referentes às funções psíquicas da percepção, memória e aprendizagem, foram trazidos para dentro da situação clínica. Dar condições para efetuar essa transposição é o objetivo da obra de Perls, Hefferline e Goodman. Em sua introdução, dizem seus autores:

"A completa aplicação do gestaltismo em psicoterapia como a única teoria que adequadamente e consistentemente abrange tanto psicologia normal como anormal não tem sido empreendida até agora. O presente trabalho é uma tentativa de apresentar a base para isso"[139].

A afirmação de que o sujeito que percebe impõe uma ordem aos estímulos que lhe chegam, estruturando-os, de tal forma, que uma configuração fica proeminente no primeiro plano e isso só se faz possível porque "se apóia" num fundo que a destaca, foi extensamente utilizada na prática da GT. Outro aspecto da percepção - a tendência ao fechamento da unidade perceptual - é também de importância crucial. Juntas, estas proposições da psicologia da gestalt formam grande parte da compreensão dinâmica de desenvolvimento e da psicopatologia na GT, das quais se derivam as bases de seus aspectos técnicos. O nome mais adequado para a gestalt incompleta *"... é a situação inacabada"*, diz-nos Perls[140], e essa expressão faz parte do repertório técnico de qualquer gestalt terapeuta que se preze.

Como a formação de gestalten completas e compreensivas é *"... condição de saúde mental e crescimento"*[141], a "situação inacabada" subjacente a gestalt incompleta, dependendo da sua relevância para o indivíduo, atrapalhará a formação de novas e fortes gestalten, impedindo o crescimento e o desenvolvimento do indivíduo. A neurose e a psicose são concebidas como

perturbações na elasticidade da formação figura-fundo, sendo que, no último caso, a disfunção está mais agravada. Pode-se ter, seja uma rigidez (que os autores relacionam a uma fixação), seja uma falta de formação de figura (associada a repressão).

O *contato*, que é central, desde que ele provê assimilação dos recursos do meio às necessidades emergentes e, daí, crescimento, *"... é a formação de uma figura de interesse contra um fundo ou contexto do campo organismo-meio"*[142]. Esta figura, expresse-se numa percepção clara e nítida, imagem ou *insight*, ou num comportamento motor harmonioso, sempre significará uma conjunção da necessidade e energia do organismo com as possibilidades do meio. Todo comportamento psicológico deve ser, sempre, enfocado dentro de seu contexto sócio-cultural, biológico e físico. A figura é especificamente psicológica, e segundo o contexto seja perceptual, sensitivo ou motor, ela apresentará propriedades específicas como brilho, claridade, graça, etc.

"O fato da gestalt ter propriedades psicológicas específicas observáveis, é de importância capital na psicoterapia, pois fornece um critério autônomo da profundidade e realidade da experiência"[143].

Uma figura obscura, confusa e sem energia, sinaliza bloqueio, falta de expressão de alguma necessidade e falta da presença "total", "inteira", da pessoa. Isto quer dizer que seu campo total não pode prover *"... suas necessidades e recursos para o fechamento da figura"*[144].

A interrupção do processo natural de formação de figura-fundo pode ser, portanto, diretamente observada na situação terapêutica e é um dos focos aos quais se dirige o trabalho. Wallen aponta tanto sinais que podem ser relatados pelo paciente, como aqueles diretamente acessíveis à observação do terapeuta[145]. Por exemplo, a confusão, onde nenhuma necessidade ou interesse é possível de ser nomeada; ou, acessível à observação, um comportamento fixo e repetitivo. Em qualquer caso, está subentendido que está operando um tipo de auto-regulação, que é a melhor organização disponível para o indivíduo, no momento. Isto se relaciona diretamente ao "princípio da pregnância", que diz estar um campo psicológico tão bem organizado, quanto as condições da estrutura total permitem

nesse momento. Um sintoma é, portanto, *"... uma forma de ajustamento"*[146]. As interferências sintetizadas por Wallen seriam de três tipos: um contato perceptivo insuficiente com o meio externo e com o próprio corpo, bloqueio da expressão aberta das necessidades e a repressão, que impede a formação de boas gestalten[147].

Nessa abordagem articula-se a concepção de psicoterapia como um trabalho de reestruturação perceptual, onde vão ser mudadas as posições relativas e as relações com os elementos que nos são relevantes. O processo terapêutico é o terreno onde se produzem novas configurações de relações de significados, novas "gestalten". Pretende-se facilitar a fluidez da relação figura-fundo, para que os elementos que estejam no fundo possam emergir, permitindo-se que "gestalten" incompletas sigam seu ciclo de fechamento. E, dessa forma, abram caminho ao surgimento de novas "gestalten". Essa é a base do método de trabalho na GT. A partir do holismo, que considera o organismo como um todo unificado, - eixo básico de suporte na GT - a velha cisão corpo-mente é considerada inadequada. Deste ponto de vista deriva-se, obviamente, uma postura no trabalho terapêutico, que não pode ignorar o diálogo no nível também corporal.

Perls critica todas as posições dualistas, considerando-as tentativas de encontrar relações entre corpo e alma. Para ele o corpo e a alma são idênticos "*in re*" embora não "*in verbo*"; *"... as palavras "corpo" e "alma" denotam dois aspectos da mesma coisa"*[148]. Em sua última obra, afirma que abordar a vida e o comportamento humanos, considerando-os como se constituindo por níveis de atividade, ao invés de recorrer ao insuficiente paralelismo psicofísico, dá-nos acesso ao ser humano como uma totalidade, que é o que ele é. Assim, podemos estudar seu comportamento, como se manifesta,

> *"... ao nível explícito da atividade física e ao nível oculto da atividade mental. Uma vez que reconheçamos que pensamentos e ação são feitos da mesma matéria, podemos traduzir e transpor de um nível para outro"*[149].

O trabalho terapêutico volta-se à análise das estruturas internas da experiência presente, enfocando-se mais na forma, que no conteúdo (mais no "*como*" que no "*o que*"), não porque o conteúdo seja irrelevante, mas porque ele se

revela na forma de sua expressão. O trabalho com a estrutura presente, no seu grau maior ou menor de unidade, pretende

"... refazer as relações dinâmicas da figura e fundo até que o contato seja intensificado, a awareness aclarada e o comportamento energizado. Mais importante que tudo, a realização de uma gestalt forte é a própria cura, pois a figura de contato não é um sinal de, mas a própria integração criativa da experiência"[150].

Enfim, *figura-fundo, situação inacabada e Gestalt* são os termos *emprestados* da psicologia da Gestalt, como dizem os autores do primeiro livro, onde o nome "Gestalt terapia" apareceu pela primeira vez[151].

Não houve consenso para a escolha deste nome, como já disse anteriormente. Mas Perls ganhou a briga e conseguiu implantá-lo. O que me faz pensar que um imigrante alemão, nos Estados Unidos do início dos anos 50, teve um achado genial: batizou sua cria com um nome da língua materna, intraduzível para o Inglês, marca registrada de *"made in Germany"*. Deixando um lembrete explícito para as gerações futuras: a gestalt terapia *é uma terapia européia*, proveniente dos movimentos intelectuais que fervilhavam na Europa Central, lá pelos anos 20 e 30 de nosso século.

Com o nome *gestalt*, que traz uma necessária relação com a escola acadêmica de mesmo nome, Perls parece ter sintetizado "o espírito da coisa", a *perspectiva* a partir da qual se enquadrem os objetos de interesse. É o que se pode entender, pela introdução da reedição de 1969, de sua primeira obra de 1942, onde está escrito:

"... desde que escrevi o manuscrito do Gestalt Therapy, desenvolvi muitas idéias novas. Mais importante ainda, consegui por fim sair do impasse, o ponto do status quo em que parece ficar detido o terapeuta médio. Sem uma perspectiva adequada, o terapeuta está perdido desde o princípio"[152].

Do meu ponto de vista, a palavra *Gestalt*, associada a nova proposta terapêutica, conseguia condensar, simultaneamente, vários aspectos: o momento

histórico de seu surgimento, o eixo onde se apoiava a maioria de suas fontes, uma maneira de abordar os fenômenos e de conceber a existência relacional humana e, finalmente, podia trazer a idéia de que esta proposta terapêutica se propunha a ser, ela própria, uma estrutura formada por um conjunto de influências que possuía uma coerência interna enquanto totalidade, portanto, uma "gestalt". Nesse nome vinham embutidos a postura filosófica que lhe servia de base, o modelo teórico de referência e a metodologia deles derivada.

Friedlaender e pensamento oriental

A perspectiva de campo só é possível se nos colocarmos num ponto - *o ponto zero* - a partir do qual a diferenciação de qualquer evento, em seu oposto, é passível de ser apreendida. Esta concepção, oriunda do filósofo Salomon Friedlaender, teve enorme impacto no desenvolvimento do pensamento de Perls e o primeiro capítulo de sua primeira obra gira em torno de suas idéias básicas[153]. Não só foi um eixo do modelo teórico da GT e da base de sua metodologia, como se manteve no decorrer das reformulações teóricas, após essa primeira publicação. *"Não tenho nada a acrescentar ao primeiro capítulo de Ego, hunger and agression"*, afirma Perls, quase trinta anos depois[154]. Na re-edição desta primeira obra, embora considere grande parte do material deste livro ultrapassada, mantém a importância e relevância deste primeiro capítulo: através dele a perspectiva proposta, que se baseia em polaridades e enfocamentos, que delimita e dá sentido para o modelo teórico como um todo, pode ser adquirida.

Friedlaender, filósofo e escritor expressionista de destaque, fazia parte do círculo da Bauhaus, centro promotor de muitas idéias que Perls haveria de utilizar, posteriormente. Em sua autobiografia, ele se refere ao grande impacto que recebeu da obra desse filósofo, "*Creative Indifference*". Além disso,

"... ele foi o primeiro homem em cuja presença me senti humilde, cheio de veneração. Não havia lugar para a minha arrogância crônica"[155].

Petzold obteve um testemunho direto de Perls da dimensão de sua influência sobre suas fontes de pensamento, anterior a seu contato com Goldstein[156]. Nas idéias desse filósofo estão presentes duas concepções básicas inseparáveis: a indiferença criativa e o pensamento diferencial, que propõem o seguinte:

"... todo evento se relaciona com um ponto zero a partir do qual se realiza uma diferenciação em opostos. Estes opostos manifestam, em seu conceito específico, uma grande afinidade entre si. Ao permanecermos atentos ao centro, podemos adquirir uma habilidade criativa para ver ambas as partes de um fenômeno e completar uma metade incompleta. Ao evitarmos uma visão unilateral conseguimos uma compreensão muito mais profunda da estrutura e função do organismo"[157].

O pensamento diferencial propõe, portanto, "pensar por opostos", que é uma forma de abordagem por paradoxo, afastando-se de um pensamento por causa-efeito, em termos de linearidade. Sob o ângulo deste tipo de pensamento, parte-se de um ponto central indiferenciado - um ponto zero - do qual se origina uma diferenciação em opostos, sendo que ambos são dimensões de um mesmo fenômeno. Nesse ponto, de onde nosso interesse se estende a ambos os lados da diferenciação, está a "*indiferença criativa*". Entretanto, este ponto zero não deve ser concebido como idêntico a um ponto zero absoluto, mas "*...sempre terá um aspecto de equilíbrio*"[158]. "Indiferença criativa", é *diferente* de falta de interesse; ao contrário, está plena de interesses que se dirigem para os dois lados da diferenciação. O ponto zero pode ser definido pelos dois opostos ou determinado mais ou menos arbitrariamente, sendo que é o contexto ou *campo* um fator decisivo na sua determinação. O zero tem, ainda, um duplo sentido: o de um *começo* e o de um *centro*. Se temos o campo, podemos determinar os opostos e, inversamente, a partir dos opostos, podemos determinar o campo específico. Estes instrumentos são muito úteis para abordar a estrutura e comportamento do organismo na sua relação com o meio. O ponto zero, como explicita Petzold:

"É um meio de silêncio, um meio que não está ainda diferenciado (o mundo externo é diferenciado) e esse estado de indiferença, que se articula numa sensação de vazio, traz em si mesmo todas as possibilidades de ser, a possibilidade de diferenciação"[159].

Perls sugere o termo "*pré-diferente*" para o "algo não diferenciado", a partir do qual os opostos se diferenciam e Petzold acredita que essa expressão esclarece um pouco mais sobre esse centro, onde não há dualidade e o cartesianismo é superado, denominado de "*estado de indiferença*" na teoria de Friedlaender[160].

Perls considera que a quantidade de diferenciação, deixada de lado, com frequência, por ser *"... só questão de grau"*, é muito importante, pois é pela quantidade que uma droga pode ter efeitos opostos, de cura ou de veneno. Neste caso, *"...a quantidade se transforma em qualidade"*[161]. Assim, as concepções de *opostos, pré-diferença e grau de diferenciação* são três pontos básicos, a partir dos quais se pode compreender as propostas do primeiro livro de Perls.

Ele afirma que, embora o pensamento diferencial tenha certa semelhança com a teoria dialética, não tem suas implicações metafísicas. O que pretende é se utilizar de certas regras do modo dialético de pensar sendo que estas *"... coincidem aproximadamente com o que poderiamos chamar 'pensamento diferencial'"*[162]. A concepção básica é que os opostos, *dentro do mesmo contexto*, estão mais relacionados entre si do que com qualquer outro elemento. Perls reporta-se a exemplos, como a descoberta de Freud de que um elemento do sonho manifesto pode representar-se a si, a seu oposto ou a ambos e, ainda, à presença, nas línguas mais antigas, de opostos se expressando com palavras de mesma raiz (sentido antitético das palavras primitivas).

Sua proposta é de orientar-se pela concepção de *função* que engloba um fato e sua dinâmica, preferindo voltar-se a uma metodologia *descritiva*, privilegiando uma abordagem do "como" de sua ocorrência, ao invés de perseguir elos causais através de "porquês". De modo que se trata de se substituir a arbitrariedade, que estaria presente no pensamento causal, pelo uso do pensamento diferencial e funcional.

Essas concepções de Friedlaender, a quem Perls se refere como um dos seus "gurus", permitiram a Perls estabelecer um elo entre a Psicologia da Gestalt e a noção de *vazio* da filosofia zen-budista, como assinala Kogan[163]. Posteriormente, estará presente nas próprias concepções de Perls sobre a fluidez figura-fundo e a gestalt emergente. Está intimamente relacionada a maneira de pensar oriental da convivência simultânea de opostos, afastando-se de uma perspectiva dualista ou dicotômica. Perls começou a interessar-se pelo zen-budismo, quando ainda estava na África do Sul e, posteriormente, aprofundou seus conhecimentos através de Paul Weiss, figura importante no Instituto de Gestalt de

Nova York. No seu primeiro livro, usa inclusive o círculo de Yin e Yang para esclarecer o processo de diferenciação em opostos.

Como observa Petzold, o conceito de *vazio fértil* utilizado por Perls, um vazio prenhe de criatividade, vem diretamente de Friedlaender.

"Meu primeiro encontro filosófico com o nada foi o nada em forma de zero. Descobri-o sob o nome de indiferença criativa, através de Salomon Friedlaender"[164].

O conceito de *nada* deve ser bem compreendido: na terapia trata-se de facilitar ao indivíduo transformar o vazio estéril - experienciado como nada - em vazio fértil experienciado como algo que emerge. Perls percebeu, posteriormente, que este era *"... o equivalente ocidental do ensinamento de Lao-Tsé"*[165].

O ponto zero, para Perls, tem o sentido de *descoberta* (discovery) e a aprendizagem seria o des-cobrimento (uncovering) de algo "novo", diferindo-se da recuperação (recovery) de algo "velho", que nos pertence mas está alienado de nós. A GT está mais interessada no *"... des-cobrimento (un-covering) do potencial adormecido do indivíduo"*[166].

O *esvaziar da mente*, objetivado pela meditação oriental, aproxima-se do que a concentração no vivido, aqui-e-agora, proposta pela GT, tenta atingir. O *continuum de presentificação* que é objetivado dessa forma, significa possibilitar a formação livre, fluente e contínua de gestalten-formas mais fundamentais da experiência presente, a cada momento.

Perls muitas vezes utilizou a expressão "*satori*", que quer dizer iluminação, ao invés do termo gestáltico *insight*, que seria seu correspondente. Ambos os termos se referem a súbitas descobertas de novas relações de significados. O uso de "*satori*" é uma óbvia alusão às incursões de Perls na filosofia oriental.

"O paradoxo, tão presente no pensamento oriental, permeia a linguagem de Perls; mudar é tornar-se o que já se é; o árido é fértil; não tentar

dominar uma dor pela supressão, mas acompanhá-la atentamente, é um meio para não ser dominado por ela; permanecendo no vazio, encontra-se o pleno; o momento do caos prenuncia uma nova ordenação desde que não se tente impor ordem"[167].

Kogan considera que estes pontos de vista teriam sido decisivos para a GT e, eventualmente, teriam dado instrumentos a Perls em seu rompimento com a Psicanálise.

Vale a pena assinalar, ainda, uma outra fonte apontada por Petzold, embora não pretenda deter-me nela. Friedlaender escreveu sobre Schopenhauer, Nietzche, Kant e Schelling e teria sido influenciado, diretamente, pelas concepções sobre pensamento dialético de Schelling. Teria se centrado nos aspectos dionísicos do pensamento de Nietzche, que foi um autor frequentado por Perls também. Do ponto de vista de Petzold,

"... o ensino e a prática da Gestalt terapia é uma praticalização do ensinamento de Nietzche sobre os aspectos dionísicos, até mesmo de sua doutrina sobre o Ubermensch (super-homem) que é uma doutrina muito difícil e que tem que ser interpretada com cuidado para não ser mal entendida"[168].

De modo que, como as idéias de Friedlaender são muito póximas, segundo esse autor, ao meio dionísico de Nietzche e dada a filiação das concepções de Perls às do primeiro, fica aberta uma porta interessante para investigações - as eventuais relações da GT com o pensamento Nietzchiano.

Carl Gustav Landauer, Paul Goodman e outros

Também integrante do círculo da Bauhaus, Landauer teve importância no desenvolvimento das idéias de Perls, do ponto de vista ideológico, como nas suas concepções sobre a linguagem. Para esta influência remeto-me a Petzold, único autor que lhe dá destaque, na bibliografia consultada. Foi um dos teóricos mais importantes do socialismo anarquista e sua influência propriamente política estaria presente em artigos de Perls, dos anos 40, pouco divulgados, entre eles *"Theory*

and Practice of personality integration". De tal forma que Petzold o julga uma fonte relevante para uma visão política da GT.

A esta influência se somaria a importância de Paul Goodman, considerado, por esse autor, seu co-fundador e fundador teórico, que teria tido muita proximidade com as fontes de pensamento de Landauer, embora provavelmente, nunca se tenham conhecido. O ponto de intersecção estaria representado na figura de George Herbert Mead, fundador da psicologia social moderna, que muito teria influenciado Goodman. Havia-se envolvido com o movimento socialista na Alemanha, onde estudou no final do século passado e, de volta aos Estados Unidos, fundou com John Dewey, a Escola de Chicago, local onde Goodman estudou. Este tinha estreita relação com a teoria anarquista, assim como estudara Kant, Schopenhauer e Schelling.

"... entre o manifesto anarquista de Landauer e o manifesto anarquista de Paul Goodman, o "May-Pamphlet " (panfleto de maio) que ele escreveu quando se opôs a seu recrutamento para a guerra, existem semelhanças surpreendentes de pensamento"[169].

Também o pensamento de Goodman aproximava-se do de Friedlaender, embora não o conhecesse. Portanto, em Goodman, convergiam correntes intelectuais semelhantes às de Perls, quando este chegou nos Estados Unidos. Petzold reconhece no conceito de *responsabilidade* de Goodman, o "imperativo categórico" de Kant, do qual teria se originado. Para ele, este conceito é mais rico que a "response-ability" (habilidade de responder), tão central nas concepções de Perls e envolve um aspecto dialógico. Petzold esclarece o que seria responsabilidade, na perspectiva do imperativo categórico:

"... respondo a uma situação de maneira a que meu agir possa ser em qualquer instante, face a pessoas de boa-vontade, um bom ato. Respondo a uma situação que está de acordo com a própria 'natureza humana'"[170].

Para Goodman, a "*natureza cura*" e, segundo Petzold, não se trata de um ponto de vista biológico de natureza, mas social.

De Landauer, além da fundamentação anarquista que teria propiciado a Perls, cabe enfatizar sua concepção de *linguagem*. Era uma época de grande expansão do movimento expressionista, que apareceu na virada do século, opondo-se ao determinismo, positivismo e a mentalidade burguesa. Seu desenvolvimento foi uma consequência da primeira guerra, quando a "ética" alemã vigente, centrada na racionalidade, em detrimento das emoções e sentimentos, enfraqueceu-se.

Foi nesse clima, em Berlim, que Perls foi educado, tendo tido contato com figuras proeminentes do expressionismo. Já aos 16 anos participou em papéis secundários do teatro expressionista de Max Rheinhardt e, posteriormente, associando-se ao grupo Bauhaus, conheceu Friedlaender e Landauer. A contribuição do expressionismo de Landauer, para a GT, está na sua concepção de uma linguagem que não estivesse alienada do mundo vivo, uma linguagem que fosse vitalizada pelos sentimentos.

Para Petzold, pode-se perceber claramente, na GT, este movimento de *devolver à linguagem seu contexto emocional*. E, a partir de suas fontes, considera-a uma "terapia expressionista", que traz uma contribuição cultural muito importante, ao se propor a sensibilizar a linguagem, então empobrecida e alienada do mundo vivo pela falta de sentimento[171].

Na obra de Perls, a preocupação com a linguagem foi alimentada, também, por outros ângulos. Para Tellegen, Goldstein faz parte dessas influências. Sua observação de pacientes com lesões cerebrais, permitiu-lhe concluir que a perda da capacidade de abstrair e classificar leva à limitação e disfunção na orientação e ação. Essas concepções teriam deixado sua marca na ênfase dada por Perls aos cuidados semânticos, no trabalho terapêutico.

Outras influências importantes apontadas por Kogan foram os trabalhos do semanticista inglês I. A. Richards (*The Meaning of meaning*, 1923) e A. Korzybski, (*Science and Sanity*, 1933). Ambos (e, posteriormente, os semanticistas em geral), segundo Kogan, voltavam-se à questão da relação palavra-objeto e, principalmente, aos efeitos da linguagem sobre o pensamento e o comportamento. Esse autor reconhece que muitas concepções de Perls relacionam-se a princípios da semântica geral, principalmente na questão das cisões e

dicotomias, e na relação do sistema aristotélico, dicotômico, a ambos, cognição e conação.

Na prática da GT, Perls sempre estimulou uma maior precisão no uso da verbalização (por exemplo, no uso dos pronomes "*I/it*" e "*me/one*") e seu significado e estava atento a estimular a distinção entre pensamento e sentimento. Assim, Kogan considera que *"... ao analisar o trabalho de Perls, as semelhanças entre teoria semântica e Gestalt Terapia são surpreendentes"*[172]. Faz questão de assinalar, entretanto, que, dadas as poucas referências a esses autores no conjunto da literatura gestáltica, apontar a importância da teoria semântica para a GT é fruto de sua própria reflexão pessoal. Petzold cita **Korzybski**, Simkin e Yontef o consideram como uma das três influências sobre o desenvolvimento das idéias de Perls, ao lado de Friedlaender e Smuts. Entretanto, em Perls, como aponta Kogan, as referências aos semanticistas é feita, embora não reserve espaço para a apresentação de suas idéias, de forma articulada[173].

Outra eventual influência é trazida por Shepard. Este autor afirma ter sido Perls um dos primeiros que experimentou o procedimento proposto pela "*Dianética*" de L. Ron Hubbard, através de Arthur Ceppos, depois denominada "*Cientologia*". Shepard considera que na obra de Perls se expressa a técnica dianética da recordação emocional de problemas passados, no momento atual, como se estes fatos se produzissem *agora*. São também semelhantes na ênfase dada por essa abordagem ao modo de se comunicar, e no assumir a responsabilidade pelo próprio sentimento. Isso nos importa, aqui, do ponto de vista da linguagem[174].

Entretanto, Perls, Hefferline e Goodman, na introdução a sua obra, afirmam que, nela, a teoria dianética (entre outras) terá pouca ou nenhuma discussão no texto, desde que consideram que prega meias verdades, por tomar o organismo de forma isolada, sem levar em conta seu intercâmbio criativo com o meio[175].

De qualquer forma, as concepções sobre linguagem e seus reflexos no trabalho terapêutico são pontos centrais na GT, como nota Yontef, para quem *"Os efeitos da semântica sobre awareness e comportamento tem sido um aspecto da teoria da Gestalt terapia desde seu início"*[176]. E dá seu depoimento pessoal em

trabalho direto com Perls, de como este enfatizava usar a linguagem, de tal forma, que ela pudesse referir-se ao fenômeno em questão, de modo preciso e diferenciado. Este mesmo autor dedica um tópico de outro artigo à semântica na GT[177]. Assim como Kogan, enfatiza a presença, nessa abordagem, da importância da distinção entre afeto e cognição, traduzindo-se essa preocupação na prática terapêutica. E cita Perls *"...nós ainda tentamos fazer o impossível: integrar personalidades com o auxílio de uma linguagem não-integradora"*[178].

Em sua primeira obra, Perls apresenta os *"...novos instrumentos intelectuais holismo (concepção de campo) e semântica (o significado do significado)..."*[179], que são a perspectiva a partir da qual ampliou sua visão teórica e servem de base ao livro. De modo que o referencial semântico e a proposta holística formam um *par inseparável*, que permeia as concepções da GT, desde então.

Yontef considera que, com o termo semântica (significado do significado), Perls *"... parecia significar a especificação de referentes comportamentais concretos para toda terminologia"*[180]. O significado de uma palavra deve estar subordinado a seu contexto, à rede de significações na qual está inserida. Este é o sentido da visão de campo que, segundo Perls, ajuda-nos a evitar muitos erros, que um ponto de vista isolacionista pode provocar. Portanto, não é suficiente definir uma palavra para apreender seu sentido, é necessário amarrá-la a seu campo de referência[181]. A palavra deve, assim, estar *integrada ao conjunto expressivo* do indivíduo. E qualquer desarmonia nesta expressividade, transforma-se em foco de interesse no trabalho terapêutico.

A postura fenomenológico-existencial

Retomando a imagem de leque proposta, inicialmente, para representar a GT, a postura fenomenológico-existencial que a caracteriza, corresponderia ao ponto de convergência deste leque. Não foi à toa deixá-la como último ítem desta apresentação das fontes, artificialmente departamentalizada. Nessa filosofia está a base das concepções de homem, das relações humanas e, delas oriunda, da concepção da relação terapeuta-cliente que fundamentam a GT, bem como do método de trabalho que a caracteriza e do modelo teórico ao qual este se articula. A atitude fenomenológico-existencial dá sentido a todos os

"fragmentos" de influências a partir das quais emergiu a GT, propiciando uma estrutura de "conjunto", formando uma "gestalt", pois um leque só é montado através do ponto comum que une seus segmentos.

Já me referi, anteriormente, ao significado, para Perls, do encontro com a psicologia da Gestalt. Sua insatisfação em relação a maioria das filosofias existencialistas devia-se a que, embora se proclamassem não-conceituais, de fato se apoiavam em conceitos emprestados de fontes diversas[182]. A psicologia da Gestalt parecia-lhe fornecer o que procurava: uma abordagem que não buscava referenciais externos para sua própria sustentação. Desde que a emergência de necessidades, a formação de gestalten, é *"... um fenômeno biológico primário"*[183], embora a GT seja inserida por Perls entre outras terapias de linhagem existencial, como é o caso da *Logoterapia* de Frankl e a *Daseins análise* de Biswanger, destaca-a das mesmas, por possuir esta auto-sustentação interna fornecida pela abordagem gestáltica [184].

Ao apontar a afinidade do significado da palavra *gestalt* com o conceito oriental de *Tao*, Shephard considera a concepção gestáltica tão antiga como a representação chinesa dos opostos de Yin e Yang, de modo que Perls teria criado uma nova "*velha*" terapia, a partir de seu próprio existencialismo filosófico[185]. Perls, Hefferline e Goodman concebem o ponto de vista gestáltico, integrador e não dicotômico, como a tendência natural do organismo, que pode ser distorcida através do seu processo de desenvolvimento, mas que pode ser resgatada via trabalho-terapêutico[186]. É a isto que se refere Perls, quando afirma não ser o fundador da GT, mas seu descobridor ou re-descobridor, pois a gestalt é *"... tão velha quanto o próprio mundo"*[187].

Kogan considera as propostas de Perls muito mais próximas a uma filosofia de *forma de vida* do que, propriamente, a um sistema psicodinâmico de psicoterapia existencial[188]; e, na mesma linha, a partir da idéia de crescimento e de resgate do potencial de cada um, básico na GT, Bento Prado afirma que ela, como uma dissidência da psicanálise, oporia à *"...metapsicologia pessimista de Freud... uma arte de viver"*[189].

As bases fenomenológicas da GT são provenientes, portanto, da abordagem fenomenológica de campo presente na psicologia da gestalt, que por

sua vez se inserem na fenomenologia de Husserl[190]. Na psicologia da gestalt a atenção era dirigida a funções como percepção ou cognição, não tanto à pessoa enquanto pessoa e ao conjunto de sua experiência.

A aplicação do método fenomenológico gestáltico na GT se apóia na orientação filosófica fornecida pelo existencialismo, desde que muda a ênfase na análise dos conteúdos em questão, de que trata predominantemente a psicologia da gestalt, para uma abordagem *orientada* também para o *sujeito* que percebe e experimenta. Preocupando-se com o *como* ele experimenta. Portanto, orientada para o processo da "*tomada de consciência*" que se produz num indivíduo particular, a partir de cuja singularidade se constroem as múltiplas redes de relações de significados com o seu mundo[191]. A GT é uma modalidade de psicoterapia existencial, enquanto uma forma característica de reflexão sobre a existência humana. Tem em comum, com outras de mesma linhagem, a concepção do homem como ser-no-mundo, como ser-em-relação, numa dialética na qual cria o mundo e é criado nesta relação. Num vir-a-ser que nunca se completa, um movimento contínuo alimentado por um conjunto de potencialidades, sempre em aberto, que caracteriza o eterno projeto, que é o existir humano[192]. Trata-se, portanto, de voltar-se não à busca de essências, mas ao processo de existência do indivíduo, ao modo de seu existir a cada momento. Apreender a "coisa em si mesma", concebida como um dado, *acessível ao vivido imediato*[193], é o que se propõe pelo método fenomenológico próprio à GT, "apoiado" nas concepções existenciais que o acompanham. A abordagem fenomenológico-existencial fornece, assim, sua teoria da *relação* terapeuta-cliente e é a partir dela que se atualiza o *método* de trabalho característico da GT.

As principais características do método fenomenológico, que a GT obteve a partir da psicologia da Gestalt, podem ser assim sintetizadas:[194]

1. dar ênfase à experiência imediata aqui-e-agora, colocando-se entre parênteses pré-concepções, estranhas a este vivido imediato;

2. buscar *insight* dentro da estrutura própria ao todo fragmentado que é o campo experiencial da percepção;

3. voltar-se a um trabalho de experimentação sistemática para descrever com acuracidade a estrutura dos fenômenos implicados;

4. buscar *insight* no próprio processo de *awareness*;

5. estar imbuido da "atitude fenomenológica", que supõe ser a consciência sempre "consciência de", criando condição de existência do mundo e dando-lhe sentido.

Subjacente à GT está, portanto, uma filosofia básica que define uma visão e uma dimensão de homem, de relações humanas e do viver, que vai além de uma proposta terapêutica. Onde é, na dinâmica da relação, que o homem pode apreender como é o seu ser-no-mundo, que dá a dimensão de sua individualidade e o diferencia dos demais. É a dialética da necessidade de fronteiras para que haja contato e da necessidade de seu desvanecimento, ali mesmo onde o contato se realiza. Para que, no momento seguinte, o indivíduo possa reestruturar-se, perceptualmente, numa consciência mais clara do diferente e, portanto, de sua identidade.

Essa atitude fenomenológica vivida no contexto terapêutico supõe a importância da existência do encontro, através do qual o existir dos conteúdos neste contexto só é possível ser compreendido e captado no quadro da estrutura da relação. A GT é, pois, uma abordagem existencial, desde que enfatiza os aspectos humanos presentes na existência da vida de cada cliente, como também em cada momento do processo terapêutico.

Entretanto, Yontef tem insistido, em várias ocasiões, na necessidade de se delimitar com mais clareza a base existencial na qual se apoia a GT[195]. Embora considere que a concepção de *contato*, central em seu corpo teórico, esteja bem definida na literatura, no geral, o mesmo não ocorre com a necessária explicitação do *tipo especial de contato* que é requerido na situação terapêutica. Este define a relação terapeuta-cliente e deve facilitar que se possa atingir a integração pessoal que esta objetiva. A essa falta de clareza se reportariam muitos dos mal-entendidos que giram em torno da GT.

Também Tellegen julga ter faltado, no corpo da produção teórica de Perls, maior explicitação das bases fenomenológicos-existenciais da GT, considerando que o papel dele foi o de *"... abrir pistas para quem quisesse segui-las"*[196]. Que seus seguidores tenham-se sentido órfãos de maior fundamentação filosófica, não deve nos surpreender. Afinal, logo na introdução da obra considerada indispensável para uma compreensão adequada da GT, por vários

autores[197], Perls, Hefferline e Goodman afirmam que nesse livro será mínimo o espaço reservado à utilização de terminologia filosófica[198].

A posição de Yontef é que *"... é o particular tipo de contato discutido por Buber que é necessário para uma relação terapêutica bem sucedida"*[199] De modo que, nas concepções básicas de Buber, grande parte da GT atual encontra os princípios norteadores da atitude que fundamenta sua prática[200].

Jacobs assinala que, embora Perls, Hefferline e Goodman tenham dado ênfase ao contato, com a awareness servindo-lhe de apoio, muitos gestalt terapeutas transformaram awareness no foco principal do trabalho, relegando o contato para segundo plano. Reportando-se a Buber, para quem o indivíduo tem acesso a sua inteireza através da relação dialógica, haveria, aparentemente, três posições: a proposta dialógica de Buber, a ênfase na awareness por muitos gestalt terapeutas, como meio de se atingir esse sentimento de inteireza e o contato assinalado por Perls, Hefferline e Goodman.

Entretanto, para Jacobs,

"... todas as três posições estão intimamente relacionadas. Contato, diálogo como uma específica forma de contato, e awareness são todos aspectos compatíveis de um único conjunto quando a abordagem fenomenológica da GT é levada em conta para possibilitar awareness"[201]

Embora Buber seja citado por Perls[202] entre os existencialistas com os quais teve contato, e Laura Perls testemunhe que Buber e Tillich *"... tiveram mais influência sobre ela do que qualquer psicólogo"*[203], referências às bases do Existencialismo Dialógico de Buber não ocupam espaço diretamente nos livros clássicos da GT, embora sejam presença marcante na literatura atual desta abordagem. *"O que Buber chamava encontro nós chamamos contato... que é um diálogo com o outro enquanto outro"*, diz Laura Perls[204]. Ela lamenta que, principalmente nos últimos anos de trabalho, Perls estaria muito mais voltado à demonstrações de técnicas, do que a privilegiar a "atitude de diálogo", o que teria provocado uma errônea imagem da GT, distante de suas mais verdadeiras proposições. Friedman acredita que se pode concluir que, em Perls, atingir

autonomia e auto-suporte eram o objetivo maior, e a atitude Eu-Tu, mais do que um valor por si só, era um meio para alcançar esse fim[205].

Assim, para Yontef, a GT é existencial em dois sentidos:

1. no sentido geral, enfatizando o processo do existir de cada indivíduo em sua vida, como no decorrer da terapia, privilegiando o sentido de sua responsabilidade e escolha na criação de sua própria existência;
2. no sentido de uma atitude particular quanto à concepção de relação, embasada no ponto de vista filosófico do Existencialismo dialógico. Nomeada, na estrutura da relação propriamente dita, de Diálogo Eu-Tu, Encontro, ou Encontro Existencial. A esta concepção ou atitude de relação articula-se uma metodologia de trabalho que forma, com ela, um todo coerente e indissociável[206].

Dentro dessa perspectiva de considerar a relação terapeuta-cliente como um encontro existencial, a GT se inscreve na linha de uma terapia dialógica, para a qual o fundamento último da existência é relacional, sendo, portanto, voltada para o domínio ou espaço do "entre", conforme apresenta, com clareza, Hycner[207]. (Diz Buber numa passagem de extrema beleza: *"É de um homem para outro que se passa o pão celestial de ser o si mesmo"*[208]).

Isso quer dizer que dois *eus* estabelecem um diálogo existencial onde há um *e* entre eles e, neste espaço de *entre,* o ser de cada um destes *entes*, germina e se transforma pela e na relação. Das cinco características apresentadas por Yontef[209], presentes no contato dialógico (inclusão, presença, compromisso com o diálogo, não exploração e viver o relacionamento), parece ser a *inclusão* a base de sustentação das demais.

"Uma relação entre duas pessoas que se caracteriza em maior ou menor grau pelo elemento de inclusão pode ser chamada uma relação dialógica"[210].

Trata-se de

"... um impulso audacioso para frente que exige uma agitação muito intensa de nosso ser para dentro da vida do outro"[211].

A inclusão é o espaço para o terapeuta experimentar o que o cliente está experimentando e, ao mesmo tempo, estar centrado em si. Vale ressaltar que não se trata de empatia, um sentimento entre outros, apesar de importante, pois nela deixa-se de lado um polo existencial do diálogo, o que não deve ocorrer no momento verdadeiro de inclusão[212].

No "*e*" de Buber, presente no "Eu-e-tu" e no "aqui-e-agora", princípios básicos da GT, apresenta-se, para Petzold, o espaço do *social*, da realidade social. O conceito eu-e-tu não é, portanto, nem um conceito individualístico, nem dualístico, mas um conceito social. O conceito de *encontro*, segundo esse autor, é um "*conceito expressionista*"[213]. Petzold aponta não só a proximidade entre Buber e Landauer (influência já citada sobre Perls), pois ambos eram teóricos anarquistas de grande competência, como critica os gestalt terapeutas americanos por terem deixado de lado o *e*, que representa o recorte social nas concepções de Buber. Estes gestalt terapeutas, notadamente os da Costa Oeste, teriam tomado o *aqui-e-agora* e o *Eu-e-tu*, a partir de um ponto de vista a-histórico e individualista, portanto distorcendo grande parte do que está implícito em sua concepção.

Essa postura de encontro existencial, esboçada em linhas gerais, alia-se ou serve de suporte a uma atitude fenomenológica. O que significa que é utilizado o método fenomenológico como caminho para a conquista do que se denomina *awareness*, objetivo focalizado pelo gestalt terapeuta a cada passo. Valendo enfatizar, como diz Jacobs, que a metodologia de awareness e a forma peculiar de *contato*, que é o *diálogo*, são um todo indissociável.

Sendo importante assinalar que, na abordagem fenomenológica, não se trata apenas de uma descrição do que se vê, mas de uma interrogação do todo que aparece. Como diz Ribeiro: "*... não se trata de um espetáculo a ver, mas de um texto a compreender*"[214].

B. Principais conceitos

Através dessa apresentação, de caráter geral, das fontes e influências da GT, alguns de seus conceitos básicos já foram delineados. Serão enfatizados

aqueles considerados fundamentais no seu corpo teórico e para a prática dele derivada.

Campo, contato, fronteira de contato, ajustamento criativo e suporte

Considera Tellegen que, nas obras de Perls há, ora uma ênfase nos aspectos dinâmicos e econômicos intrapsíquicos oriunda de sua formação psicanalítica inicial, ora uma preocupação com as dimensões inter-subjetivas e sócio-culturais[215]. Os conceitos básicos da GT de campo, contato e fronteira de contato podem ser considerados uma tentativa de integrar, segundo ela, essas dimensões. Através deles se reconhece a proposta fundamental de Perls de criar uma linguagem que superasse o pensamento dualista, corpo-mente, sujeito-objeto, natureza-cultura e indivíduo-sociedade.

"Em qualquer investigação biológica, psicológica e sociológica devemos partir da interação do organismo e seu meio (...) Chamemos a essa interação organismo-meio, de campo organismo-meio e lembremo-nos de que, não importa como teorizarmos sobre impulsos, drives, etc., sempre estaremos nos referindo a tal campo de interação e não a um ser isolado (...) A experiência ocorre na fronteira entre o organismo e seu meio (...) Experiência é a função desta fronteira. Falamos em um organismo contatando um meio, mas é o contato que é a realidade mais simples e primeira"[216].

Essa concepção é central, como reafirma Perls em sua última obra:

"É neste limite de contato que ocorrem eventos psicológicos. Nossos pensamentos, ações, comportamentos e nossas emoções são nossa maneira de vivenciar e encontrar esses fatos limítrofes"[217]. (...) *"Nosso enfoque, que vê o ser humano simultaneamente e, por natureza, como um indivíduo e um membro do grupo, nos dá uma base de operações mais ampla"*[218].

Contato é o reconhecimento do outro, o lidar com o outro, o que não-é-eu, o diferente, o novo e o estranho[219]. Numa situação de contato, estamos, inevitavelmente, assujeitados a possibilidade da *novidade* e do imprevisto.

O organismo subsiste em relação com o meio, mantendo sua diferença, sua alteridade e, principalmente, assimilando o meio a seu ser diferente.

É na fronteira que se afastam os perigos, que são transpostos os obstáculos e que é selecionado o assimilável. Este, é sempre novidade e, integrando-o, o organismo cresce e muda. Todo contato é, então, um processo dinâmico e criativo. Não pode ser estereotipado, pois deve abrir-se ao novo, condição de nutrição. E, ainda, ajustá-lo ao organismo. Perls, Hefferline e Goodman assim o definem:

"Todo contato é ajustamento criativo do organismo e o meio (...) Podemos então definir: Psicologia é o estudo dos ajustamentos criativos. Seu tema é a sempre renovada transição entre novidade e rotina resultando em assimilação e crescimento. (...) psicologia do anormal é o estudo da interrupção, inibição ou outros acidentes no curso dos ajustamentos criativos. (...) Criatividade e ajustamento (...) são mutuamente necessários"[220].

Contato deve ser entendido não como estado, mas como uma *ação*: o contato *é feito* na fronteira eu-outro. Não se trata porém, de uma "fronteira entre"; não separa o organismo e seu contexto.

"... a fronteira de contato - por exemplo, a pele sensível - não é tanto parte do organismo, mas sim é o órgão de uma relação específica do organismo e o meio"[221].

Perls denomina "ciclo de contato" o processo que tem origem numa vaga sensação, que se delineia como "figura", levando à mobilização de energia e à ação que responde à necessidade em questão. O ciclo se fecha quando o organismo reestabelece seu equlíbrio, colocando-se, desta forma, "à disposição" de novas figuras motivacionais.

Portanto, o intercâmbio organismo-meio é descrito como um processo contínuo de surgimento de "figuras" que vão provocar o organismo como um todo, ativando seus sistemas vegetativo, sensorial, motor e cognitivo.

A aproximação e a fuga, opostos dialéticos, são os meios do indivíduo lidar com objetos do campo na fronteira de contato. *"Contato implica em atração e rejeição, em aproximação e distanciamento, em sentir, avaliar, discernir, comunicar, lutar, detestar, amar"*[222]. Na fronteira existe excitação, interesse, cuidado, curiosidade, ou medo e hostilidade[223]. Nela, uma experiência inicialmente não percebida ou difusa, torna-se foco, destaca-se como uma gestalt

nítida. A fluência na formação contínua de gestalten está implícita no processo de crescimento e no desenvolvimento criativo do indivíduo e de suas relações.

As concepções de campo, fronteira e contato são eixos básicos da abordagem gestáltica para delinear as questões de *saúde* e *patologia*. As patologias se manifestam nos distúrbios ou disfunções expressas no contato. Nesse caso, o livre fluxo de gestalten está interrompido, a experiência de fronteira perde nitidez, por interferência de gestalten fixas e incompletas que não concluiram seu ciclo de fechamento. As faculdades de diferenciação e discriminação são alienadas e projetadas, e a energia que, de outro modo, poderia estar disponível para ação direta e criativa, é utilizada nos vários canais de interação defensiva (projeção, retroflexão, introjeção, deflexão e confluência)[224].

De modo geral, os distúrbios de contato podem ser caracterizados, num extremo, por excesso de rigidez e, no outro, por excesso de permeabilidade. Estes casos extremos levariam o indivíduo ao isolamento ou a perda de diferenciação e identidade. Entre esses extremos há uma variada gama de possibilidades nos modos de se manifestarem os distúrbios de contato e este conjunto delineia uma concepção de patologia que orienta os trabalhos terapêuticos[225].

O critério para saúde ou patologia está na *qualidade* do contato sendo, portanto, visto em relação ao processo de *ajustamento criativo* do indivíduo ao meio. Este significa auto-regulação, abertura ao novo, contato vivo e vitalizante.

A idéia de "ajustamento criativo" se refere à formação de novas configurações pessoais, com a entrada de novos elementos a partir da experiência do contato. Ou seja, trata da reestruturação inevitável que a entrada de qualquer elemento novo provoca na antiga estrutura. É o processo no qual se parte de estruturas relacionais que já não são funcionais, no sentido de superá-las.

"A noção de contato, assim entendida, como base relacional fundamental e originária daquilo que se apresenta à nossa experiência como eu-outro, sujeito-objeto, interno-externo, constitui a base fenomenológica da abordagem gestáltica e é o cerne de sua metodologia"[226].

Nesse contexto conceitual, *self* é definido como o "sistema de contatos a qualquer momento"[227]. Portanto, é a fronteira de contato em *funcionamento*. É flexivelmente variado, acompanhando as necessidades orgânicas dominantes e os estímulos ambientais pressionantes.

"O self é precisamente o integrador; é a unidade sintética, como disse Kant. É o artista da vida. É somente um pequeno fator na interação total organismo-meio, mas tem um papel crucial de achar e fazer os significados que nos fazem crescer"[228].

Sob esse ponto de vista, saúde psicológica e doença são descritas através de processos de identificação e alienação do *self*. E "ego" é definido como o sistema de identificações e alienações.

Nos dois livros clássicos básicos[229] é bastante desenvolvida essa concepção de *self* como processo. Uma má compreensão dessa definição de *self* levou a críticas a GT, no sentido de que a mesma não se ocuparia da continuidade do *self* como uma *estrutura* e, assim, não reconheceria que o indivíduo traz um *self* existente à situação presente[230]. Portanto, nesse caso, a GT seria limitada em termos de alcance terapêutico por não se referir à existência "nuclear" do *self*. Não é meu objetivo estender-me na reflexão sobre essa questão mas, dada sua relevância, basta assinalar que:

"A *GT é construída sobre a idéia da teoria de campo que estrutura e função são inseparáveis e que as estruturas humanas são processo. Não há dúvida que estruturas estáveis existem, mas elas são conceitualizadas como processos. Processo é rítmico, contínuo, tem consistência interna, isto é, ele é estrutural*"[231].

Sob esse ponto de vista, "núcleo" ou "*self*" são sempre concebidos no contexto de um campo organismo-meio. Assim como não há nenhum meio humano, sem os processos chamados, em geral, de "internos".

A proposta da GT é que, independente de estar o *self* saudável, neurótico, psicótico ou na faixa de perturbações de *self*, é um processo que ocorre *na fronteira*. Em GT, portanto, a noção de *processo* inclui indispensavelmente a

noção de *estrutura* (e vice-versa) e os fenômenos de fronteira no campo organismo-meio, necessariamente, relacionam-se com o que poderia ser denominado de "aspectos nucleares"[232]. E é através da fronteira de contato que estes, não só são atingidos, como se manifestam.

Outra noção básica que deve ser introduzida é a de *suporte*: o contato só pode se dar na medida de suporte disponível no presente.

"Suporte começa pela fisiologia básica como respiração, circulação e digestão, continua com o desenvolvimento da córtex, a dentição, postura ereta, coordenação, sensibilidade e mobilidade, linguagem e sua utilização, hábitos e costumes, até e particularmente defesas que na época de sua formação serviam de suporte. Todas as experiências plenamente assimiladas e integradas constituem o fundo da pessoa, que dão sentido às gestalten que vão emergindo e desta forma dão suporte a uma determinada maneira de viver na fronteira com excitação "[233].

O suporte é, pois,

"... o background total contra o qual a experiência presente se destaca (existe) e forma uma gestalt significativa. Pois isso é o que é o significado: a relação de uma figura com o seu fundo"[234].

Das concepções expostas anteriormente, deriva-se o objetivo proposto, a cada passo, pelo trabalho em GT: facilitar o *continuum de presentificação*, a formação livre, fluente e contínua de "gestalten" que podem levar, a partir de novas configurações figura-fundo, a novas configurações de relações de significado.

Fica claro a partir do que foi desenvolvido até agora, que o sentido de "*aqui-e-agora*" (frequentemente mal entendido) é amplo, significando que o que *existe*, existe agora, mas o agora está prenhe de futuro e contém a totalidade do passado.

O espaço à psicoterapia pode-se abrir quando, em linguagem corrente, o indivíduo "está mal", dito de outra forma está em "crise existencial". Ou, ainda, utilizando-se uma linguagem mais operacional, segundo o modelo

apresentado, quando o indivíduo está *em dificuldades no seu processo de ajustamento criativo com o meio* e sua auto-regulação organísmica se encontra prejudicada.

---

1 - Lispector, C. - *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio, Nova Fronteira, 1982, pg. 83.

2 - Usarei a abreviação GT ao me referir a Gestalt Terapia.

3 - Tellegen, T. A. - *Gestalt e grupos - uma perspectiva sistêmica*. São Paulo, Summus, 1984, pg. 25.

4 - Ciornai, S. - Gestalt-terapia hoje: resgate e expansão. *Revista de Gestalt*. São Paulo, Instituto Sedes Sapientiae, volume 1, nº 1, 1991, pg. 13.

5 - Juliano, J. C. - Gestalt Terapia: origem, idéias e tendências atuais. Palestra de abertura. *III Encontro Nacional de Gestalt Terapia*. Brasília, 1991, pg. 1.

6 - Remontar a elas, exaustivamente, e a seus eventuais elos geradores, produziria uma "árvore genealógica" mais complexa que constituiria, por si só, um objeto de pesquisa. Não é esse, entretanto, meu objetivo nessa apresentação, de caráter geral.

7 - Perls, F. S. - *Escarafunchando Fritz - dentro e fora da lata de lixo*. São Paulo, Summus, 1979, pg. 61.

8 - Tratarei disso, posteriormente, quando me referir aos abusos do qual foi (ou se fez) vítima a GT.

9 - Uma apresentação da trajetória pessoal de Perls, que permite um acompanhamento, passo a passo, das influências que sofreu e que convergiram na GT, pode ser encontrado, de modo detalhado, em Tellegen, T. A. - opus cit. e Shepard, M. - *Fritz, Perls - La terapia guestaltica.* Buenos Aires, Paidos, 1977.

10 - Entrelaçar a gênese e desenvolvimento da história de um pensamento com o percurso pessoal de seu autor é apenas um recorte possível como objeto de estudo. Embora este não seja meu objetivo, utilizo-o como recurso, quando considerá-lo útil para clarificar o desenvolvimento das idéias, das quais pretendo me ocupar.

11 - Perls, F. S. - opus cit., 1979, pg. 75.

12 - Shepard, M. - *Fritz, Perls - La terapia guestáltica,* 1977, opus cit. pg. 49.

13 - Perls, F. S. - opus cit., 1979, pg. 78.

14 - Tellegen, T. A. - opus cit., pg. 29.

15 - Perls, F. S. - opus cit., 1979, pg. 36.

16 - Perls, F. S. - *Yo, hambre y agresión.* Los comienzos de la terapia gestaltista. México, Fondo de Cultura Económica, 1975.

17 - Perls, F. S. - opus cit., 1979, pg. 108. - Grifado no original.

18 - Idem, pg. 77.

19 - Idem.

20 - Perls, F. S. - opus cit., 1975, pg. 15 - Grifado no original.

21 - Idem, pg. 12.

22 - Que será apresentado no tópico dedicado às influências do pensamento de Friedlaender.

23 - Perls, F. S. - opus cit., 1975, pg. 27.

24 - Perls, L. - Entendidos e Mal-entendidos de Gestalt Terapia. In *Voices.* vol. 14, nº 3, 1978, pg. 31-36 (tradução de Therese A. Tellegen, pg. 3).

25 - Shepard, M. - opus cit., pg. 57 .

26 - Tellegen, T. A. - opus cit., pg. 31.

27 - A evolução da posição de liderança, de Perls, em grupos de "contracultura", que caracterizaram os movimentos de jovens na década de 60, nos Estados Unidos, fica marcada por ocasião de seu internamento e morte, em Chicago, em 1970. Foi necessária a presença de uma guarda policial para conter os grupos de "jovens" e "hippies", que rendiam sua homenagem a seu "mentor psicológico", como escreveu Shepard, M. (opus cit., pg. 15).

28 - Petzold, H. - Tendências e desenvolvimento da gestalt terapia na Europa. *Boletim da Associação Neerlandesa de Gestalt terapia.* Informes do Congresso Quinquenal. Utrecht, 1984 (tradução de Luiz Fernando F. da Rosa Ribeiro), pg. 1.

29 - Idem, pg. 2.

30 - Perls, L. - carta pessoal, 1975, citada por Kogan, J. The genesis of Gestalt therapy. In Hatcher, C. e Himelstein, P. (ed.), *The handbook of gestalt therapy.* New York, Jason Aronson, 1976, pg. 250.

31 - Perls, F. S., Hefferline, R. F. e Goodman, P. - *Gestalt therapy: Excitement and Growth in the Human Personality.* Londres, Penguin Books, 1977.

32 - Perls, L. - opus cit., 1978, pg. 3 (tradução de Therese A. Tellegen).

33 - Já desde antes de sua publicação, Laura e Perls coordenavam um grupo semanal, que significava a primeira geração da história da GT. Entre eles estavam: E. Shapiro, Paul Weiss, Isadore From e, naturalmente, Paul Goodman. Posteriormente, R. Hefferline e J. Simkin. (ver Shepard, M., opus cit., pg. 61).

34 - Perls, F. S., Hefferline, R. F. e Goodman, P. - opus cit., pg. 29.

35 - Idem, pg, 21 - o grifo é meu.
36 - Shepard, M. - opus cit., pg. 62.
37 - From, I. - Reflections on gestalt therapy after 32 years. *The Gestalt Journal*. Vol. VII, nº 1, Primavera, 1984 - (tradução de Luiz Fernando F. R. Ribeiro), pg. 3 e From, I. - In Wysong, J. e Rosenfeld, E. (org.) - An oral history of gestalt therapy - interviews with Laura Perls, Isadore From, Erving Polster e Miriam Polster. *The Gestalt Journal*. New York, 1982, pg. 31.
38 - A noção de experimento será definida posteriormente.
39 - Do meu ponto de vista, a relação entre "o experiencial" e o "teórico" e sua integração é uma questão com a qual a GT se debate até hoje. E que se revela nas tentativas de maior produção teórica que marcam a biblografia recente.
40 - Perls, F. S., Hefferline R. F. e Goodman, P. - opus cit., pg. 14 - o grifo é meu.
41 - Perls, F. S. - *Gestalt Terapia explicada*. São Paulo, Summus, 1976, pg. 32.
42 - Num depoimento a Shepard, diz Shapiro, um dos integrantes desse grupo, referindo-se à reação deste ao "estilo" Perls: "*Lembro-me, e isso continua a me maravilhar, que Fritz, constantemente vinha com alguma idéia nova... eu realmente apreciava sua capacidade para refrescar a visão das coisas... Talvez seu entusiasmo tenha afastado a algumas pessoas. Ninguém pensa em um intelectual como em um exaltado, e quando se apresentava de excelente humor e salpicando tudo com uns poucos adjetivos anglo saxões, não o tomávamos como parte de um estilo intelectual*". (Shepard, M., opus cit. pg. 66).
43 - Ribeiro, W. F. R. - in Ribeiro, J. P. - *Gestalt-Terapia: refazendo um caminho*. São Paulo, Summus, 1985, Prefácio, pg. 13.
44 - Kogan, J. - opus cit., pg. 243.
45 - Kogan, J. - opus cit.; Simkin, J. e Yontef, G. M. - Gestalt therapy. In Corsini, R. (ed.) *Current Psychoterapies*. Ithasca, Peacock Publishers, 3ª edição, 1984, pg. 285; Ribeiro, W. F. R. - opus cit.
46 - From. I. - opus cit., 1984, pg. 2.
47 - Ver Yontef, G. M. - Modes of thinking in gestalt therapy. *The Gestalt Journal*. Vol. VII, nº 1, 33-74, 1984.
48 - Perls, L. - opus cit. 1978; Yontef, G. M. - opus cit., pg. 36; Wysong, J. e Rosenfeld, E. (org.) - An oral history of gestalt therapy - interview with Laura Perls, Isador From e Mirian Polster. New York. *The gestalt Journal*. 1982.
49 - Perls, L. - opus cit., 1978; Yontef, G. M. - *Mediocrity or excellence: an identity crisis in gestalt therapy training* Michigan, ERIC/CAPS, University of Michigan, 1981.
50 - Kogan, J. - opus cit., pg. 239.
51 - Idem.
52 - Tellegen, T. A. - opus cit., pg. 46.
53 - Petzold, H. - opus cit., pg. 7.
54 - Polster, E. e Polster, M. - *Terapia Guestáltica*. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1976, pgs. 292-296.
55 - Petzold, H. - opus cit., pg. 8.
56 - Simkin, J. e Yontef, G. M. - opus cit., pg. 285.
57 - Kogan, J. - opus cit., pg. 239.
58 - Shepard, M. - opus cit., pg. 45.
59 - Tellegen, T. A. - opus cit., pg. 36.
60 - Petzold, H. - opus cit.
61 - Shepard, M. - opus cit., pg. 45.
62 - Perls, F. S. - opus cit., 1979, pg. 66.

35 - Idem, pg, 21 - o grifo é meu.
36 - Shepard, M. - opus cit., pg. 62.
37 - From, I. - Reflections on gestalt therapy after 32 years. *The Gestalt Journal*. Vol. VII, nº 1, Primavera, 1984 - (tradução de Luiz Fernando F. R. Ribeiro), pg. 3 e From, I. - In Wysong, J. e Rosenfeld, E. (org.) - An oral history of gestalt therapy - interviews with Laura Perls, Isadore From, Erving Polster e Miriam Polster. *The Gestalt Journal*. New York, 1982, pg. 31.
38 - A noção de experimento será definida posteriormente.
39 - Do meu ponto de vista, a relação entre "o experiencial" e o "teórico" e sua integração é uma questão com a qual a GT se debate até hoje. E que se revela nas tentativas de maior produção teórica que marcam a biblografia recente.
40 - Perls, F. S., Hefferline R. F. e Goodman, P. - opus cit., pg. 14 - o grifo é meu.
41 - Perls, F. S. - *Gestalt Terapia explicada*. São Paulo, Summus, 1976, pg. 32.
42 - Num depoimento a Shepard, diz Shapiro, um dos integrantes desse grupo, referindo-se à reação deste ao "estilo" Perls: "*Lembro-me, e isso continua a me maravilhar, que Fritz, constantemente vinha com alguma idéia nova... eu realmente apreciava sua capacidade para refrescar a visão das coisas... Talvez seu entusiasmo tenha afastado a algumas pessoas. Ninguém pensa em um intelectual como em um exaltado, e quando se apresentava de excelente humor e salpicando tudo com uns poucos adjetivos anglo saxões, não o tomávamos como parte de um estilo intelectual*". (Shepard, M., opus cit. pg. 66).
43 - Ribeiro, W. F. R. - in Ribeiro, J. P. - *Gestalt-Terapia: refazendo um caminho*. São Paulo, Summus, 1985, Prefácio, pg. 13.
44 - Kogan, J. - opus cit., pg. 243.
45 - Kogan, J. - opus cit.; Simkin, J. e Yontef, G. M. - Gestalt therapy. In Corsini, R. (ed.) *Current Psychoterapies*. Ithasca, Peacock Publishers, 3ª edição, 1984, pg. 285; Ribeiro, W. F. R. - opus cit.
46 - From. I. - opus cit., 1984, pg. 2.
47 - Ver Yontef, G. M. - Modes of thinking in gestalt therapy. *The Gestalt Journal*. Vol. VII, nº 1, 33-74, 1984.
48 - Perls, L. - opus cit. 1978; Yontef, G. M. - opus cit., pg. 36; Wysong, J. e Rosenfeld, E. (org.) - An oral history of gestalt therapy - interview with Laura Perls, Isador From e Mirian Polster. New York. *The gestalt Journal*. 1982.
49 - Perls, L. - opus cit., 1978; Yontef, G. M. - *Mediocrity or excellence: an identity crisis in gestalt therapy training* Michigan, ERIC/CAPS, University of Michigan, 1981.
50 - Kogan, J. - opus cit., pg. 239.
51 - Idem.
52 - Tellegen, T. A. - opus cit., pg. 46.
53 - Petzold, H. - opus cit., pg. 7.
54 - Polster, E. e Polster, M. - *Terapia Guestáltica*. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1976, pgs. 292-296.
55 - Petzold, H. - opus cit., pg. 8.
56 - Simkin, J. e Yontef, G. M. - opus cit., pg. 285.
57 - Kogan, J. - opus cit., pg. 239.
58 - Shepard, M. - opus cit., pg. 45.
59 - Tellegen, T. A. - opus cit., pg. 36.
60 - Petzold, H. - opus cit.
61 - Shepard, M. - opus cit., pg. 45.
62 - Perls, F. S. - opus cit., 1979, pg. 66.

63 - Perls, F. S., Hefferline, R. F. e Goodman, P. - opus cit., pg. 17.
64 - Tellegen, T. A. - opus cit., pg. 37.
65 - Perls, F. S., Hefferline, R. F. e Goodman, P. - opus cit., pg. 17.
66 - Não é meu objetivo, nessa apresentação, deter-me na adequação ou não das referências feitas a Reich e outros autores citados, mas apenas apresentá-las tais como aparecem nos textos gestálticos aqui utilizados.
67 - Perls, F. S. - opus cit., 1979, pg. 67-68.
68 - Tratarei desse termo, de difícil tradução, bem como de sua importância no contexto da GT, no capítulo três.
69 - Perls, F. S., Hefferline, R. F. e Goodman, P. - opus cit., pg. 18 e 19.
70 - Polster, E. e Polster, M. - opus cit., pg. 295.
71 - Perls, F. S. - opus cit., 1979, pg. 55.
72 - Perls, L. - opus cit., 1978, pg. 3.
73 - Perls, F. S. - opus cit., 1979, pg. 65.
74 - Idem, pg. 55.
75 - Shepard, M. - opus cit. pg. 40.
76 - Idem, pg. 43.
77 - Petzold, H. - opus cit., pg. 7.
78 - Perls, F. S., Hefferline, R. F. e Goodman, P. - opus cit., pg. 40.
79 - Petzold, H. - opus cit., pg. 7.
80 - Estará também nomeada uma dicotomia mais recente: GT européia de um lado, e GT americana de outro?
81 - Polster, E. e Polster, M. - opus cit., pg. 293.
82 - Perls, F. S., Hefferline, R. F. e Goodman, P. - opus cit., pg. 284.
83 - Este conceito será apresentado posteriormente.
84 - Perls, F. S., Hefferline, R. F. e Goodman, P. - opus cit., pg. 286 e 287.
85 - From. I. - In Wysong, J. e Rosenfeld, E. (org.) - An oral history of gestalt therapy - interview with Laura Perls, Isadore From e Miriam Polster. *The Gestalt Journal*. New York, 1982, pg. 37.
86 - Polster, E. e Polster, M. - opus cit., pg. 292.
87 - Idem, pg. 293.
88 - Prado Jr., B. - O neopsicologismo humanista. In *Alguns Ensaios*. São Paulo, Max Limonad, 1985, pg. 89.
89 - Idem.
90 - Yontef, G. M. - A review of the practice of Gestalt Therapy, in Stephenson, F. D. (ed.) - *Gestalt Therapy Primer*. Springfield, Illinois, C. Thomas, 1969, pg. 194.
91 - Idem.
92 - Perls, F. S. - opus cit., 1979, pg. 78.
93 - Idem, pg, 79.
94 - Kogan, J. - opus cit e Tellegen. T. A. - opus cit.
95 - Kogan, J. - opus cit., pg. 240.
96 - Perls, F. S. - opus cit., 1979, pg, 80.
97 - Perls, F. S. - opus cit., 1975, pg. 24.
98 - Perls, F. S. - opus cit., 1976, pg. 20.
99 - Kogan, J. - opus cit., pg. 239.
100 - Sabemos que as concepções teóricas de Lewin, a partir da década de 40, influenciaram a grande maioria dos trabalhos com grupos em psicoterapia e a GT não ficou fora disso. Perls encaminhou-se para uma ênfase cada vez maior no trabalho grupal, chegando a afirmar, na Introdução à re-edição de "*Ego, hunger and agression*", em 1969, que "... *a*

sessão individual deveria ser a exceção e não a regra" (Perls, 1969, pg. 9). Esta posição não necessariamente foi compartilhada por outros gestalt terapeutas de sua época, mas tratar dessa questão, foge dos objetivos desse trabalho.

101 - Perls, F. S. - opus cit., 1975, pg. 34.
102 - Tellegen, T. A. - opus cit., pg. 37.
103 - Perls, F. S. - opus cit., 1979, pg. 21.
104 - Perls, F. S. - opus cit., 1975, pg. 96.
105 - Estas seriam as traduções de segunda mão, para o português, das aproximações, em Inglês, que os autores propõem para a palavra alemã GESTALT, sem equivalente tanto numa como noutra língua. (Perls, F. S., Hefferline, R. F. e Goodman, P. - opus cit., pg. 16).
106 - Tellegen, T. A. - opus cit., pg. 38.
107 - Perls, F. S., Hefferline R. F. e Goodman, P. - opus cit., pg, 274.
108 - Idem, pg. 19 - o grifo é meu.
109 - Idem, pg. 14.
110 - Exceção seja feita, para eles, ao conceito de introjeção de Freud, que tratou, parcialmente, dessa questão. (Idem, pg. 14).
111 - Petzold, H. - opus cit., pg. 6.
112 - Smuts, C. J. - *Holism and Evolution*. Danton, MacMillan, 1926, pg. 291, citado por Petzold, H. - opus cit., pg. 6.
113 - Perls, F. S. - opus cit., 1975, pg. 36.
114 - Perls, F. S. - *A abordagem gestáltica e Testemunha Ocular da terapia*. Rio, Zahar, 1977, pg. 24.
115 - Perls, F. S. - opus cit., 1975, pg. 34.
116 - Tellegen, T. A. - opus cit., pg. 39.
117 - Idem, pg. 38.
118 - Idem, pg. 39.
119 - Perls, F. S. - opus cit., 1976, pg. 33-34.
120 - Koffka, K. - *Princípios da Psicologia da Gestalt*, S. Paulo, Cultrix, 1975, cap. II, abordado em Tellegen, T. A. - opus cit., pg. 46 e 47.
121 - Tellegen, T. A. - opus cit., pg. 48.
122 - Lewin, K. - *Problemas de Dinâmica de Grupo*. S.P. Cultrix, 1970 e *Princípios de Psicologia Topológica*. S.P. Cultrix, 1973, abordado por Tellegen, T. A. opus cit. pg. 47 e 48.
123 - Tellegen, T. A. - opus cit., pg. 48.
124 - Perls, F. S. - opus cit., 1979, pg. 16.
125 - Perls, F. S., Hefferline, R. F. e Goodman, P. - opus cit., pg. 285. Grifado no original.
126 - Não é meu objetivo pesquisar a pertinência ou não dessas colocações, mas apenas apresentar certas questões do ponto de vista da literatura gestáltica clássica.
127 - Perls, F. S., Hefferline, R. F. e Goodman, P. - opus cit., pg. 286.
128 - Idem, pg. 454.
129 - Perls, F. S. - opus cit.,1979, pg. 81 e 82.
130 - Kogan, J. - opus cit., pg. 240.
131 - Petzold, H. - opus cit., pg. 4.
132 - Tellegen, T. A. - opus cit., pg. 37.
133 - Yontef, G. M. - Gestalt-Therapy: Its Inheritance from Gestalt Psychology. *Gestalt theory*. Vol. IV, 1/2, 23-39, 1982, pg. 23.
134 - Idem, pg. 24.
135 - Wertheimer, M. - Gestalt Theory. In W. D. Ellis (ed.), *A sourcebook of Gestalt psychology*. Londres, 1938, citado por Yontef, G. M. - opus cit., 1982, pg. 24.

136 - Kohler, W. - *The task of Gestalt psychology*. Princeton, 1969, citado por Yontef, G. M. - opus cit., 1982, pg. 24.
137 - Kohler, W. - citado in Heidbreder, E. - *Seven Psychologies*. New York, 1933, pg. 355, citado por Yontef, G. M. - opus cit., 1982, pg. 29.
138 - Yontef, G. M. - *Mediocrity or excellence: an identity crisis in gestalt therapy*, opus cit., 1981.
139 - Perls, F. S., Hefferline, R. F. e Goddman, P. - opus cit., pg. 13 e 14.
140 - Perls, F.S. - opus cit., 1979, pg. 84.
141 - Perls, F. S., Hefferline, R. F. e Goodman, P. - opus cit., pg. 15.
142 - Idem, pg. 277.
143 - Idem, pg. 278.
144 - Idem.
145 - Wallen, R. - Gestalt Terapia e Psicologia da "Gestalt" in Fagan, J. e Shepherd, I. L. - *Gestalt Terapia - Teoria, Técnicas e Aplicações*. Rio, Zahar, 1977, pg. 22.
146 - Tellegen, T. A. - opus cit., pg. 39.
147 - Wallen, R. - opus cit., pg. 23. Aqui a repressão é entendida como um fenômeno muscular, segundo as concepções reichianas, como foi apresentado anteriormente.
148 - Perls, F. S. - opus cit., 1975, pg. 41.
149 - Perls, F. S. - opus cit., 1977, pg. 30.
150 - Perls, F. S., Hefferline, R. F. e Goodman, P. - opus cit., pg. 278 e 279 - Grifado no original
151 - Idem, pg. 16.
152 - Perls, F. S. - opus cit., 1975, pg. 10.
153 - Idem, pg. 16.
154 - Perls, F. S. - opus cit., 1979, pg. 96.
155 - Idem, pg. 95.
156 - Petzold, H. - opus cit., 1984, pg. 2.
157 - Perls, F. S. - opus cit., 1975, pg. 17.
158 - Idem, pg.23.
159 - Petzold, H. - opus cit., pg. 3. - Isso se articula diretamente com a metodologia de "awareness" característica da GT, como apresentarei posteriormente.
160 - Idem, pg. 3. - Petzold aproxima a "pré-diferença" do conceito de Husserl de "Lebenswelt", o mundo-da-vida, e ainda com o posterior conceito de Merleau Ponty de corpo fenomenal, como uma parte do mundo da vida.
161 - Perls, F. S. - opus cit., 1975 pg. 23.
162 - Idem, pg. 17.
163 - Kogan, J. - opus cit., pg. 241.
164 - Perls, F. S., - opus cit., 1979, pg. 89.
165 - Idem, pg. 96.
166 - Idem, pg. 142.
167 - Tellegen, T. A. - opus cit., pg. 42.
168 - Petzold, H. - opus cit., pg. 2.
169 - Idem, pg. 4.
170 - Idem, pg. 5.
171 - Essas idéias de Landauer, para Petzold, são semelhantes às desenvolvidas por Merlean Ponty na obra "*La Prose du Monde*", quando diz que temos que ouvir o sentido não expresso que o ser está murmurando. (Petzold, H. - opus cit., pg. 4).
172 - Kogan, J.- opus cit., pg. 242.
173 - Por exemplo, Korsybski já aparece na primeira obra de Perls (Perls, F. S., opus cit, 1975, pg. 275) e é citado logo na introdução do "*Gestalt Therapy*", (pg. 16, 19 e 21). Dá para

apreender sua importância, em trechos da obra autobiográfica de Perls (1979), por exemplo pgs. 62 e 131. Perls, Hefferline e Goodman afirmam, entretanto, mesmo que será mínima a referência à terminologia semântica em sua obra (pg. 16).

174 - E cita um exemplo: a cientologia propõe que se diga: "*sinto-me mal na sua presença*", ao invés de: "*você me faz sentir-me mal*", Shepard, M. - opus cit., pg. 64 e 170.

175 - Perls, F. S., Hefferline R. F. e Goodman, P. - opus cit, pg. 16.

176 - Yontef, G. M. - *Modes of thinking in gestalt therapy*, opus cit., 1984, pg. 34.

177 - Yontef, G. M. - *A review of the practice of Gestalt Therapy*, opus cit., 1969, pg. 186.

178 - Idem.

179 - Perls, F. S. - opus cit., 1975, pg. 12.

180 - Yontef, G. M. - opus cit., 1969, pg. 194.

181 - Perls, F. S. - opus cit., 1975, pg. 36.

182 - Perls, F. S. - opus cit., 1976, pg. 33 e Perls, F. S. - opus cit., 1979, pg. 79.

183 - Perls, F. S. - opus cit., 1976, pg. 33.

184 - Não é meu objetivo tratar da pertinência ou não desse ponto de vista.

185 - Shepard, M. - opus cit., pg. 18.

186 - Perls, F. S., Hefferline, R. F. e Goodman, P. - opus cit., pg. 14.

187 - Perls, F. S. - opus cit., 1976, pg. 32.

188 - Kogan, J. - opus cit., pg. 239.

189 - Prado Jr., B. - *O neopsicologismo humanista*, opus cit., 1985, pg. 91.

190 - Tellegen, T. A. - opus cit., pg. 40 e Yontef, G. M. - *Gestalt-Therapy: Its Inheritance from Gestalt Psychology*, opus cit., 1982, pg. 33.

191 - Yontef, G. M. - opus cit., 1982, pg. 33 e 34 e Simkin, J. e Yontef, G. M. - Gestalt therapy. In Corsini, R. (ed.) *Current Psychoterapies*. opus cit., pg. 280.

192 - Tellegen, T. A. - opus cit., pg. 41 e Forghieri, Y. C. - Fenomenologia, Existência e Psicoterapia. In Forghieri, Y. C. (org.) *Fenomenologia e Psicologia*. São Paulo, Cortez, 1984, pg. 17.

193 - Japiassu, H. - *Introdução à epistemologia da Psicologia*.Rio, Imago, 1975, pg. 98.

194 - Yontef, G. M. - opus cit., 1982, pg. 36; Dartigues, A. - *O que é fenomenologia?* Rio de Janeiro, Eldorado, 1973, pg. 28; Morato, H. T. P. - Abordagem centrada na pessoa: teoria ou atitude na relação de ajuda? in Rachel Lea Rosenberg (org.) *Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa*. São Paulo, E.P.U. 1987, pg. 33; e Ribeiro, J. P. - *Gestalt Terapia: Refazendo um caminho*. São Paulo, Summus, 1985, pg. 43 e 44.

195 - Yontef, G. M. - Gestalt therapy: a dialogic method. In Shneider, K. (ed.) - *Gestalt Therapie and Neurose*. Munchen: Pfeiffer Verlag, 1981, pg. 6; Yontef, G. M. - The Future of Gestalt Therapy: A Symposium with L. Perls, M. Polster, J. Zinker, and M. V. Miller. *The Gestalt Journal*. Vol. IV, nº 1, 1981, pg. 10; Yontef, G. M. - opus cit., 1984, pg. 69 e Yontef, G. M. - *Mediocrity or excellence: an identity crisis in gestalt therapy*, opus cit., 1981, pg. 7.

196 - Tellegen, T. A. - opus cit., pg. 41.

197 - Perls, L. - opus cit., 1978; Yontef, G. M. - opus cit., 1984.

198 - Perls, F. S., Hefferline, R. F. e Goodman, P. - opus cit., pg. 16.

199 - Yontef, G. M. - *Gestalt therapy: a dialogic method*, opus cit., 1981, pg. 6.

200 - Buber, M. - *Eu e Tu*. São Paulo, Cortez e Moraes, 1979.

201 - Jacobs, L. - Dialogue in Gestalt Theory and Therapy. *The Gestalt Journal*. Vol. XII, nº 1, pg. 36.

202 - Perls, F. S. - opus cit., 1979, pg. 78 e Perls, F. S. - opus cit., 1976, pg. 33.

203 - Friedman, M. - *The Healing Dialogue in Psychotherapy*. New York, Jason Aronson, 1985, pg. 89.

204 - Idem.
205 - Idem.
206 - Yontef, G. M. - *Gestalt therapy: a dialogic method*, opus cit., 1981, pg. 6.
207 - Ver Hycner, R. H., - *Towards a dialogical psychoterapy*. San Diego, California School of Professional Psychology, 1985, pg. 1. Ver também: Friedman, M. - opus cit. e Yontef, G. M. - opus cit., *Gestalt therapy: a dialogic method,*1981.
208 - Buber, M. - *The knowledge of man*: *A philosophy of the interhuman*. New York: Harper e Row, 1965, citado por Hycner, R. H. - opus cit., 1965, pg. 6.
209 - Yontef, G. M. - *Gestalt therapy: a dialogic method*, opus cit., 1981.
210 - Buber, M. - *Between man and man*. New York: The MacMillan Co., 1956, pg. 97, citado por Hycner, R. H. - opus cit., pg. 5.
211 - Buber, M. - *The knowledge of man*, opus cit., pg. 81, citado por Hycner, R. H. - opus cit. pg. 5.
212 - Hycner, R. H. - opus cit., pg. 5.
213 - Petzold, H. - opus cit., pg. 5 - Este autor reporta o conceito de encontro às teorias dramáticas do século XIX, como as de Fisher e Julius Mosen e, também, à Nietzsche.
214 - Ribeiro, J. P. - *Gestalt Terapia: Refazendo um caminho*, opus cit., pg. 45.
215 - Tellegen, T. A. - opus cit., pg. 43.
216 - Perls, F. S., Hefferline, R. F e Goodman, P. - opus cit., pg. 274.
217 - Perls, F. S. - opus, cit., 1977, pg. 31.
218 - Idem, pg. 64.
219 - Perls, L. - Comentários sobre os novos rumos. In Smith, E. W. L. (ed.) - *The growing edge of gestalt therapy*. New York, Brunner-Mazel, 1976 (tradução de Walter F. R. Ribeiro, Brasília, 1977).
220 - Perls, F. S., Hefferline, R. F. e Goodman, P. - opus cit., pg. 277.
221 - Idem, pg. 275.
222 - Tellegen, T. A. - opus cit., pg. 49.
223 - Perls, L. - opus cit., 1976.
224 - Perls, F. S., Hefferline, R. F. e Goodman, P., opus cit., livro um, parte dois; Perls, F. S. - opus cit., 1977; Polster, E. e Polster, M. - opus cit., 1976.
225 - Perls, F. S. - opus cit., 1977; Perls, F. S., Hefferline, R. F. e Goodman, P. - opus cit.; Polster, E. e Polster, M. - opus cit.; Tellegen, T. A. - *Para uma identidade em gestalt: eixos do processo terapêutico*. São Paulo, comunicação proferida no seminário 1, Centro de Estudos de Gestalt de São Paulo, 1986 e Zinker, J. - *El processo creativo en la terapia guestaltica*. Buenos Aires, Paidos, 1979.
226 - Tellegen, T. A. - opus cit., 1984, pg. 50.
227 - Perls, F. S., Hefferline, R. F. e Goodman, P. - opus cit., pg. 281.
228 - Idem, pg. 282.
229 - Perls, F. S. - opus cit., 1975 e Perls, F. S., Hefferline, R.F. e Goodman, P. - opus cit., 1977.
230 - Tobin, S.A. - Self-disorders, Gestalt Therapy and Self Psychology. *The Gestalt Journal*. volume V, nº 2, 1982.
231 - Yontef, G. M. - The Self in Gestalt Therapy: Reply to Tobin. *The Gestalt Journal*. vol. VI, nº 1, 1983, pg. 4.
232 - Idem, pg. 5 .
233 - Perls, L. - opus cit., 1978, pg. 4.
234 - Perls, L. - *Alguns aspectos da Gestalt Terapia*, pg. 4.

Capítulo Dois

"... estava fascinada pelo encontro de si mesma, ela se fascinava e quase se hipnotizava. Ali estavam. Até que a luz que precedia o crepúsculo foi se esgarçando entre penumbras e maiores transparências, e o céu ameaçava uma revelação. A luz se espectralizou em quase ausência, sem que aquela espécie de neutralidade fosse ainda tocada pela escuridão: não parecia crepúsculo e sim o mais imponderável de um amanhecer. Tudo aquilo era absolutamente impossível, por isso é que (...) sabia que via. Se fosse o razoável, ela de nada saberia. E quando tudo começou a ficar inacreditável, a noite desceu."

Clarice Lispector - *"Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres"*

A cara e o rosto

A. A transmissão do saber

A GT é uma proposta terapêutica bastante jovem. Seu primeiro texto, clássico, está fazendo 50 anos. E o estilo de Perls, um de seus fundadores, exerceu durante certo tempo muito impacto sobre seus seguidores, deixando uma herança um tanto inquietante e desconfortável, tanto para companheiros de sua geração, como para os das gerações posteriores. Uma espécie de "batata quente", que tem produzido tentativas vigorosas de colocar os pingos nos "is", pois eles parecem estar fora de lugar.

Há textos literalmente tratando das ambiguidades na divulgação da GT, como é o caso da conferência de Laura Perls proferida, na Áustria, em 1977, intitulada *"Entendidos e Mal-entendidos de Gestalt-Terapia"*, leitura obrigatória em qualquer introdução à GT[2]. Tanto neste texto, como em outras ocasiões[3], ela tem insistido em esclarecer que a GT não é o que Perls divulgou, particularmente, nos últimos anos de seu trabalho, centrado em demonstrações, para profissionais, de técnicas dentro dos contextos de seminários e workshops[4]. Isadore From chega a propor o termo "neo-gestalt" para nomear essa fase do trabalho de Perls, considerando-o mais para um bom teatro do que para uma boa terapia. Havia, para From, outros vieses: para citar alguns, a concepção de trabalho episódico, ao invés de terapia regular, deu margem a se entender a GT como um punhado de técnicas e *slogans*; a técnica da "cadeira vazia" e o "trabalho com almofada" trazia de volta o "atrás do divã"; as bases psicanalíticas retornavam com a teoria das camadas; e, ao tratar o sonho como uma "mensagem existencial", reintroduzia a interpretação do tipo psicanalítico do trabalho[5].

Ou Perls não conseguiu fazer um processo de assimilação verdadeiro, não tendo conquistado a serenidade advinda disto, como prega a doutrina gestáltica, ou pelo contrário, o seu processo produziu um "suco" onde alguns ingredientes eram mais facilmente discrimináveis e outros, implícitos, que faziam sutilmente parte do conteúdo começaram a surpreender, notadamente nessa fase final, porque começaram a aparecer. E, ao aparecer, pareciam *out*, estranhos ao contexto, beiradas, franjas; no comentário de From, (alguns) significavam retornos. Ou será que sempre estiveram lá?

Vale assinalar que para Laura Perls o trabalho dele dessa época, através de dramatizações de sonhos e fantasias é um método de demonstração muito eficiente, *principalmente com profissionais que já fizeram análise ou terapia pessoal* e já tem experiência como terapeutas. Além desse método ser apenas um entre outros, não é adequado, esclarece ela, para trabalhar com pessoas com distúrbios mais graves, e menos ainda com esquisofrênicos ou paranóicos. Perls sabia disso e *não trabalhava* com pessoas que suspeitava estarem nessa categoria[6].

Disso se deduz que ele pretendia "transmitir um saber", para profissionais, que supunha passível de ser transmitido de forma episódica e em contextos específicos (seminários e workshops) e com clareza, ao que parece, de certos *limites* associados a certos *objetivos*.

Perls teatralizou *na* GT, como uma técnica privilegiada de seu estilo, mas o incômodo que gerou, foi por ter começado a teatralizar *a* GT, pelo menos aos olhos de seus companheiros.

Yontef, um dos expoentes da GT na atualidade, também lamenta o excesso de publicidade dada a Perls, como se a GT se restringisse a ele e afirma seu desacordo com algumas características desse estilo, entre outras: o privilégio de terapia individual no grupo, sem levar em conta a dinâmica grupal; uma atitude muito confrontativa com o cliente; uma exagerada rejeição à construção teórica; pouca ênfase em psicoterapia individual regular; e o fato de ter marginalizado os outros fundadores da GT[7]. De modo que, na nossa contemporaneidade do final dos anos 70 para cá, parece haver uma espécie de "cruzada" em defesa da "verdadeira palavra" dessa abordagem.

Apesar das críticas de que foi (e é) foco, Perls estava, entretanto, preocupado com o uso abusivo de técnicas como "truques" fáceis e de efeito rápido. Introduz sua obra de 1969, declarando que o momento era perigoso, pois as terapias eram procuradas como se fossem "drogas estimulantes", que propiciavam cura rápida e consciência sensorial instantânea, e a isso se associava, naturalmente, uma prática de profissionais charlatães e incompetentes[8]. Pode-se

concluir que não era objetivo de Perls fazer o que costumam criticá-lo por ter feito. Há, aqui, algo de incongruente que merece ser investigado[9].

O fato é que, durante certo tempo, a GT foi muito mais divulgada através de tipos de intervenções técnicas, do que através de suas posturas básicas, enquanto corpo filosófico-teórico, que são, realmente, o que a identificam. Os conceitos fundamentais *"... são mais filosóficos e estéticos do que técnicos"*[10].

O aparato técnico deles derivado é variado, embora sua utilização deva estar sempre a serviço de contextos específicos e, portanto, exijam sensibilidade e cuidado em seu manuseio.

Sendo uma abordagem fenomenológico-existencial, a GT volta-se ao experiencial e experimental. E, nela, a noção de *experimento* é central, conforme explicita Juliano:

"O experimento é a pedra fundamental da aprendizagem experiencial. Transforma o falar-sobre em fazer, o recordar inócuo e o teorizar, em se tornar presente com toda a imaginação, energia e excitação"[11].

Entretanto, não deve ser confundido com "exercícios":

"Focalizar-se na maneira da GT requer compreensão das diferenças entre um programa de mudança com exercícios (que são projetados para modificar o comportamento na direção de um objetivo pré-fixado) e um experimento. A Gestalt Terapia é uma fenomenologia experimental e não uma forma de modificação de comportamento"[12].

Assim, o experimento não é *"... programado ou fixo, mas pelo contrário, espontâneo, novo, emergindo a partir da configuração situacional única do contexto da relação"*[13]. O experimento é um caminho para que a metodologia baseada na *awareness* se atualize mas, é claro, não se sabe quais novidades propiciará. E, ainda, a escolha do experimento deve levar em conta o conjunto dos elementos presentes na situação terapêutica: a pessoa do terapeuta e suas habilidades e história pessoal, e as características do cliente e desse momento da relação entre eles. Portanto, a rigor, o uso indiscriminado de "receitas" de experimentos revela uma completa falta de compreensão de suas características.

Entretanto, durante um bom tempo, foram os aspectos, eu diria, de cenografia e coreografia, dependentes da criatividade de cada terapeuta que eram enfatizados e passaram, erroneamente, a definir a "cara" da GT. (GT é "aquela coisa de conversar com almofadas", toques corporais, etc.).

De fato, uma das características que definem um gestalt terapeuta é a busca de um *estilo* próprio. Nesse sentido, se a pessoalidade do terapeuta é enfatizada como instrumento de trabalho numa abordagem fenomenológica-existencial, esse instrumento deve-se tornar cada vez mais afinado, cada vez mais único, para que ele possa colocar-se na relação terapeuta-cliente de forma mais verdadeira. Disso se deriva que sua história pessoal, bem como suas habilidades pessoais, devem estar a serviço de seu papel de terapeuta. Isso é coerente com os princípios dessa abordagem.

Mas um mal entendido desses aspectos levou a absurdos do tipo Gestalt *e* Biogenética, Gestalt *e* Zen, Gestalt *e* Feldenkrais, Gestalt *e* Análise Transacional, etc., inadequações apontadas por Laura Perls, há muitos anos atrás[14]. Ou, "eu faço um pouco de Gestalt na minha prática, uso certos exercícios", o que já ouvi com certa frequência.

A proposta da GT que pretende ser, ela própria, uma Gestalt, um todo teórico filosófico-prático coerente, pode parecer dessa forma, uma colcha de retalhos. Mas não pretende ser. As eventuais insuficiências em seu corpo teórico - e claro que as há - não poderão ser resolvidas por *soma*, mas por um trabalho cuidadoso voltado à sua própria estrutura.

Voltando à questão da "cara" da GT, gosto de pensar que "cara" é um estereótipo, uma espécie de marca definitiva. Ao contrário de um "rosto", onde a mobilidade, a flexibilidade, o *flash* do momento é essencial e o torna vitalizado. O encanto de um rosto é que ele se transmuta e se deixa perpassar pelo instante. Através desta analogia, pode-se dizer que o verdadeiro "rosto" da GT fica encoberto, quando as "caras estereótipos", difundidos por aí, passaram a ser modelos de aprendizagem e de transmissão do saber relativo a ela.

Um estilo não é dado, é conquistado. E, para se chegar até ele, é preciso a cada um "imitar" modelos e fazer a "cara" do seu terapeuta, ou a "cara"

do seu supervisor, ou o jeito do seu professor, etc.. Mas, a rigor, um modelo existe para que possa ser transposto, servindo, assim, de passagem para a delimitação da identidade.

No Brasil, os primeiros livros traduzidos datam de 1976, 1977. E é curioso como, até hoje, quase vinte anos depois, não se traduziram os considerados livros clássicos, onde se encontra a melhor sistematização de seus fundamentos básicos[15]. Coisa que não aconteceu com textos mais técnicos que se incumbiram de divulgar a GT como uma parafernália de exercícios de uso fácil e nem sempre bem discriminado. Entre essas publicações serve de exemplo a de Stevens, editada em 1971, nos Estados Unidos e, no Brasil, em 1976, sendo uma das primeiras traduzidas[16]. É um livro que apresenta uma gama variada de experimentos e que constitui, a meu ver, um perigo e um estímulo contundente a mal-entendidos. De modo que é óbvio que os gestalt-terapeutas tem responsabilidade no seu processo de divulgação. E que a escolha destas traduções revela que tipo de GT estávamos importando. Vale a pena relembrar o percurso da GT, citando Ribeiro, para quem

"... é claríssimo que todas as raízes da GT são européias, mas a planta concebida no isolamento da África do Sul, desenvolveu-se nos E.U.A."[17].

Radicalizando as consequências desse trajeto, temos a afirmação de Petzold, já apresentada no capítulo um, de que a maioria dos gestalt terapeutas americanos não compreendeu corretamente a GT, que o conhecimento das suas fontes é insuficiente e que disso teriam se derivado sérias distorções sobre essa abordagem[18].

Essas idéias são utilizadas, aqui, como eventuais hipóteses explicativas de como a GT foi difundida e como a recebemos no Brasil. Tendo-se expandido nos Estados Unidos e dada nossa frequente importação de conhecimentos deste país, a "nossa" GT chegou de lá. Trazendo todo esse volume de contradições que espero ter conseguido delinear e que as afirmações de Petzold sintetizam de forma tão eficiente. Importamos, tanto os "bem-entendidos", como os "mal-entendidos". E, de início, as vias enviesadas foram as privilegiadas, pois assim ocorria na "matriz". Recém-chegada, a GT aqui desembarcou com uma marca na ação, enfatizando suas estratégias técnicas[19].

Goodman foi o escritor e o escrivão da Gestalt Terapia. Sem ele, a GT não teria sido autenticada como o foi, através da palavra escrita. A partir de então, a marca da transmissão de seu saber foi o de *"... uma cultura eminentemente oral"*, como aponta Zlotnic em trabalho recente, associando a baixa produção teórica da comunidade gestáltica brasileira a esse fato[20]. Este autor considera que essa "oralidade" tende a diminuir, na medida em que a reflexão e a construção teórica ganhem mais importância. Essa tendência "oral" e essa baixa produção teórica também foram frutos da importação, como podemos verificar em Yontef[21].

Todas essas questões não são nenhuma novidade. Pelo contrário, são *exaustivamente* conhecidas mesmo por aqueles que estão sendo introduzidos na abordagem gestáltica. Qual a razão, então, de se dedicar um tópico a esse tema, já banalizado de tanto espaço que tem ocupado na literatura?

É, no mínimo, peculiar e, pelo menos, surpreendente, uma abordagem que se vê, frequentemente, às voltas com verdadeiras ginásticas para desfazer o que se habituou a chamar os *mal-entendidos,* que gravitam em torno de si, perseguindo, de forma recorrente, esclarecer o que ela é e o que ela não é[22]. Auto-definir-se com clareza suficiente é condição de futuro para a GT, diz Yontef[23], autor de um texto cujo título sintetiza as questões atuais que ocupam os gestalt-terapeutas: *"Mediocridade ou excelência: uma crise de identidade no treinamento em Gestalt Terapia"*[24]. O caminho para a GT sair da crise na qual se encontra, afirma ele, é voltar-se aos princípios da fenomenologia experimental, do existencialismo dialógico e da teoria de campo que a caracterizam. Também é necessário, segundo ele, que sejam integrados no seu sistema os conhecimentos clínicos propiciados pela psicanálise, que dariam à GT o que denominou *sofisticação clínica.*

A *crise* é, pois, o ponto de convergência dos "mal-entendidos" da GT, que obscurecem sua identidade e, para varrê-los, a alternativa é voltar a seus fundamentos. A crítica de Petzold à "GT americana" adquire consistência e, o que me interessa particularmente, é sua afirmação de que os gestalt-terapeutas americanos estão retornando à teorias que estavam na origem da GT *"... sem que*

tenham consciência desses fatos"[25]. Está se referindo à proximidade da GT à metodologia de Ferenczi e Groddeck e mesmo, em certos aspectos, ao freudismo.

Pode-se dizer que a GT está vivendo, atualmente, um novo ciclo no seu próprio processo de desenvolvimento. É o do resgate e reconhecimento das suas fontes filosóficas e teóricas de forma mais sistematizada. Desse movimento faz parte uma aproximação à Psicanálise, no que ela contribui para uma teoria da personalidade e do desenvolvimento, tentando integrá-las num todo coerente, sem perda do referencial fenomenológico-existencial.

Nessa linha, inserem-se alguns autores que tentam delinear as relações possíveis da GT, com os teóricos das teorias das relações objetais. Procura-se obter recursos nestas fontes teóricas, que possam ampliar uma compreensão estrutural e dinâmica da psicopatologia, especialmente para o trabalho com distúrbios de personalidade mais graves, como é o caso dos distúrbios narcísicos e dos pacientes borderline. A busca da contribuição psicanalítica deve ser entendida, do meu ponto de vista, como parte desse movimento *de volta* às fontes e não como um acréscimo marginal, embora importante, sob risco de se criar um novo mal-entendido. A inclusão do recurso psicanalítico pode, inclusive, sinalizar, justamente, uma tentativa de se lidar com as incompreensões que circulam na vida da GT, desde há muito tempo.

Voltando à minha pergunta: prá que se ocupar dos "mal-entendidos", se já estão tão explicitados? Porque parece-me que, aqui, concentram-se muitas questões relevantes e espero recortar algumas delas, de meu interesse, no decorrer deste trabalho.

O primeiro ponto é que o movimento de se responsabilizar o estilo de Perls por grande parte dos abusos de que foi vítima a GT é, a meu ver, um argumento frágil, personalizante e revelador de uma visão "pouco gestáltica". É um desvio nada frutífero centrar nele grande parte dos problemas da GT. É preferível tentar uma *explicação descritiva de campo* e entender as peculiaridades de Perls dentro desse contexto. O que teria ocorrido com a vertente dos gestalt-terapeutas que não se alinhavam a seu estilo, porque não tiveram êxito em divulgar a "GT correta"? Não faltava brilhantismo no lado mais "teórico", formal

e bem comportado da GT; Goodman, por exemplo, era extremamente respeitado nos meios intelectuais da época (no leste).

É coerente enfatizar que o jeito que a GT foi divulgada, no estilo de Perls (que também não pretendia que fosse entendida da forma que foi), encontrou eco na eclosão dos movimentos do potencial humano, na California dos anos 60. Foi um pára-raios, um fio condutor de espectativas e anseios, que norteavam a busca de novas formas de vida e, associadas a elas, o que se esperava de uma psicoterapia, nessa época[26]. Sozinho, o estilo de Perls não encontraria tamanho campo de expansão. O problema da apreensão incorreta da GT deve ser encontrada *mais além* da personalidade inquieta e contraditória de seu fundador. Perls parece, apenas, ter cumprido um certo papel, num certo contexto. É pouco provável que o tipo de uso que foi feito de seu estilo, se repetisse nos dias de hoje.

Associados ao estilo de Perls a GT sofreu, durante certo tempo, o que eu chamaria de "vieses da moda", vinculados a ou oriundos de mal-entendidos sobre suas propostas básicas.

É frequente que os mecanismos sociais - e acredito que a psicoterapia é um fenômeno social, não escapa deles - encampem a novidade que certos movimentos propõem, assimilando o que deles é mais superficial e desvinculando-os de suas propostas básicas[27].

Posso concluir que os mal-entendidos devem ser articulados ao *desconhecimento* das bases da GT e ao *contexto histórico* de sua divulgação. E ainda, e principalmente, é necessário tentar delinear *o que dentro do corpo teórico-prático* da GT possibilitou esse "gancho" a essas razões precedentes. A que se deve tudo isso? Meu interesse é pesquisar este "fenômeno", ao invés de justificá-lo com a expressão "mal-entendido" e pronto. Não se deve tomar a parte pelo todo mas, gestalticamente, a parte também manifesta o todo do qual faz parte.

O *modo de transmissão* da GT trazia embutido os seus *princípios*, mesmo que de forma parcial. E se houve parcialidade, este subconjunto haveria de atualizar as regras da estrutura total. Essas incorreções expressavam, com certeza, posso concluir, *ambiguidades no cerne da GT*. Parece relevante tentar degustar a

e bem comportado da GT; Goodman, por exemplo, era extremamente respeitado nos meios intelectuais da época (no leste).

É coerente enfatizar que o jeito que a GT foi divulgada, no estilo de Perls (que também não pretendia que fosse entendida da forma que foi), encontrou eco na eclosão dos movimentos do potencial humano, na California dos anos 60. Foi um pára-raios, um fio condutor de espectativas e anseios, que norteavam a busca de novas formas de vida e, associadas a elas, o que se esperava de uma psicoterapia, nessa época[26]. Sozinho, o estilo de Perls não encontraria tamanho campo de expansão. O problema da apreensão incorreta da GT deve ser encontrada *mais além* da personalidade inquieta e contraditória de seu fundador. Perls parece, apenas, ter cumprido um certo papel, num certo contexto. É pouco provável que o tipo de uso que foi feito de seu estilo, se repetisse nos dias de hoje.

Associados ao estilo de Perls a GT sofreu, durante certo tempo, o que eu chamaria de "vieses da moda", vinculados a ou oriundos de mal-entendidos sobre suas propostas básicas.

É frequente que os mecanismos sociais - e acredito que a psicoterapia é um fenômeno social, não escapa deles - encampem a novidade que certos movimentos propõem, assimilando o que deles é mais superficial e desvinculando-os de suas propostas básicas[27].

Posso concluir que os mal-entendidos devem ser articulados ao *desconhecimento* das bases da GT e ao *contexto histórico* de sua divulgação. E ainda, e principalmente, é necessário tentar delinear *o que dentro do corpo teórico-prático* da GT possibilitou esse "gancho" a essas razões precedentes. A que se deve tudo isso? Meu interesse é pesquisar este "fenômeno", ao invés de justificá-lo com a expressão "mal-entendido" e pronto. Não se deve tomar a parte pelo todo mas, gestalticamente, a parte também manifesta o todo do qual faz parte.

O *modo de transmissão* da GT trazia embutido os seus *princípios*, mesmo que de forma parcial. E se houve parcialidade, este subconjunto haveria de atualizar as regras da estrutura total. Essas incorreções expressavam, com certeza, posso concluir, *ambiguidades no cerne da GT*. Parece relevante tentar degustar a

voz, o som desta ambiguidade. O lixo transforma-se em estímulo. O obstáculo, em potencialidade de movimento.

Talvez *os mal-entendidos* não passem de - *um mal-entendido*. De que se trataria então? Acredito que podemos passar para o tópico seguinte e apresentar: a questão da linguagem.

B. A questão da linguagem

1. Sendo a GT uma abordagem fenomenológica-existencial, precisa ser experiencial e experimental o caminho para apreendê-la.

Nesse sentido, *falar sobre* gestalt[28] contradiz a própria filosofia gestáltica. Entretanto, convivemos com essa contradição, desde que, no trabalho psicoterápico, há o aprendido, o transmitido, o relatado, o inventado, o compartilhado. A possibilidade de intersubjetividade de conhecimento caracteriza o jeito da psicoterapia poder tornar-se objetivável, trabalhando, ao mesmo tempo, com o significado, com a intenção e com o comportamento observável.

Nesse caso, a questão é como, através de que instrumento de linguagem, podemo-nos referir à gestalt terapia, a episódios vividos no contexto psicoterápico, como efetuar registros de experiências, etc. Trata-se de como transmitir uma prática, derivada de uma teoria que a sustenta e, ao mesmo tempo, estar imbuido de uma atitude fenomenológica. Esta supõe que, para que ocorra o encontro no momento da relação terapeuta-cliente, deve-se partir de uma total ausência de pressupostos, para que a compreensão seja atingida.

Pois, para a fenomenologia, captar a essência mesma das coisas significa abandonar-se à compreensão, descrever a experiência do modo como ela acontece e se processa, deixando de lado todo e qualquer juizo, para que a coisa possa auto-revelar-se através de nossa relação com ela. Se partirmos de pressupostos, a partir de um modelo teórico, podemos, através de sua leitura segundo a ótica deste referencial, destruir a originalidade do fenômeno emergente[29].

Daí que, no momento da relação terapêutica, a atitude fenomenológica supõe "colocar entre parêntese" nossos conhecimentos oriundos de nosso modelo teórico. E, uma vez fora do contexto da relação, podemos situar, num segundo momento, esse "vivido" segundo um referencial externo a ele, que é o de nossa teoria. Estes *dois momentos* precisam ser realizados, considerando os objetivos da psicoterapia e o contexto em que ela se realiza.

É justo na passagem do que ocorre durante o trabalho terapêutico à sua elaboração, da experiência ao seu entendimento segundo enquadres teóricos específicos e, principalmente, nos modos de se expressar a gestalt terapia que algumas questões me pareceram relevantes.

Chama a atenção, ao se consultar a bibliografia gestáltica, à existência tanto de textos onde há uma preocupação com o rigor conceitual, nos moldes de uma linguagem assim denominada científica, como é o caso dos livros clássicos, como daqueles mais próximos a forma literária, poética. É a estes últimos que se volta em particular meu interesse.

Hall considera que, embora tenha apreendido o que a gestalt é, esta apreensão, sendo em parte de cunho intelectual, manifesta-se, principalmente, num outro nível, o de sua experiência. E como a gestalt *é*, qualquer relato ou comentário relativos a uma experiência já vivida será sempre uma construção, um "a respeito do fato" . E, frequentemente, quando aparece o desejo de escrever algo de sua experiência, a maneira através da qual se expressa parece-se, vagamente, com poemas[30]. Através deles, percebe que pode revelar-se melhor, descrever-se e tornar transparente o processo que está vivendo.

Perls, em sua autobigrafia que é, ao mesmo tempo, uma apresentação das origens e evolução da gestalt terapia, bem como de seus princípios básicos, aplica, ao se expressar, o princípio do *continuum de presentificação*, básico nesta abordagem. O resultado é que o texto se apresenta, às vezes, de forma poética. Em certo trecho, ele diz:

"Ao ler este parágrafo, tenho a distinta impressão de estar mais uma vez desempenhando um papel, o papel de professor. Eu não me importo de desempenhar papéis. Eu não gosto é desta secura, falta de envolvimento. Gosto

muito mais de mim quando penso ou escrevo apaixonadamente, quando estou ligado"[31].

A sequência do texto é um poema.

Nesta mesma linha é a escrita de Barry Stevens. Acompanhá-la é seguir o fluxo do continuum de conscientização, de formação e destruição de figuras, a partir das necessidades que emergem a cada momento. Este conceito é explicitado pelo próprio processo de elaboração do texto[32].

Também pude observar, tendo como fonte de referência meu trabalho didático na formação de terapeutas, o aparecimento, com frequência, de poemas em tarefas centradas em registrar episódios de experiências pessoais, ocorridas durante a trajetória de um curso.

E, ainda, através da minha própria experiência pessoal com o ato de me expressar através da palavra, posso perceber a diferença significativa, tanto no tipo de contato que posso estabelecer com uma dada situação, como com o conhecimento que posso adquirir através desse contato, dependendo do uso de uma linguagem mais elaborada, no nível da construção formal, ou da fluência e liberdade rítmica de uma comunicação poética.

É importante assinalar, no entanto, que o grau de *qualidade estética* dessas produções citadas é *irrelevante*, nesse contexto, para meus objetivos, mas sim, a *presença* desse tipo de manifestação expressiva.

É óbvio que toda prática psicoterápica utiliza técnicas ou instrumentos de trabalho derivados dos modelos teóricos que lhes servem de referência. Entretanto, da existência dessa outra linguagem, poderíamos supor que o "fato terapêutico" convidaria a que outros recursos de expressão, além daqueles já reconhecidos por nossa linguagem conceitual científica habitual, seriam necessários para que esse "vivido" possa ser melhor ou mais completamente apreendido? Poderíamos ler a emergência destes textos, como algo que tem a ver com os próprios princípios norteadores da abordagem, dos quais seus autores estão *sob efeito*? Ao serem expressos, parecem estar, no próprio processo de sua feitura

e naquilo que possam evocar no leitor, presentificando, no ato de sua criação, aquilo a que pretendem referir-se.

A partir destes textos, onde os princípios e a prática da GT tornam-se transparentes, cheguei à questão de que relação haveria entre a expressão artística, mais especificamente, *poética*, com o processo psicoterápico, desenvolvido segundo os princípios desta abordagem. Esse foi o primeiro momento no meu movimento em direção à questão da linguagem, tendo como pano de fundo os princípios da abordagem gestáltica.

2. Os mal-entendidos que permeiam a GT, já sugeridos anteriormente, desenharam, num segundo momento, um outro ângulo possível de acesso a esse tema, vinculado ao anterior.

Conforme já foi citado no capítulo um, as concepções de Landauer a respeito da linguagem foram influências marcantes sobre Perls e a GT, privilegiando uma forma de linguagem integrada aos sentimentos.

"... a GT... tem uma contribuição cultural muito importante a fazer. Ela traz de volta os sentimentos à nossa linguagem dessensibilizada. Nossa linguagem empobreceu-se porque se tornou uma linguagem digital..."[33].

Uma apreensão errônea desse aspecto levou, talvez, a um enquadramento da abordagem gestáltica como anti-intelectual ou anti-teoria. Para Tellegen[34], Perls pode ter facilitado esse desvio através de alguns de seus textos[35]. Entretanto, esta autora afirma que uma leitura mais cuidadosa à luz de sua obra completa, esclarece-nos que sua atitude é dirigida contra certos tipos de verbalização e pensamento *desconectados* da experiência vivida. O erro em se conceber a GT como anti-intelectual também é apontado por Laura Perls e Isadore From[36].

3. Não há dúvida, entretanto, que a questão da linguagem na GT é, no mínimo, *polêmica*. Isto transparece na discusão efetuada por Prado, onde os "bem-entendidos" e os "mal-entendidos" sobre ela se permeiam[37].

Dá para perceber que sua argumentação segue o fio da leitura de certas obras da GT[38], sem levar em conta outras que o permitiriam ter uma visão de conjunto e, eventualmente, seguir outros caminhos nos seus comentários. Assim, diz:

"Ao abrir pela primeira vez um livro de Perls, o leitor, habituado aos clássicos da psicologia e da tradição analítica, sofre um choque: e o que o choca é a linguagem que aí encontra (...) De uma certa maneira, a primeira evidência é a da escolha da linguagem cotidiana contra a linguagem científica"[39].

Entretanto, o fato desse autor remeter-se, privilegiadamente, à obra dos Polster, e não aos textos mais teorizantes da GT, não diminui em nada a pertinência de suas colocações. Tais autores são leitura obrigatória em GT e expressam seus fundamentos. De modo que, a seguir, apresentarei alguns tópicos da argumentação de Prado, por considerar este ensaio um dos mais agudos e abrangentes comentários sobre a GT, que pude encontrar na literatura.

Prado se propõe a acompanhar as eventuais justificativas para o tipo de linguagem invocada por essa abordagem. A primeira repousaria na crítica ao fanatismo ou dogmatismo das teorias existentes; a ela, contrapõe o fato de que a fenomenologia (presente na GT), mesmo pregando a volta às coisas e a redução das teorias, não se impediu de possuir uma linguagem muito particular e técnica.

Outra razão se associaria ao aspecto técnico-terapêutico: a linguagem é usada no *setting* terapêutico de forma pessoalizante e a técnica (tomada de consciência) visa remeter o paciente ao uso da primeira pessoa do singular, objetivando que ele assuma "... *pessoalmente o discurso que o atravessa*"[40]. Mas, além da técnica , está a busca do sentido de *autenticidade* que deve ser resgatado através dela. A técnica repousa numa concepção de linguagem onde "...*toda linguagem puramente teórica é desqualificada*"[41]. Isso não quer dizer que não reconheça que, mesmo Perls, talvez menos teórico do que alguns de seus seguidores, remetia-se à referências teóricas desde a origem da GT.

Reportando-se a Marcuse, no comentário que este faz às afirmações de Clara Thompson, historiadora da Psicanálise, Prado resume o argumento

revisionista que permeava as correntes dissidentes da Psicanálise clássica. Detectando, nessa passagem, *todos* os temas básicos da GT:

"*Poderemos compreender melhor a evolução biológica... se pusermos completamente de lado o conceito de libido*" e, em seu lugar, interpretarmos "*as diversas fases em termos de crescimento e de relações humanas*". Então, o tema da Psicanálise passa a ser a "personalidade total" em seu "relacionamento com o mundo"; e os aspectos "construtivos do indivíduo", suas potencialidades produtivas e positivas "recebem a atenção que merecem"[42].

Há a recusa da *perspectiva genética*, que se expressa no tema "aqui e agora", (mesmo considerando que no agora podem estar presentes "passado e futuro"). O passado e o futuro são concebidos como fantasmas que devem ser exorcizados "*...para o advento da consciência adequada*"[43]. Não é objetivo da terapia deter-se, necessariamente, numa análise do inconsciente; ela significa

"*... técnica de aprimoramento ou de refinamento da consciência de si. A perspectiva da terapia não subverte mais o sujeito, ela busca re-centrá-lo em seu núcleo*[44]".

Assim, para Prado, a terapia gestáltica expressa uma espécie de "*exercício espiritual*", pregando uma volta ao *corpo* e ao *sensível*. Nessa linha a idéia de *crescimento* é central: não se trata de "cura", mas de "*... alargamento do horizonte da consciência de si, de multiplicação de possibilidades expressivas, de afinamento da sensibilidade*"[45]. A psicologia "*humanista*" traz com ela a idéia do "homem total", da existência plena e harmoniosa, onde nem a temporalidade coloca em risco a "*... coesão da existência concentrada no instante*"[46].

Não há, como na doutrina freudiana, um aparelho psíquico às voltas com o conflito entre pulsões instintivas e as instâncias históricas da repressão. Assim: "*...torna-se possível a imagem idílica de uma humanidade reconciliada consigo mesma, graças à boa vontade em assumir o refinamento da consciência de si*"[47].

Através da frase dos Polster "*... a terapia é boa demais para ser reservada aos doentes*"[48], Bento entende que ela reivindica sua popularização,

propondo-se a ser uma arte de viver e "... *o terapeuta abandona (...) seu compromisso com a ciência para assumir a função do guru, aquele que sabe naturalmente viver*"[49]. O espaço que a sabedoria técnica e religião orientais ocupa na GT e nas novas terapias humanistas, em geral, é também visível. "*Mas isto não estava já contido na reforma jungiana?*"[50].

É a partir desse *cenário,* esboçado anteriormente, que Prado situa o problema da *linguagem* na GT. Isto é, sua argumentação nos ajuda a perceber como a linguagem, na GT, está articulada, claramente, ao conjunto de todas as suas proposições.

"*O estilo da linguagem escolhida deriva da vocação mais profunda da nova terapia: da vocação que faz com que ela se esquive do domínio do saber para consagrar-se ao domínio da sabedoria. Não basta, portanto, referir essa linguagem aos polos opostos da linguagem científica e da linguagem cotidiana*"[51].

Dada sua proximidade às velhas técnicas do exercício espiritual, "... *sua linguagem retoma à sua maneira o estilo da linguagem mística*"[52]. A simplicidade da linguagem se relaciona ao originário *pré-linguístico*. É isso o que se pode entender do trecho de Paul Goodman, que introduz o livro dos Polster[53], e que Prado utiliza na sua argumentação.

A partir da própria linguagem, Prado reconhece o neopsicologismo humanista como uma forma de *neo-romantismo*. Afirmação esta encontrada, também, em Petzold, para quem o movimento expressionista - presente na GT - significa um retorno às tendências do movimento romântico[54].

Ao comentar o texto poético de Goodman, Prado o remete à proposta de uma forma de consciência semelhante à da "certeza sensível", (Hegel); esta acredita apreender, no aqui e agora, o concreto por excelência mas, de fato, comenta o autor, realiza a forma mais pobre e mais abstrata da experiência. A mediação da linguagem ou do universal é ignorada pela certeza sensível. De forma que, conclui Prado, o que a linguagem da GT pretende não é *suprimir* um certo *tipo* de linguagem "inautêntica" mas a *própria linguagem.*

"A linguagem só pode assumir algum valor na razão inversa de sua universalidade: no máximo, ela é positiva quando exprime uma subjetividade incomparável"[55].

Essa proposta de redescoberta da presença imediata, ou esse gosto da própria identidade, não se propõe sejam restritos à situação clínica. Levando a uma visão mitificada do social, desde que o jogo de forças do social é reduzido ao conflito entre "materialismo" e "humanismo", *"...sobretudo, o grande mal-entendido reside na idéia de generalização de terapia para fora da situação clínica, interpretada como auto-dissolução da própria clínica"*[56].

Embora possa parecer que se trata de substituir a terapia por uma forma mais ampla e rica de vida social, para Prado, no entanto, essa utopia propõe o contrário: uma *psicologização* maciça da vida social.

A partir desse delineamento da GT, feito por Prado, posso concluir que, mais do que polêmica, a linguagem na GT é um tema que adquire o peso de uma *questão de base*.

4. Num terceiro momento, com a consulta da bibliografia mais recente da GT, meu interesse pela questão da linguagem foi alimentado sob outro ângulo[57].

A ênfase em situar a GT na perspectiva de um encontro existencial, seguindo o método dialógico presente no modelo buberiano, sugeriu-me questões que se alinhavam às propostas nos ítens anteriores.

Referindo-se à linguagem na GT, Prado fornece-me uma espécie de síntese deste tópico:

"A linguagem não é, assim, tematizada em si mesma ou em sua autonomia mas apenas como ocasião de contato com o outro e consigo mesmo - e aqui é a figura de Martin Buber que aparece nas entrelinhas. De qualquer maneira, transformada em mera ocasião da presença, junto a si e junto ao outro, a linguagem perde o privilégio que lhe atribuía Freud, e sobre o qual tanto insistem Lacan e seus discípulos"[58].

C. E então, o poético

A presença de duas *formas de expressão* da GT, enquanto corpo teórico-prático e as *ambiguidades* na sua divulgação, constituiram um primeiro estímulo para a questão da linguagem.

Entretanto, o movimento em direção a esse tema foi, de fato, provocado pela leitura do poeta **Octavio Paz**[59]. Ao lê-lo, parecia-me reconhecer, na sua vívida apresentação da criação poética algo aparentado com o que eu vivia no processo terapêutico, seja como cliente, seja como terapeuta. Estava ali algo obscuro, porém envolvente.

Na situação terapêutica, há momentos onde se conquista uma nova compreensão, vitalizada, vitalizante, integrada, integradora e íntegra, fruto do processo de trabalho, através do seu método de ação. Não está em questão se é algo fácil, difícil, doloroso, bonito, feio, grande ou pequeno em abrangência. Trata-se de alguma forma de súbita construção, que tem um efeito preciso e mobilizador, num certo ponto e momento do processo de conhecimento que está em andamento.

Como se trata de um processo, há uma preparação contínua para o aparecimento desses "momentos criadores" e, a rigor, eles estarão acontecendo, de forma exuberante ou tímida, durante todo o trajeto do trabalho terapêutico. Isto é, de forma mais ou menos visível, eles constituem o tecido da *rede de trabalho* que efetuam cliente e terapeuta. Então eles emanam, a partir de um grande empenho para seu imprevisto, numa disciplina onde convivem, simultaneamente, o rigor e a disponibilidade.

As regras presentes nas técnicas e derivadas de métodos e teorias, que dão enquadre ao trabalho e formam sua moldura, devem servir para acolher a construção contínua e imprevisível que forma o conteúdo do quadro. (E que, por sua vez, testa a moldura que o delimita). E então surgem certos momentos, cujo caráter não está no brilho aparente ou na reação imediata que produzem, mas numa espécie de precisão sutil como o volume de uma gota: são os *momentos criativos*.

Julgo que isso faz parte da experiência de qualquer terapeuta ou cliente. Essas ocorrências podem ser chamadas de *insight*, revelação ou de uma infinidade de termos, dependendo de nossas teorias. Em maior ou menor grau, são vividas como *rupturas* na percepção usual do indivíduo, em relação ao que lhe é relevante, e promovem uma reconfiguração da rede de relações de significados, que constituem seu campo perceptual.

Passeando livremente na epistemologia de Gaston Bachelard[60], podemos, apenas a título de analogia, estabelecer relações de suas concepções com o que está sendo colocado aqui. A partir de uma visão descontinuista da história das ciências, Bachelard supõe que, quando uma novidade se instaura, num dado momento histórico, através de certo autor, sendo suficientemente renovadora, não existirão elos visíveis entre suas idéias e as de seus antecessores. A linguagem introduzida, nesse caso, foi de tal ordem em termos de criação que, com ela, foi estabelecido o que Bachelard denominou "corte epistemológico", ponto de inauguração de uma ciência. Uma vez iniciada uma nova ciência, todos os autores que renovarem as propostas uns dos outros, realizarão as denominadas "rupturas intra-científicas". Cada uma dessas inovações são sempre brechas, fendas, rupturas, no movimento da história do saber.

Fazendo uma analogia, poderíamos dizer que a clivagem que o indivíduo sofre ao entrar no mundo simbólico, que é uma viagem sem retorno, corresponderia ao corte epistemológico proposto por Bachelard. Daí, quando reestruturamos nossas linguagens no decorrer de nossas vidas, acompanhando nossas próprias transformações pessoais, estaríamos realizando, tomando o termo de empréstimo, "rupturas intra-pessoais". São revoluções nas estruturas do saber que elaboramos a nosso próprio respeito, em nossa relação com o mundo.

Fazer psicoterapia, seguindo essa analogia, é dar condições para instauração de crises no sistema de saber que temos a nosso próprio respeito. Pode-se dizer que a reestruturação que ela provoca não vem acompanhada de uma reestruturação ao nível da linguagem, mas sim, que *vem junto com ela*. São inseparáveis e fazem parte do mesmo processo. As crises vividas em nossas vidas pessoais envolveriam, sob esse ponto de vista, verdadeiras *revoluções no nível da linguagem*[61].

O que nos diz Octavio Paz?

Referindo-se à poesia, acredita ser difícil defini-la, sendo que o ser da poesia deve ser buscado nos testemunhos da experiência poética. Diferenciando poesia de poema, considera que não é a forma literária estruturada segundo as leis da métrica, que garante que uma obra seja um poema. Será um poema apenas se tiver sido *tocada* pela poesia. Há poesia sem poemas: paisagens, pessoas e fatos podem ser poéticos. Quando a poesia se condensa num produto humano, temos um poema: quadro, canção e escultura. *"O poético é poesia em estado amorfo; o poema é criação, poesia que se ergue. Só no poema a poesia (...) se revela plenamente"*[62].

Na imagem, cores, ritmos e visões presentes no poema, o poeta realiza uma transcendência da linguagem e cria um produto irrepetível e único. Essa característica também está presente em outras obras de arte; um quadro, uma escultura, uma sonata são, de certa forma, poemas. A presença da poesia numa obra é o que diferencia a obra de arte do utensílio, a técnica da criação, pois cada poema é único, criado por uma técnica que termina junto com a criação. Pois a técnica poética não é transmissível, desde que feita de invenções que só servem para seu criador. O poema, mais do que uma expressão literária, é o lugar de encontro entre a poesia e o homem.

E a experiência poética, embora vivida no poema e provocada por ele, não se restringe a ele. *"Para alguns o poema é a experiência do abandono; para outros, do rigor"*[63].

Como se um "outro eu" passasse a um mim perplexo, palavras sem uma lógica, a priori, e cuja lógica posso, com certo espanto, a posteriori, reconhecer. (Não é disso o que se trata no trabalho terapêutico?)

O poema é *possibilidade e participação*, encontrando eco no outro, possibilitando-lhe o "estado poético" ou a "experiência poética"; o dizer poético é essa possibilidade de revelação no encontro com o outro. *"A revelação de nossa condição é igualmente criação de nós mesmos"*[64]. Quando essa revelação se exprime através da experiência poética, o ato é inseparável de sua expressão. A poesia não é sentida e, então, comunicada. Não é representação, mas *ato*. O artista

se faz ao fazê-la. Não é uma experiência traduzida, depois de vivida, pelas palavras, mas as próprias palavras constituem o núcleo da experiência: *"A experiência se dá ao se nomear aquilo que, até não ser nomeado, carece propriamente de existência"*[65]. Portanto, a análise da experiência é a análise de sua expressão. Isso é ilustrado, por esse autor, numa passagem de extrema beleza que é a seguinte:

"Quando Chuang-tsé explica que a experiência do Tao implica um retorno a uma espécie de consciência elementar ou original, onde os significados relativos da linguagem se mostram inoperantes, recorre a um jogo de palavras que é um enigma poético. Diz que essa experiência de regresso ao que somos originalmente é 'entrar na gaiola dos pássaros sem fazê-los cantar'. fan é gaiola e regresso; ming é canto e nomes. Assim, a frase quer dizer também: 'regressar para ali onde os nomes não são necessários', ao silêncio, reino das evidências. Ou ao lugar onde os nomes e as coisas se fundem e são a mesma coisa: à poesia, reino onde nomear é ser"[66].

"... o poema é linguagem..., mas é também alguma coisa mais. E esse algo mais é inexplicável pela linguagem, embora só possa ser alcançado por ela. Nascido da palavra, o poema desemboca em algo que a ultrapassa. A experiência poética é irredutível à palavra e, não obstante, só a palavra a exprime"[67].

Afinal, o *que é poesia*? Pude retirar de sua obra a definição seguinte: o *elemento distintivo* que permite *diferençar técnica de criação, utensílio de obra de arte*. A técnica é concebida como um instrumento que se repete e através de cujo aperfeiçoamento e refinamento, seus produtos se substituem. Uma obra de arte, revelada pela faísca da criação, é sempre única e, nesse sentido, insubstituível. Mesmo que, nela, a presença da técnica também possa ser reconhecida, esta só lhe serve de suporte, apenas para ser transcendida.

Ambos, artista e artesão, transformam a matéria prima; só que *"A pedra triunfa na escultura, humilha-se na escada"*[68]. O artista serve-se, pois, de seus instrumentos para que recuperem sua *natureza original*.

"... o poema não explica nem representa: apresenta. Não alude à realidade; pretende - e às vezes consegue - recriá-la". A poesia é metamorfose, mudança, operação alquímica, e por isso confina com a magia, a religião e outras

tentativas para transformar o homem e fazer "deste" ou "daquele" esse "outro" que é ele mesmo (...) A poesia é entrar no ser [69].

Há momentos, num trabalho psicoterápico, em que a *novidade* se materializa. Já foi dito, anteriormente, que a psicoterapia pode ser considerada um trabalho de reestruturação perceptual, e que esta sempre vem junto com uma reestruturação ao nível da linguagem. Portanto fazer terapia é, em certo sentido *alfabetizar-se*. Esse processo é emocionante e difícil, e toda professora de primeiro grau sabe bem disso. Envolve aprendizagem, concebida não só como um processo de descoberta mas, principalmente, como invenção e ultrapassagem. Portanto, essa novidade advinda do processo terapêutico é inseparável da palavra, pois que é nela que esta novidade se materializa. Podemos propor denominar esses momentos construtivos, criadores, criativos, de - *momentos poéticos*.

As concepções de **Barthes** sobre a criação literária enriquecem a questão da linguagem sob outro ângulo. A língua, diz ele, desempenho de toda linguagem é, por sua estrutura, gregária e repetitiva trazendo, em cada signo que a forma "... *este monstro: um estereótipo...*"[70]. O sujeito cria a linguagem mas, ao mesmo tempo, é seu produto, seu servidor, sua criação. Nesse sentido, a língua é basicamente fascista, pois *"... o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer"*[71]. Por sua própria estrutura, a língua implica, necessariamente, numa fatal relação de alienação. É, pois, nela, que está inserido o poder.

Entretanto, é no interior da própria língua que ela pode ser combatida e ultrapassada. E, para Barthes, a *literatura* é a única forma da língua se trapacear a si mesma, tentando superar o desafio de seu próprio limite. Entendendo literatura num sentido amplo, como a prática de escrever, considera que:

"... a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta (...) A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe <u>de</u> alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas - que sabe muito sobre os homens"[72].

Sua proposta não é a de separar cientistas de escritores, mas de considerar que *"... a escritura se encontra em toda parte onde as palavras tem sabor"*[73]. É desse sabor que se chega ao saber. A existência da criação literária deve ser entendida como fruto do inconformismo do homem, diante da dificuldade de representar o real, como fruto do desejo de superar os limites da própria linguagem, como eterna tentativa de dizer o indizível.

Cabe perguntar, do ponto de vista do tema de meu interesse: se toda língua traz em si o germe da libertação, como o da opressão, se todo discurso está inserido no poder, segundo a ótica barthesiana - de que forma o *discurso terapêutico* pode possibilitar essa *linguagem fora do poder*, entendendo-se, com isso, sua real função facilitadora de *libertação* e, portanto, de mudança?

Essas colocações vão na mesma linha das declarações de **Leminski**, que vai-se referir à poesia como a "paixão da linguagem"[74]. Considerando o sentido duplo, ativo e passivo da palavra *paixão*: "A paixão de Cristo", o que Cristo sofreu ou a paixão revolucionária de Trotski, por exemplo. Na experiência poética haveria esses dois momentos: o poeta é um sofredor da língua, vítima dela, pois nascemos numa língua, sem escolha, e há um poder presente nisso. De vítima, o poeta passa a ser seu algoz, devolvendo seus golpes, quebrando-a, tentando ultrapassá-la. É como se as línguas amassem seus poetas, diz ele, por serem seus filhos mais atrevidos, por se subverterem contra o código de escravidão que elas significam.

Nesse sentido, nosso movimento poderia ser na direção de conviver com as *contradições*, que é o que o poeta faz, na criação do discurso poético. Com isso, esbarra num limite, briga com ele e possibilita a explosão do novo.

Quando assim ocorre, a palavra não é nem representação, nem máscara, mas um ato. No qual o ser se atualiza. O vivido não se fantasia, qual um baile de máscaras, através de adjetivos, substantivos e verbos. O vivido se adjetiva, substantiva-se, move-se no verbo e se exclama na pontuação. Desveste-se do obscuro e é trazido, nu, à luz.

As concepções de **Bachelard** sobre a poesia situam-se, a meu ver, na mesma linha daquelas propostas por Paz e Barthes. A obra desse epistemólogo

tem uma dupla vertente: uma científica, outra poética. Em ambas está presente a maneira de Bachelard conceber *a tragicidade do instante*: O instante é solidão, e só pode renascer com a condição de morrer. Abrem-se essas duas vertentes como tentativas de confronto e superação da solidão e, nelas, se revelam o "*homem diurno da ciência*" e o "*homem noturno da poesia*"[75]. Entretanto, a poesia vai mais longe, pois ela aceita o que o instante tem de trágico.

No "*Direito de Sonhar*", Bachelard nos diz que o instante poético é necessariamente complexo; emocionando, convidando, consolando e provando, ele é *"... espantoso e familiar"*[76]. (Não é o que vivenciamos no nosso espaço terapêutico, não é o que Freud nos apresenta no belíssimo *"O estranho"*[77]?). E continua, apresentando o instante poético como, por essência, uma convivência harmônica entre dois contrários.

"No instante apaixonado do poeta existe sempre um pouco de razão; na recusa racional permanece sempre um pouco de paixão. (...) para o êxtase, é preciso que as antíteses se contraiam em ambivalência. Surge então o instante poético... No mínimo, o instante poético é a consciência de uma ambivalência. Porém é mais: é uma ambivalência excitada, ativa, dinâmica"[78].

Paz também enfatiza nossa herança ocidental, permeada pela escravidão da divisão: ou é ou não é, ou é isto ou aquilo, ou é homem ou é mulher, ou é branco ou é preto. Porém, para o poeta, *"... as pedras são plumas..."*[79]. Arremata Bachelard:

"Em equilíbrio sobre a meia-noite, sem nada esperar do sopro das horas, o poeta se despoja de toda vida inútil; experimenta a ambivalência abstrata do ser e do não-ser. Nas trevas vê melhor sua própria luz"[80].

O homem tem, pois o poder de "despertar as fontes" e dele se origina o aspecto polêmico da razão científica e o aspecto criador da imaginação poética.

"O mundo é belo antes de ser verdadeiro. É admirado antes de ser verificado. A obscuridade do "eu sinto" deve primar sobre a clareza do "eu vejo". O homem é um ser entreaberto. Quando ele cria, desata ansiedades"[81].

Em Bachelard as concepções do aspecto libertador da poesia e da capacidade da mesma de transgressão da língua, ficam claras nessas passagens:

"O poeta, na novidade de suas imagens, é sempre origem de linguagem. (...)[82] *Por sua novidade, uma imagem poética abala toda a atividade linguística. A imagem poética nos coloca diante da origem do ser falante. (...)*[83] *Um grande verso (...) sanciona a imprevisibilidade da palavra. Tornar imprevisível a palavra não será um aprendizado da liberdade? Que encantos a imaginação poética acha em zombar das censuras! (...) a poesia contemporânea pôs a liberdade no próprio corpo da linguagem. A poesia aparece então como um fenômeno da liberdade"*[84].

A partir das duas vertentes apresentadas por Bachelard para se ter acesso ao conhecimento - a vertente poética e aquela representada pela produção científica - surge a questão: será o espaço terapêutico e os fenômenos nele emergentes, um espaço de *interseção* desses dois universsos de discurso? Caso isso seja verdadeiro, quais seriam as consequências dessa formulação?

Citando Barthes:

"É preciso ... dizer de novo que as ciências ... não são eternas: são valores que sobem e descem numa Bolsa, a Bolsa da História... A fragilidade das ciências ditas humanas decorre talvez disto: são ciências da imprevisão ... - o que altera imediatamente a idéia da ciência: a própria ciência do desejo, a psicanálise, não pode deixar de morrer um dia, se bem que lhe devamos muito, ... pois o desejo é mais forte do que sua interpretação"[85].

O que dizem os *textos gestálticos* sobre esse tema? A diferenciação efetuada por **Perls**, **Hefferline** e **Goodman**[86] entre verbalização e poesia e as concepções de **Zinker**[87] sobre o processo criativo na terapia gestáltica, principalmente os primeiros, foram minhas referências básicas.

Conforme já foi apresentado anteriormente, na GT o indivíduo é considerado como parte de um campo total, definido como campo organismo-meio, sendo que o modo de seu funcionamento é sempre visto a partir do que ocorre na fronteira de contato entre eles. Contato é aproximação a novidades assimiláveis e rejeição de novidades não assimiláveis, e é através da interação

dialética com o meio, assimilando o novo, que o indivíduo cresce e subsiste, através de um contínuo processo de ajustamento criativo.

As várias constelações neuróticas devem ser entendidas como padrões estereotipados, frutos de interrupções e inibições, no curso dos ajustamentos criativos com a novidade proveniente do meio. Do ponto de vista da *verbalização*, conforme aumenta o contato organismo-meio, combinam-se os vários níveis de linguagem verbal: a fala oral, o pensamento e a fala subvocal (situações verbais inacabadas e repetidas). E os vários padrões neuróticos se articulam a disfunções nesses vários níveis.

Vale lembrar que Perls, Hefferline e Goodman acreditam que

"... é útil definir "personalidade" como uma estrutura de hábitos linguísticos e considerá-la como um ato criativo do segundo e terceiro anos; o pensamento, em sua maioria, é uma fala sub-vocal; as crenças básicas são hábitos de sintaxe e estilo; e quase toda avaliação que não se origina diretamente de apetites orgânicos é provavelmente, um conjunto de atitudes retóricas"[88].

Perls escreve, em sua primeira obra:

"Se você quizer melhorar (...), estude semântica, o melhor antídoto contra a frigidez do paladar mental. Aprenda a assimilar o núcleo das palavras - o sentido, o significado de sua língua. (...) Aprenda a valorizar cada palavra, aprenda a mastigar, a degustar, a experimentar o poder que se oculta no "logos" de cada palavra. (...) a desordem mental e emocional produz distorção do significado e uso errado da gramática"[89].

Para esses autores a poesia é justo o contrário da verbalização neurótica, desde que é um uso variado, criativo e não estereotipado das palavras. Para eles, a necessidade do poema é a de resolver um "conflito interno": o poeta está concentrado em alguma fala subvocal inacabada. Como uma atividade orgânica de resolução de problema, é uma forma de *concentração*, através da qual o poeta se projeta *dentro* das situações emocionais, jogando com as palavras, livremente, pulsando seus sentimentos através do ritmo e da métrica.

A verbalização neurótica, ao contrário, tenta *dissipar* energia e *suprimir* a necessidade orgânica. Repete uma cena subvocal inacabada, mais do que se concentra, nela, para resolvê-la. O esforço da verbalização neurótica em sua rigidez, fixação e uso de estereótipos é dirigido no sentido de evitar que os conteúdos subvocais emerjam. Ao contrário do poeta, o sujeito aliena de si seus sentimentos e os projeta fora. Daí ser uma fala, em geral, desprovida de afeto, mecânica, inflexível, monótona e estereotipada. É como se o indivíduo não estivesse, de fato, de posse da "sua palavra". Essa situação deve ser entendida como fruto de perturbações no ajustamento criativo do indivíduo com o meio, onde elementos estranhos foram introjetados e não verdadeiramente assimilados.

Na comunicação poética há ritmo, comunicação de sentimento, fluência. O conteúdo da expressão poética é encontrado na experiência, na memória e na fantasia do autor, através de um símbolo que excita o poeta, sem que haja necessidade de saber seu conteúdo latente. Plasticamente molda a linguagem, para expressar a necessidade orgânica relevante e chega a um *insight*, a uma solução. É dessa forma que realiza assimilação, à sua própria personalidade, do conteúdo subvocal inacabado.

Em síntese, o *contrário* da verbalização neurótica, no que ela tem de desvitalizada, repetitiva, monótona e estereotipada - cuja finalidade do sujeito é muito mais encobrir-se através dela do que revelar-se - o contrário desse tipo de verbalização é o discurso poético. Haveria, ainda, uma terceira categoria de fala, que seria a fala do bom contato.

Representando esses três tipos numa linha, teríamos, nos extremos, a verbalização neurótica (VN) e o discurso poético (DP); a fala de bom contato (BC) estaria em algum lugar entre esses extremos.

VN_____DP

_____BC_____

Esses autores consideram que a *cura* da verbalização e símbolos vazios só é possível pela aprendizagem da estrutura das letras e poesia humanas e, por fim, pela realização da poesia e transformação da fala comum em poética.

Como é impossível criar poetas por decreto, ou mesmo treinar alguém para "virar" poeta, do ponto de vista da situação terapêutica, o que nos importa é que, a meu ver, essa concepção representada anteriormente, fornece-nos um *modelo*. Através dele podemos considerar que o limite para o qual tenderia uma fala de bom contato, seria o *discurso poético*.

Minha proposta é que, ao se trabalhar com verbalização neurótica, que não se tome como modelo - no sentido de *limite para o qual tenderíamos*, mesmo que não chegássemos lá - a fala de bom contato, mas sim, o discurso poético.

Se é central na "produção" da neurose um desajuste no processo de ajustamento criativo do indivíduo ao meio, como se articula o papel da linguagem nesse processo?

Oferecendo-me um instrumental sob um outro ângulo para abordar a questão da relação entre expressão poética e processo psicoterápico, Zinker enfatiza a psicoterapia como um processo criativo. Nele, o terapeuta é um artista, cujo meio de trabalho é uma vida humana, desde que utiliza sua capacidade de invenção para ajudar as pessoas a modelar suas vidas. Para ele, a criação em terapia ocorre da mesma maneira que quando se faz música ou se pinta um quadro, pois fazer arte é tentar concretizar a necessidade de um tipo de vida mais ampla e mais profunda.

Entende psicoterapia como um processo criativo, onde a condição básica é a mudança: a transformação de uma forma em outra, de um símbolo em um *insight*, de um gesto em um novo conjunto de comportamentos, de um sonho em uma representação dramática. *"Cada encontro criativo é uma busca e uma resolução parcial de um "problema", no mais amplo sentido estético do termo"*[90]. Isso significa, necessariamente, inovar, o que quer dizer, com frequência, *romper* com as regras.

Segundo o ponto de vista do tema de meu interesse, cabe perguntar: como ocorre esse processo ao nível da articulação e da expressão da linguagem?

Do exposto anteriormente, podemos dizer que o processo psicoterápico envolve um processo de *reestruturação perceptual*, onde a percepção que o indivíduo tem de si, do mundo que o cerca, dos outros, das relações que lhe são relevantes, modifica-se. Essa reestruturação perceptual se manifesta na *linguagem*, tanto verbal quanto não verbal. O indivíduo pode nomear o que não tinha nome, re-conhecer o conhecido, des-conhecer o já conhecido, conhecer o não conhecido, bem-dizer o que tinha sido mal-dito. Ao dar um nome, ao ter acesso à palavra e à emoção que sua descoberta evoca, o indivíduo batiza, reconhece, toma posse do que lhe é relevante. Nesse momento, instaura-se uma novidade. Acompanhada, necessariamente, de uma nova maneira de se expressar. Rompe-se o estereótipo, anuncia-se uma criação.

Pode-se considerar que, nesses momentos, ocorreu um *insight*. Ou uma revelação. Arrisquei denominá-los *momentos poéticos*. Também propus considerar a linguagem do poema como o *discurso-modelo*, parâmetro no trabalho com a verbalização estereotipada e mecânica que caracteriza a fala neurótica. Mas é claro que não se trata de transformar ninguém em poeta. Então, o que é isso?

Os "momentos poéticos" são frutos de um *trabalho* a dois, de um diálogo, do uso de referenciais e instrumentos que se aperfeiçoam. Mas, a rigor, nunca se sabe que rosto a nova escultura terá, ou de que forma emergirá a nova palavra. Pela definição apresentada de poesia, fica claro que são momentos onde a experiência poética está presente, onde ambos, terapeuta e cliente são "tocados" pela poesia.

Esses vividos, incomensuráveis, irrepetíveis, imprevisíveis, são possibilitados, preparados, e apoiados pela técnica e pelo modelo teórico do qual esta se deriva. Entretanto, eles, simultaneamente, os ultrapassam e, ao fazê-lo, checam sua eficácia. Nesse ninho de possibilidades que é o espaço terapêutico, faz-se uma espécie de *poética*: na *provocação* que é a experiência poética, é evocado o conhecido, é invocada a voz desconhecida e, ambos, terapeuta e cliente são convocados à celebração do instante.

A poesia provoca duas reações polares. Às vezes, ouço dizer: ah, isso é poesia. Dependendo do tom, essa frase pode dizer: que coisa bonita, que beleza, mas há um sutil ar de algo como que acessório, que pode até fazer parte do

cenário de nosso trabalho teórico-clínico, mas não é muito sério, ou útil, ou necessário. Um bibelô para se degustar e deixar de lado, quando se tratar de coisas sérias. A outra reação é de fascínio: aí parece haver uma certa mitificação pelos que a cultivam, e o poeta é aquele ser privilegiado que tem a graça da inspiração. Ou seja, ou a poesia é supérflua, ou inatingível.

Entretanto, fica claro que esse algo produzido na situação terapêutica é fruto de um trabalho a dois, persistente na busca de precisão, paciente no convívio das contradições ou contra-dicções e, sempre, sem garantia alguma de onde vai chegar.

Ao se radicalizar essa expressão *trabalho a dois*, pode-se fazer uma analogia com as concepções de certos poetas contemporâneos, conforme discute Carone, no seu "*A poética do silêncio*". Exemplo destes é o nosso João Cabral de Mello Neto, que se insere nessa linhagem, que tenta desmitificar a imagem do poeta como um ser "inspirado", "porta-voz de Deus", que é uma imagem muito antiga. Para Valéry, por exemplo, a poesia sempre foi "fabricação", como diz Carone. João Cabral teria um "projeto de lucidez", onde se deixa de lado a prioridade dada à inspiração no ato criador, que passa a ter uma existência rigorosamente calculada[91].

Da mesma forma, a experiência poética, na situação terapêutica, não deve ser entendida como um subproduto marginal, ou um bibelô interessante, ou fonte de uma mística indelével. É resultado de um *trabalho* e é inerente ao processo terapêutico.

Nesse sentido, voltamos à afirmação: "*... é a experiência do abandono ... (e) do rigor*"[92]. Não é isso que objetivamos no trabalho terapêutico? Um abandonar-se à "precisão de si?". Dessa atitude vigilante desses poetas, nasce o poema sobre o poema, isto é, o poema referindo-se a si. E disso emerge, para o terapeuta, a questão: como fazer o discurso sobre o discurso terapêutico?

Podemos articular as idéias expostas anteriormente, em torno do esquema retirado das concepções de Perls, Hefferline e Goodman e, a partir daí, considerar o discurso poético como o modelo de referência, para o qual tenderia o discurso neurótico descristalizado. Os "momentos criativos" do trabalho

terapêutico teriam como perspectiva de referência as experiências poéticas e o *espaço terapêutico* poderia ser definido como uma *intersecção* de duas vertentes: uma *formal,* teórica e técnica e outra, apoiada nesta, mas que a ultrapassa, que seria sua vertente poética, ou sua vertente de *potencialidade poética*.

Se a polaridade do discurso neurótico é o discurso poético e propus considerá-lo como o modelo ideal de referência para o sujeito se expressar, o movimento de descristalização da neurose, do ponto de vista verbal, "tenderia" no sentido do que caracteriza o discurso poético. Embora, é preciso deixar claro, não se trata aqui de objetivar que o indivíduo apresente uma forma poética na sua maneira de se expressar.

Esse discurso-modelo é, como vimos em Bachelard, Barthes, Leminski e Paz, aquele onde a palavra tenta "romper" com as regras que são, simultaneamente, condição de sua existência e uma forma de prisão, nos limites que impõem. Como se expressasse ou perseguisse "outro código", dentro do seu próprio, trazendo assim, o novo, entendido como a criação, no próprio ato de sua "fabricação-invenção".

Para Paz há o *rigor*, que posso aliar a um *projeto de lucidez* (como diz Carone a respeito de João Cabral), acompanhado de uma espécie de *fabricação*, nas palavras de Valéry e de uma turbulência, presente no caráter de *atrevimento*, conforme proclama Leminski. Complementando tudo isso, diz-nos Paz, há o *abandono*, lugar para a instalação do imprevisível.

Do ponto de vista da situação terapêutica, temos então que:

1. A descristalização da neurose se dá também, e necessariamente, pela fala.

2. Todo trabalho terapêutico é obrigatoriamente atravessado pelo verbal, mesmo que as estratégias técnicas não se voltem apenas ao material verbal presente na situação terapêutica, como é o caso da GT.

3. A polaridade do discurso neurótico é o discurso poético, que pretende "romper as regras" e é tomado, aqui, como modelo de referência, limite para o qual tende o discurso-neurótico, não importa se chega lá.

Posso concluir que todos os fragmentos, levantados no decorrer desse capítulo, podem ser articulados para tematizar a questão de *como* é viabilizado, na situação terapêutica, esse movimento no sentido de uma polaridade a outra do discurso. O campo de interrogações que foi projetado até aqui, no desenrolar dessa apresentação, produziu esse ponto de convergência, transformado, agora, no meu foco de reflexões para abordar a GT.

O próximo passo que me interessa, são os meios de que dispõe o espaço terapêutico - construido segundo o corpo filosófico-teórico-técnico que desenha seus limites - de criar as condições potenciais, para a emergência desse exercício criador que o caracteriza. Do ponto de vista do discurso, importa delinear o que é esperado de cada lado do par terapeuta-cliente, para "produzir o trabalho terapêutico".

E aqui chegamos ao instrumento básico, que não só opera nessa situação, como é o meio através do qual a teoria se "corporifica" e se checa, simultaneamente: seu *método* de trabalho. O próximo capítulo tratará da metodologia da *awareness*, instrumento metodológico próprio da gestalt terapia.

1 - Lispector, C. - *Uma apendizagem ou o livro dos prazeres.* Rio, Nova Fronteira, 1982, pg. 76.

2 - Perls, L. - Entendidos e Mal-entendidos de Gestalt Terapia. In *Voices*. vol. 14, nº 3, 1978 - (tradução de Therese A. Tellegen).

3 - Perls, L. - Comentários sobre os novos rumos. In Smith, E. W. L. (ed.) - *The Growing Edge of Gestalt Therapy*. New York, Brunner-Mazel, 1976, pg. 2; Wysong, J. e Rosenfeld, E. (org.) - An Oral History of Gestalt Therapy - Interviews with Laura Perls, Isadore From, Erving Polster e Miriam Polster. *The Gestalt Journal*, New York, 1982, pg. 16.

4 - Experiências essas registradas em filmes, video-tapes e no seu livro *Gestalt Terapia Explicada* (Perls, F. S. - São Paulo, Summus 1976).

5 - From, I. - Reflections on Gestalt Therapy after 32 years. *The Gestalt Journal*. Vol. VII, nº 1, Primavera, 1984. Ver também: Wysong, J. e Rosenfeld, E. - opus cit., 1982, pg. 26-46 e Yontef, G. M. - Modes of Thinking in Gestalt Therapy. *The Gestalt Journal*. Vol. VII, nº 1, 1984, pg. 37 e 38.

6 - Perls, L. - opus cit., 1978, pg. 1 e 2.

7 - Yontef, G. M. - opus cit., 1984, pg. 36; Yontef, G. M. - Gestalt-Therapy: Its Inheritance from Gestalt Psychology. *Gestalt Theory*. Vol. IV, 1/2, 23-39, 1982, pg. 24; Yontef, G. M. - *Mediocrity or Excellence: An Identity Crisis in Gestalt Therapy Training*. Michigan, ERIC/CAPS, University of Michigan, 1981, pg. 2.

8 - Perls, F. S. - *Gestalt Terapia Explicada*. São Paulo, Summus, 1976, pg. 13 (é a mesma, já citada, onde há registros de experiências de seminários e workshops).

9 - Perls teria colocado, na concretização de sua escola terapêutica, o mesmo tom de drama e de paradoxo que permeava sua vida, no geral, como diz Shepard. (Shepard, M. - *Fritz, Perls - La terapia guestaltica*. Buenos Aires, Paidos, 1977, pg. 17 e 186).

10 - Perls, L. - opus cit., 1978, pg. 2.

11 - Juliano, J. C. - *Gestalt terapia - uma abordagem dialógica*. Palestra apresentada no Simpósio de Psicologia fenomenológica-existencial, USP, São Paulo, 1987, pg. 5.

12 - Yontef., G. M. - opus cit., 1981, pg. 7.

13 - Juliano , J, C. - opus cit., pg. 6.

14 - Perls, L. - opus cit., 1978, pg. 2.

15 - Tenho notícias que a tradução de um deles (Perls, F.S., Hefferline, R.F. e Goodman, P. - *Gestalt therapy: Excitement and Growth in the Human Personality*. Londres, Penguin Books, 1977) interessou a Ed. Summus, São Paulo. Mas, até agora, não foi editado.

16 - Stevens, J. O. - *Tornar-se presente - experimentos de crescimento em gestalt-terapia*. São Paulo, Summus, 1976.

17 - Ribeiro, W. F. R. - *Buscas em gestalt terapia*. São Paulo, Comunicação proferida no Seminário 3, Centro de Estudos de Gestalt de São Paulo, Instituto Sedes Sapientiae, 1987.

18 - Petzold, H. - Tendências e desenvolvimento da gestalt terapia na Europa. Utrecht, *Boletim da Associação Neerlandesa de Gestalt terapia*. Informes do Congresso Quinquenal. Utrecht, 1984, pg. 1 (tradução de Luiz Fernando F. da Rosa Ribeiro).

19 - Ribeiro, W. F. R. - opus cit., 1987.

20 - Zlotnic, S. - *Gestalt terapia e transferência*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1990, pg. 7.

21 - Yontef, G. M. - opus cit., 1981, pg. 2.

22 - Por exemplo, os últimos dois Encontros brasileiros de Gestalt terapia (Caxambu, 1989 e Brasília, 1991) voltaram-se a tematizar sua identidade.

23 - Yontef, G. M. - The Future of Gestalt Therapy: A Symposium with L. Perls, M. Polster, J. Zinker and M. V. Miller. *The Gestalt Journal*, Vol. IV, nº 1, 1981, pg. 7.

24 - Yontef, G. M. - opus cit., 1981.

25 - Petzold, H. - opus cit., pg. 7.

26 - Perls montou sua "base" em Esalen, na California, e viveu o final de sua vida numa comunidade no Canadá.

27 - Fora do nosso trabalho, há exemplos de sobra. Posso citar um, aparentemente banal, em relação aos jeitos de vestir próprios da denominada "contra-cultura". Em suas origens, alinhavavam-se a uma concepção mais ampla das relações do homem com sua existência. O vestuário, considerado excêntrico, "diferente", ou marginal, a princípio, é, posteriormente, inserido nas modas vigentes. E mesmo que uma pitada das propostas nele contidas vá junto, não é a apreensão verdadeira delas que é sugerida. Seria um jeito perspicaz que os mecanismos sociais realizam, tentando minimizar o caráter de novidade de certas idéias e transformá-las em consumo. A meu ver, propostas terapêuticas podem sofrer processos semelhantes. É o caso da GT.

28 - Ver Perls, L. - opus cit., 1976, pg. 1 e Perls, F. S., Hefferline, R. F. e Goodman, P. - *Gestalt therapy: Excitement and Growth in the Human Personality*. Londres, Penguin Books, 1977, pg. 14.

29 - Ribeiro, J. P. - *Gestalt-terapia: refazendo um caminho*. São Paulo, Summus, 1985, pg. 47.

30 - Hall, R. K. - Minha vida medida em palavras abandonadas, in Stevens, J. O. (org.) - *Isto é Gestalt*. São Paulo, Summus, 1977.

31 - Perls, F. S. - *Escarafunchando Fritz - dentro e fora da lata de lixo*. S. Paulo, Summus, 1979, pg. 213.

32 - Stevens. B. - *Não apresse o rio ele corre sozinho*. São Paulo Summus, 1978.

33 - Petzold, H., - opus cit., pg. 4.

34 - Tellegen, T. A. - *Gestalt e grupos - uma perspectiva sistêmica*. São Paulo, Summus, 1984, pg. 40.

35 - Como é o caso de Perls, F. S. - opus cit., 1976.

36 - Wysong, J. e Rosenfeld, E. (org) - opus cit., 1982.

37 - Prado Jr., B. - O neopsicologismo humanista. In *Alguns Ensaios*. São Paulo, Max Limonad, 1985.

38 - Polster, E. e Polster, M. - *Terapia Guestáltica*. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1976.

39 - Prado Jr., B. - opus cit., pg. 86-87.

40 - Idem, pg. 87.

41 - Idem, pg, 88.

42 - Marcuse, H. - *Eros e Civilização - uma crítica filosófica ao pensamento de Freud*. Rio, Zahar, 1968, pg. 213, citado em Prado Jr., B. - 1985, opus cit., pg. 90.

43 - Prado Jr., B. - opus cit., pg. 90.

44 - Idem.

45 - Idem.

46 - Idem, pg. 91.

47 - Idem.

48 - Polster, M. e Polster, E. - opus cit., pg. 38.

49 - Prado Jr., B. - opus cit., pg. 91.

50 - Idem.

51 - Idem.

52 - Idem.

53 - Idem, pg. 92 - ou ver epígrafe, cap. três.

54 - Petzold, H. - opus cit., pg. 2.

55 - Prado Jr., B. - opus cit., pg. 92.
56 - Idem, pg. 94.
57 - Por exemplo: Hycner, R. H. - *Towards a dialogical psychoterapy*. San Diego, California School of Professional Psychology, 1985; Yontef, G. M. - Clinical Phenomenology. *The Gestalt Journal*, New York, vol II, nº 1, Primavera, 1979; Yontef, G. M. - Gestalt Therapy: a dialogic method. In Shneider, K. (ed.) - Gestalt Therapie and Neurose. Munchen: Pfeiffer Verlag, 1981; Juliano J. C. - opus cit., 1987; Jacobs, L. - Dialogue in Gestalt Theory and Therapy. *The Gestalt Journal*. Vol. XII, nº 1; Friedman, M. - *The Healing Dialogue in Psychotherapy*. New York, Jason Aronson, 1985.
58 - Prado Jr., B. - opus cit., 1985, pg. 88.
59 - Paz, O. - *O arco e a lira*. Rio, Nova Fronteira, 1982.
60 - Bachelard, G. - *O novo espírito científico*. Rio, Tempo Brasileiro, 1968.
61 - Perguntado qual seria sua primeira medida, caso fosse convidado a administrar um certo reino, Confúcio teria respondido: *"faria a reforma da linguagem"*, Paz, O. - opus cit., pg. 46.
62 - O. Paz, - opus cit., pg. 17.
63 - Idem, pg. 28.
64 - Idem, pg. 191.
65 - Idem.
66 - Idem, pg. 129.
67 - Idem, pg. 135.
68 - Idem, pg. 26.
69 - Idem, pg. 137 e 138.
70 - Barthes, R. - *Aula*. São Paulo, Cultrix, 1982, pg. 15.
71 - Idem, pg. 14.
72 - Idem, pg. 18 e 19.
73 - Idem, pg. 21.
74 - Leminski, P. - Poesia: a paixão da linguagem. In Cardoso, S. (et al) - *Os Sentidos da paixão* São Paulo, Companhia das Letras, 1987, pgs. 285 a 291.
75 - Japiassu, H. - *Introdução ao pensamento epistemológico*. Rio, Francisco Alves, 1977, pg. 69
76 - Bachelard, G. - *O direito de sonhar*. São Paulo, Difel, 1985, pg. 184.
77 - Freud, S. - Lo ominoso. In *Obras Completas*. Vol. 17, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1989.
78 - Bachelard, G. - opus cit., 1985, pg. 184.
79 - Paz. O. - opus cit., pg. 120.
80 - Bachelard, G. - opus cit., 1985, pg. 186.
81 - Japiassu, H. - opus cit., pg. 77.
82 - Bachelard, G. - A poética do espaço. In *Os pensadores*. vol. XXXVIII, São Paulo, Abril, 1974, pg. 343.
83 - Idem, pg. 345.
84 - Idem, pg. 348.
85 - Barthes, R. - opus cit., pg. 29 - Justifico essas citações excessivas: impossível referir-se a esses "poetas teóricos", sem suas próprias palavras poéticas.
86 - Perls, F. S., Hefferline, R. F. e Goodman, P. - *Gestalt therapy: Excitement and Growth in the Human Personality*, opus cit., livro 2, capítulo 7. Além do texto original, recorri à tradução de Alberto Pereira Lima Filho para a leitura desse capítulo. Agradeço a Abel M. Guedes pelo acesso a essa tradução.
87 - Zinker, J. - *El proceso creativo en la terapia guestaltica*. Buenos Aires, Paidos, 1979.
88 - Perls, F. S., Hefferline, R. F. e Googman, P. - opus cit., pg. 372 e 373.

89 - Perls, F. S. - *Yo, hambre y agresion*. México, Fondo de Cultura Económica, 1975, pgs. 258, 268 e 276. Citado em Tellegen, T., opus cit., pg. 40.
90 - Zinker, J. opus cit., pg. 15.
91 - Carone, M. - *A Poética do Silêncio*. São Paulo, Perspectiva, 1979, pg. 111 e 113.
92 - Paz. O - opus cit., pg. 28.

Capítulo três

"Logo ele respirou suavemente a não-geografia de estar desorientado. Degustou o elixir de estar desorientado quando tudo o que ocorre deve ser necessariamente uma surpresa. Ele não mais podia encontrar nenhum sentido em seus próprios bens essenciais (que nunca o haviam feito feliz). Sentia que eles escapavam para longe de si... mas não tentou desesperadamente persegui-los. Em lugar disso, tocou seu próprio corpo, olhou em torno de si e sentiu "Eu estou aqui e agora", e não se deixou invadir pelo pânico".

Paul Goodman - "*A cidade imperial*"

O lugar mais sombrio", diz um provérbio chinês, *"é sempre embaixo da lâmpada".*

Roland Barthes - "*Fragmentos de um discurso amoroso*"

"Awareness"

A. Introdução

A metodologia de "*awareness*", que foi esboçada, em linhas gerais, no capítulo um, é aqui retomada, a partir das interrogações formuladas no capítulo dois, que convergiram para a questão do método de trabalho.

Inicialmente, é necessário traduzir o que seria esse *continuum de "awareness"*, ou pelo menos tentar. As referências possíveis seriam presentificação, tornar-se presente, tomada de consciência, conscientização[3]. Tellegen reconhece a dificuldade dessa tradução, considerando que "*awareness*" "*... é mais do que percepção diferente de tomar consciência: tem a ver com o estado de presença quase meditativo*[4]. Sua proposta de tradução aproximada é *fluxo associativo focalizado*, que eu julgo a mais adequada dentre as opções possíveis. Nela fica implícito o caráter dinâmico e de processo no termo "fluxo"; a finalidade do método de facilitar a discriminação, e de promover a maior precisão no contato com a figura emergente, através do termo "focalizado"; e "associativo", na medida em que a focalização poderá levar a produção de novas cadeias de relações de significado.

Ciornai, considerando a própria noção de figura como remetendo-se a uma configuração e, não necessariamente, devendo ser entendida como um elemento singular no campo, propõe uma definição de "*awareness*" nessas bases: uma forma de experienciar, focando na configuração presente da existência, em todos os níveis, estando inserida a possibilidade da presença, nessa configuração, de opostos em simultaneidade[5].

A derivação da metodologia de "*awareness*"[6] das bases teóricas da GT, fica clara nessa passagem de Laura Perls:

> *"A abordagem organísmica de Goldstein se relaciona com a teoria de auto-regulação organísmica de Wilhelm Reich para se tornar, em Gestalt terapia o postulado do continuum de presentificação (awareness)..."*[7].

Trata-se de facilitar a formação livre, fluente e contínua de *gestalten*, que supõem novas configurações figura-fundo. Como o significado é dado pela relação de uma figura com seu fundo, novas configurações supõem novas redes de relações de significado. O "fluxo associativo focalizado" pretende levar a um "tomar posse" do *processo* de existir, e como ele ocorre, a cada momento. Esse tomar posse é entendido como um engajar-se com a totalidade do ser em dado momento, no que é mais relevante e emergente no campo organismo-meio do qual ele faz parte. Envolve emoção, afeto, pensamento e sensações corporais, não se tratando de um processo meramente cognitivo.

Awareness pode ser considerada uma forma de experienciar, aliada a posse do como, do jeito desse experienciar. Isso significa que é necessário se ocupar do óbvio, do dado, e descrever a situação tal qual se oferece a cada momento[8]. Essa estratégia visa permitir que os significados, inerentes a esse vivido, emerjam a partir dessa focalização, no vivido aqui-e-agora. Dessa forma, espera-se promover associações não esperadas com outros conteúdos. Os significados emergem a partir desses significantes, tomando esse termo num sentido amplo, incluindo um significante corporal, como um gesto ou postura.

Através dos assinalamentos do terapeuta, o cliente pode dar-se conta de possíveis interrupções, distrações e hiatos que surjam. É um caminho, diverso do da interpretação, de facilitar ao cliente a chegar a relações de significados, até então, encobertos. "Situações inacabadas" do passado podem emergir à luz da experiência presente, ao se experienciar uma situação com a carga emocional ligada a ela, podendo ocorrer uma nova configuração existencial. Ao "fechar", "completar" uma gestalt "inacabada", ela deixa de se manifestar através de formas disfarçadas ou sintomas, e se torna recordação[9]. Ao se concentrar na forma de expressão, o trabalho volta-se às várias emergências da resistência não para, em princípio, desfazê-las, mas sim utilizá-las como meios de se chegar à "gestalt oculta". As resistências são consideradas como forças criativas e valiosas que o indivíduo possui, e que se transformam em nocivas, dependendo do contexto de sua utilização.

Perls, Hefferline e Goodman, na obra clássica e mais importante da GT, enfatizam o objetivo da GT: voltar-se aos fatores que estão presentes no processo de *awareness* e detectar a que se deve a interrupção das faculdades que podem atuar, eficazmente, apenas quando esse processo está se realizando de forma adequada. O que caracteriza a *awareness* é contato, sensação, excitação e formação de Gestalt. A normalidade e a patologia são definidas a partir da presença ou ausência, do funcionamento adequado desses fatores. Embora possa haver contato sem *awareness*, o oposto é impossível. *Contato é condição de awareness*. Daí ser central delinear com *o que* o indivíduo está fazendo contato.

A sensação define o tipo de *awareness* que está ocorrendo: ela pode ser mais distante, é o caso da *awareness* de natureza acústica; mais próxima, por exemplo, a *awareness* tátil; dentro da pele, *awareness* proprioceptiva que inclui, também, a percepção de sonhos e pensamentos. Esses autores consideram o termo *excitação,* linguisticamente adequado, desde que abrange, tanto excitação fisiológica, quanto emoções indiferenciadas. E afirmam que esse termo:

"... inclui a noção de catexe freudiana, o élan vital de Bergson, as manifestações psicológicas do metabolismo (...) e nos dá a base para uma simples teoria da ansiedade"[10].

E, finalmente, a formação de gestalt é inerente ao processo de *awareness*, sendo sua formação fluente e contínua, condição de saúde mental e crescimento. Inversamente, distúrbios em seu encadeamento perturbam o crescimento e o desenvolvimento, produzindo estagnação e movimento regressivo.

O exposto nos parágrafos anteriores está contido na introdução a essa obra clássica de GT, e são as *bases* nas quais se assenta toda sua *concepção metodológica*. Os dois obstáculos à concentração espontânea, no contexto terapêutico, repousam numa figura muito fixa e num fundo muito "carregado". O objetivo da intervenção terapêutica é transformar o "conflito interno", que ocorre entre o impulso e as resistências que impedem seu movimento, num conflito aberto, *aware*[11]. A estratégia, nesse caso, é o terapeuta estar atento à expressão das resistências, sugerindo ao cliente a fazer o mesmo.

Para operacionalização do método, é necessário que se defina um *contexto* específico. No caso da GT, este contexto é a situação experimental fornecida pela situação terapêutica. Esta é concebida como um contexto experimental, bastando para isso, reportar-se ao sentido da palavra experimento, derivada de *experiri*, que significa "tentar". Partindo da definição de experimento como sendo:

"... 'uma tentativa ou observação especial feita para confirmar ou refutar algo duvidoso, (...) sob condições determinadas pelo experimentador; um ato ou operação levada a efeito para descobrir algum princípio ou efeito desconhecido, ou para testar, estabelecer ou ilustrar alguma verdade sugerida ou conhecida; teste prático; prova'[12]*".*

Perls, Hefferline e Goodman delineiam a entrevista terapêutica como uma situação *experimental*, considerando o enorme controle de "variáveis", no *setting* deliberadamente simplificado do contexto terapêutico, em comparação a multiplicidade complexa de fatores fora dele. De modo mais específico, é experimental no sentido de que, a cada momento, a direção sugerida é *"... tente e veja o que acontece*[13]*"*. Daí se definir o papel do terapeuta como o de um *catalisador* dos processos em curso, como já foi apresentado no capítulo um. Com estas considerações, os autores pretendem superar a dicotomia "*experimental*" e "*clínica*", trazendo a experimentação *para dentro* da situação terapêutica. Sendo, que é no exercício da *awareness,* que o caráter experiencial e experimental da GT se atualiza.

A importância da *awareness* é sintetizada por Simkin e Yontef: *"Em Gestalt Terapia, o objetivo é sempe awareness e apenas awareness"*[14]. Yontef a situa como um dos princípios que definem a GT, cujo recorte fenomenológico se instrumentaliza na metodologia da *awareness* que a caracteriza. Os outros dois princípios são relativos ao existencialismo dialógico, no qual se funda a concepção da relação terapeuta-cliente na GT, e ao modelo holístico e de campo, que delineiam a perspectiva teórica que lhe é subjacente[15]. *Awareness* é, portanto, *meio e fim*. Objetiva-se possibilitar ao indivíduo que ele possa tomar posse da *awareness do processo de awareness*[16], isto é, que ele encampe essa metodologia como instrumento para sua vida. Pois o que a GT pode possibilitar de mudança *"...*

não é tanto a ampliação da awareness em geral como a ampliação da habilidade de estar 'aware'"[17].

Este autor considera que, embora seja bastante discutida, na literatura, a *awareness* enquanto objetivo da terapia, e as técnicas que são utilizadas para isso, há necessidade de uma *"... discussão mais técnica da própria awareness"*[18]. Dedica-se a essa questão, em um de seus trabalhos, no qual *awareness* é assim definida:

"... é uma forma de experienciar. É o processo de estar em contato vigilante com o evento mais importante no campo indivíduo-ambiente com pleno suporte sensório-motor, emocional, cognitivo e energético. (...) awareness é em si uma integração de um problema"[19].

Esse conceito é tão central, que entendê-lo é condição para se entender a GT. Desta definição de *awareness,* Yontef retira três *corolários* fundamentais: a *awareness* é eficaz quando se apóia e é energizada pela *necessidade* presente e dominante do organismo; não é completa sem conhecimento direto da *realidade* da situação e como se está nela; é sempre *aqui-e-agora* e sempre se transforma, evolui e se transcende a si própria.

Em torno destas proposições, que delineiam a metodologia da *awareness,* Yontef entende que a GT *"... utiliza um sentido mais técnico de fenomenologia: a GT criou uma terapia baseada em uma metodologia operacional existencial"*[20]. Através desse tipo de tecnologia fenomenológica, pretende-se *"... descobrir o que é óbvio/dado. Isto necessita disciplina, especialmente sentindo o que está presente, o que É, excluindo dados á priori"*[21].

Perls, Hefferline e Goodman já haviam afirmado, claramente, como sua metodologia, do ponto de vista filosófico *"... é um treinamento em fenomenologia..."*[22]. A palavra *treinar* é central, portanto, nas concepções do método em GT, seja na situação terapêutica, seja na formação de terapeutas, onde se usa, com frequência, a expressão "treinamento de terapeutas".

Em síntese, ater-se ao *óbvio*, *observar* e *descrever* minuciosamente e exercitar e atingir a habilidade de *awareness*, aliados a sua proposta *existencial,*

são os fundamentos da GT. Escrevem Simkin e Yontef: *"Awareness e diálogo são os dois instrumentos terapêuticos principais na Gestalt terapia"*[23]. Esse trabalho com o óbvio, com aquilo que está imediatamente acessível, é esperado tanto do lado do terapeuta, como do lado do cliente[24]. O exercício da *awareness* deve, portanto, ser realizado nos dois lados do par terapêutico, continuamente, no decorrer do processo terapêutico.

B. Metodologia em ação

1. Apresentação geral

Voltemos às especificidades da metodologia da *awareness*. Até aqui, situei-a de forma mais abrangente. Agora, trata-se de apresentá-la mais "operacionalmente", ou seja, valer-me da descrição do que caracteriza seu procedimento, segundo os textos gestálticos clássicos. A metodologia da *awareness* aparece, assim nomeada pela primeira vez, no segundo livro clássico de GT[25], escrito em língua inglesa. Entretanto, seus antecedentes estão claramente expostos na terceira parte do primeiro livro de Perls, intitulada "Terapia de concentração"[26], onde seu novo método é apresentado pela primeira vez. Conforme nota Tellegen, mesmo quando ainda se considerava psicanalista, Perls, em seu trabalho clínico,

> *"... privilegia a "concentração" sobre a associação livre,... isto é ele se concentra e pede ao paciente fazer o mesmo, na percepção e conscientização da forma ou gestalt expressiva, no "aqui e agora" da situação terapêutica (postura e sensações corporais, movimentos, gestos, tom de voz, linguagem)*[27].

Tanto do lado do cliente, como do lado do terapeuta, a atividade de concentração nos aspectos do *como* o indivíduo está experienciando uma dada situação é central. Essa técnica, o *conscientizar-se focalizado*, permitiria um trabalho em terapia em profundidade, mais que em extensão[28]. Em sua primeira obra, *Ego, hunger and agression*, Perls considera que a técnica nela proposta é simples do ponto de vista teórico. Seu objetivo é que o indivíduo possa adquirir o *sentimento de si próprio*, embora nem sempre seja fácil conseguir isso. Pois é muito mais difícil, escreve ele, tratar hábitos aos quais se está "... *"equivocadamente" condicionado..., do que adquirir novos hábitos*"[29]. Ele refere-

se a essa metodologia como um "alfabeto", um ABC técnico, que repousa na concepção básica de que todo sucesso depende da concentração.

Os exercícios dirigidos que formam a última parte desse livro vem *após* a fundamentação teórica. No segundo livro clássico, "*Gestalt Therapy*", há uma inversão: a parte "experiencial inicia o texto e pretende "preparar" o leitor para a compreensão da teoria. Aqui, a justificativa desta ordem, como já expus no capítulo um, é que o leitor teria dificuldades de contato direto com a teoria, que seria muito distante do modo usual de pensar. Portanto, a técnica já não seria mais considerada simples do ponto de vista teórico. (Entretanto, nos bastidores da GT, sabe-se que essa parte foi colocada antes para se vender o livro mais facilmente).

Em "*Ego, hunger and agression*", o termo "alfabeto" é usado por Perls intencionalmente, afirmando que não é necessário, inicialmente, seguir a ordem de exercícios proposta pelos capítulos. Quando o indivíduo perceber resultados positivos e começar a confiar no método, então ele sugere que ele tente o processo de recondicionamento, se possível, seguindo a ordem. Clarificar a técnica como se propondo a *tratar condicionamentos equivocados*, favorecendo recondicionamentos, é uma afirmação central que supõe o trabalho terapêutico voltando-se a ou incluindo processos de *aprendizagem* e *reaprendizagem*. Como já assinalei anteriormente[30], o ponto zero, o "vazio fértil", a partir do qual o indiferenciado se configura, tem a conotação de descoberta e a esta se associa o sentido de aprendizagem, pois a GT pretende "trazer à luz o potencial adormecido do indivíduo".

Embora não se possa deixar de lado o intelecto, essa técnica não é um procedimento intelectual. Apresenta semelhanças com a técnica *yoga*, mas diferem quanto a seus *objetivos*. Se na yoga facilita-se o amortecimento do organismo para possibilitar a emergência de outras funções psíquicas, na GT, ao contrário, o objetivo é "... *despertar o organismo para uma vida mais completa*"[31]. Esta última afirmação é melhor explicitada, posteriormente, no "*Gestalt Therapy*". Nele se reafirma que a técnica de *awareness* é uma variante de yoga, embora apresentem diferenças. Se a cultura ocidental volta sua atenção ao mundo externo e, no oriente, se fortalece a *awareness* do *corpo* e do *self*, a técnica gestáltica pretende superar essa dicotomia, objetivando atingir "... *um funcionamento unitário do homem total*"[32]. Isto é, "... *somos "eventos espaçotemporais" dentro*

dos campos mutantes de nossa existência..."[33]. A referência é sempre um ser-em-relação, donde impossível haver *awareness* sem contato. Embora seja fundamental a questão: "... *com que se está em contato*"[34], o contato é a "realidade primeira", digamos assim.

Awareness também difere da *introspecção*, embora possam parecer procedimentos coincidentes. O primeiro é *"... a sensação (percepção) espontânea do que surge em você..."*, em termos de ação, pensamento, etc.; o segundo é *"... um movimento deliberado de atenção para estas atividades..."*, que interfere nelas. Isto se deve a ser um tipo de atenção que envolve controle, avaliação e correção, acabando por alterar as atividades sobre as quais incide, impedindo, frequentemente, que ocorra *awareness* em relação a elas[35]. A introspecção contínua é patológica e, embora possa ser útil quando praticada em certos momentos por psicólogos e poetas, é uma técnica difícil. Escrevem Perls, Hefferline e Goodman:

"Awareness" é como o brilho de um carvão proveniente de sua própria combustão; o que é dado pela introspecção é como a luz refletida de um objeto quando um facho de luz incide nele. Na awareness um processo está acontecendo no carvão (o organismo total); na introspecção o processo ocorre no diretor da lanterna (uma parte do organismo (...) que nós chamaremos o ego deliberado)[36].

A *concentração* subjacente à técnica de *awareness* aproxima-se ao *interesse* e *atenção*, sendo que estes três conceitos expressam, de formas diferentes, o fenômeno figura-fundo e descrevem um estado, uma ação e uma direção.

"Interesse significa estar em uma situação; concentração significa penetrar exatamente no centro (núcleo, essência) de uma situação; e atenção significa que se dirige uma tensão para um objeto[37].

Perls critica a visão *popular* de concentração, que a entende como um esforço deliberado, sendo um tipo de concentração *negativa* e desaconselhável. Afirmando ser a concentração inconsciente pertencente ao espaço da psicanálise clássica, considera que *"A concentração perfeita é um processo harmônico de cooperação consciente e inconsciente"*[38]. Nesse caso, o sentido popular de

concentração é uma função do Ego, sem o suporte de um interesse espontâneo. É um tipo de concentração associada ao dever, a consciência ou aos ideais, envolvendo contrações musculares exageradas, irritabilidade e alta quantidade de tensão, levando à fadiga e perturbações nervosas. Como não tem sustentação natural e orgânica, é artificial e negativa; ao invés de facilitar a emergência de figuras de interesse, constitui um bloqueio a elas. Outra concentração inadequada é a do tipo obsessivo. A *concentração correta*, para Perls, é bem descrita

"... com a palavra fascinação; aqui o objeto ocupa o primeiro plano sem esforço algum, desaparece o resto do mundo, deixam de existir o tempo e o contorno; não brotam conflitos internos ou protestos contra a concentração"[39].

É a concentração típica das crianças, também encontrada nos adultos envolvidos com um trabalho interessante ou um hobby. Esta mesma concepção de concentração é retomada no segundo livro de Perls, onde é considerada saudável, quando o indivíduo como um *todo* destaca figuras de interesse a partir de suas necessidades básicas. Em geral, reserva-se para isso os termos: atração, interesse, fascinação ou absorção. Falando-se, habitualmente, de concentração, para se referir a algo que o indivíduo *"faz ele próprio fazer"*[40], isto é, força-se deliberadamente a executar.

Neste livro o tema é mais elaborado, desde que é consistentemente amarrado ao processo de *formação figura-fundo*, à noção de *contato* e ao conceito de *excitação*. O que sinaliza a ocorrência de atenção espontânea e concentração é a formação contínua de figura-fundo. Nesse contexto, a conceituação de *excitação* é fundamental, desde que pode ser entendida como uma espécie de "motor", que garantiria genuinidade ao processo de concentração saudável. Consideram Perls, Hefferline e Goodman que se *atenção* e *excitação* estão atuando juntas, o objeto ao qual se dirige a atenção torna-se uma figura, cada vez mais nítida, destacada, unificada e delineada, em relação a um fundo, que se faz cada vez mais desinteressante: é o que se entende por uma *boa gestalt*[41]. O lugar proeminente que o conceito de excitação ocupa, no processo como um todo, é atestado pelo fato de juntar-se ao "crescimento" no sub-título da obra mais importante de GT: *"Gestalt terapia - excitação e crescimento na personalidade humana"*.

Perls, em sua última obra, enfatiza a *emoção* como a força que energiza todas as nossas ações, sendo *"... a própria linguagem do organismo..."*[42]. Elas modificam a excitação básica a partir do contexto: a excitação transforma-se em emoções específicas e estas se transformam em ações sensoriais e motoras, que realizam a satisfação das necessidades. Também a noção de contato é indispensável, desde que "*Concentração espontânea é contato com o meio*"[43].

A estratégia da concentração deriva-se diretamente da *concepção holística*. Quando ocorre a concentração positiva, as leis do holismo estão sendo obedecidas em todos os níveis: todas as funções estão voltadas para o mesmo fim e, também, só é possível uma concentração total nos objetos que permitem o completamento de um todo incompleto[44]. Essa técnica se repousa na consideração de que se a *evitação* é a característica básica do mecanismo neurótico, cria-se uma estratégia que é seu exato oposto: a concentração. O que se entende disso é que se pretende *interromper a interrupção* em curso, tendo como porta de entrada a *forma* dessas interrupções, manifestadas nas expressões das *resistências*. É interessante assinalar a ordem em que são colocados os fatores:

"Ao evitar a formação natural figura-fundo, a concentração negativa, forçada, leva à neurose ou, (...) a neurastemia, na qual sempre se percebe como sintoma proeminente a falta de poder de concentração"[45].

Nesta frase, a neurose é colocada como *consequência* da falta de concentração, e não o contrário. Dessa posição se entende a proposta básica de Perls nos exercícios dirigidos à *concentração na comida*, que ele considera a "quintessência" de seu primeiro livro. No ato de mastigar alimentos sólidos se manifesta a atitude básica que o indivíduo possui no intercâmbio com seu meio, sendo o *paradigma* deste contato e de suas perturbações. O ato de comer supõe que se produza uma mudança na estrutura e sabor do alimento, envolvendo um modo de se operar a agressividade, da mesma forma que nos processos do viver em geral.

"A assimilação apropriada do alimento sólido requer a concentração contínua e consciente na destruição, o gosto e a "sensação" do material ingerido que se transforma continuamente[46]*"*.

Daí esses exercícios serem concebidos como alternativas para *corrigir* as disfunções. Partindo-se de uma má mastigação, supõe-se uma expressão de como isso se efetua no nível psíquico, desde que na ingestão física e mental estão atuantes as mesmas leis. Interferindo-se *diretamente* no ato de mastigar, haverá uma ressonância nos atos de "mastigação psíquica"., isto é, a atitude em relação ao alimento mental sofrerá mudanças através dos exercícios, que supõem poderem facilitar "recondicionamentos". Neste contexto, esta afirmação de Perls, já colocada anteriormente, esclarece-se do ponto de vista da "mastigação verbal":

"Se você quiser melhorar sua mente, dedique-se ao estudo da semântica, o melhor antídoto contra a frigidez do paladar mental. Aprenda a assimilar o núcleo das palavras - o sentido, o significado de sua língua"[47].

Fica marcada a centralidade dessas concepções sobre *comer*, num livro que se intitula *Ego, Fome e agressão*. Essas idéias serão melhor desenvolvidas no segundo livro, desde que logo na introdução do "*Gestalt Therapy*" é dito que *"Um dos temas do livro é assimilação"*[48]. Podemos entender a afirmação de From, de que a grande contribuição teórica de Perls, foram suas concepções sobre *introjeção*, a partir do que está sendo exposto aqui[49].

O interesse em desenvolver esses pontos de vista está em pontuar como se entende que, *agir diretamente no comportamento observável,* pode produzir mudanças em outros níveis, e isso se justifica pela proposta holística. Outro ponto a ser remarcado é o caráter *ativo* presente na estratégia de concentração, que não deve ser entendido como um movimento deliberado. Isto se articula à concepção de que *"... a percepção é uma atividade e não uma simples atitude passiva"*[50]. O viés do esquema do arco reflexo nos levaria, segundo Perls, a falsas concepções sobre a passividade dos sentidos. Em outras palavras, é possível dizer que os órgãos dos sentidos não "recebem" sentidos, mas engendram sentido. Sendo coerente, a partir do ponto de vista holístico, que os exercícios envolvam, *diretamente*, esses órgãos.

Perls considera a *capacidade de visualização* o instrumento exemplar para tratar a questão de como utilizar nossos sentidos, em benefício do organismo como um todo. É apenas uma das possibilidades de operação do método de concentração, apresentado como uma das técnicas em seu primeiro

livro. Pois uma vida mental quadridimencional só é possível com a convivência da visão com os outros sentidos: audição, olfato e paladar, desde que eles recriam a realidade externa. A aproximação sensório-motora permite o sentido de atualidade, e exercícios que envolvam os órgãos dos sentidos favorecem a experiência das quatro dimensões e ajudam na memória eidética (identidade de percepção e visualização).

Por sentido de *atualidade,* Perls pretende referir-se à concepção de que tudo o que ocorre, ocorre no *presente* e dela depende a *auto-realização.* Esta só ocorre quando *"a consciência espaço-temporal"*, diz ele, penetra em nossa existência como um todo. A questão do presente nos remete às concepções sobre o uso da *linguagem*, recortada por Perls em três tipos[51]:

1. a fala expressiva - através da qual nos expressamos, envolve uma descarga emocional e promove uma mudança dentro de nós (ação autoplástica)
2. a fala intencional ou sugestiva - que pretende modificar o outro (ação aloplástica)
3. a fala descritiva.

Cada uma delas tem uma relação específica com o *tempo.* Na fala *expressiva*, a relação é com o tempo *presente* e nela o impulso gerador deve estar atuante, senão ela teria uma forma descritiva. A fala *sugestiva* volta-se para o futuro. A *descritiva* também se liga fortemente ao presente: o objeto deve estar presente, seja uma imagem ou situação, mesmo em forma de imaginação, para que se possa descrevê-lo. E para ser descrito, um objeto deve *existir, estar presente* (no meio ou na mente) e ser *real* (material ou mentalmente). Esses três termos convergem na palavra *atual.*

A importância da *descrição* repousa no fato de que descrever minuciosamente exercita, ao mesmo tempo, tanto a capacidade de *observar* como o sentido de *atualidade.* Em sua primeira obra, Perls sintetiza o "sentir-se a si mesmo" com a expressão *"self-awareness"* pela qual entende: *"... esse estado subjetivo do sentir primário de que a gente existe, assim como o sentir como a gente existe..."*[52]. É diferente da *auto-consciência (self-consciousness),* na qual alguma ação ou emoção está sendo suprimida; esta assinalaria uma retroflexão, isto é, a atenção estaria dirigida para si mesmo, ao invés do objeto promotor de

interesse ou de rejeição[53]. Supondo, portanto, sempre a presença de algo não expresso e, assim, incompleto. Pode-se afirmar que a "*self-awareness*" será a *awareness* definida e mais elaborada dez anos depois, no segundo e mais importante texto de GT. Vamos a ele.

No "*Gestalt Therapy*" as bases do caminho para resgatar o "potencial adormecido do indivíduo", através da *awareness*, são esclarecidas e exaustivamente apresentadas por Perls, Hefferline e Goodman. As atividades dos sistemas sensorial, de orientação, e motor, de manipulação, estão atuantes no contato do organismo com situações novas. Suas atividades são interdependentes e se realizam na base de respostas mecânicas, reflexos, apenas nas camadas inferiores onde a *awareness* não é necessária. *Manipulação* é o termo usado para toda atividade muscular (embora os autores o considerem um pouco "desajeitado"), sendo que a inteligência envolveria, ao mesmo tempo, orientação e manipulação adequadas e eficientes. No neurótico estes sistemas não estão operando de forma satisfatória, desde que há uma dessensibilização e paralisação das capacidades de resposta. Para resgatar estas habilidades de orientação e manipulação, ele deve recuperar sua completa *awareness*. Isto quer dizer suas capacidades de sensação, contato, excitação e formação de gestalten[54].

Dessas concepções, são coerentemente derivadas as propostas de "exercícios", que pretendem "azeitar" uma máquina que encontra dificuldades para seu pleno funcionamento. Seu *"... equipamento - sensorial e motor..."*[55] está emperrado. Os exercícios significam facilitações à emergência do desempenho da *awareness* e se dirigem, portanto, a atingir os *sistemas sensorial e motor* nos quais se "apóia" a execução da *awareness*.

O livro básico de GT consta de duas partes, uma mais experiencial, outra teórica, apresentadas nesta ordem. A *primeira*, denominada "*Mobilizando o self*", divide-se em duas seções, que pretendem "trabalhar" os sistemas sensorial e motor: uma trata da *orientação do self*, outra da *manipulação do self*.

Neste ponto cabe reapresentar o conceito de *self*, já nomeado no capítulo um, que agora pode contornar-se com mais clareza, à luz do que vem sendo exposto até aqui. *Self* se define como o *"... sistema de contatos a qualquer momento"*[56]. A flexibilidade é sua característica básica, pois deve acompanhar

tanto as necessidades orgânicas proeminentes, como os estímulos que pressionam, presentes no ambiente. Sendo o sistema de respostas, rebaixa sua atuação com o sono, quando a necessidade de resposta diminui. *"O self é a fronteira-de-contato em funcionamento, sua atividade é formar figuras e fundos"*[57].

Perls, Hefferline e Goodman pontuam a diferença de *self* com a noção de *consciência* da psicanálise clássica, que eles entendem como tendo por função, no contexto terapêutico, apenas olhar para dentro de si e efetuar um relato do que ocorre ao analista, cooperando sem interferir. Também difere da concepção dos reichianos ou da Escola de Washington, para quem o *self* significa, seja o sistema do organismo, seja de sociedade inter pessoal. O que os recorta como biologias e sociologias e não psicologias[58]. Em GT o *self* é o *integrador, o artista da vida*. O que quer dizer que é seu funcionamento que permite o *ajustamento criativo* do indivíduo no contexto/campo do qual faz parte, e sem o qual é impossível defini-lo, pois está na base dessas concepções um "ser-em-relação", um "ser-de-contato" ou um "ser-em-contato". O *self* é apenas

"... um pequeno fator na interação total organismo/meio, mas ele representa o papel crucial de descobrir e criar os significados que nos fazem crescer"[59].

Saúde e patologia dependem de identificações e alienações do *self*. Uma pessoa é saudável e *"... está exercitando seu melhor poder..."*[60], se se identifica com seu *self* em formação, dando fluidez a sua excitação criativa e podendo destacar figuras, a partir de suas necessidades, afastando o que não é organicamente relevante. Se, através de falsas identificações, aliena-se, não seguindo o rumo de sua própria espontaneidade, não será bem sucedida no contato com as circunstâncias vitais, pois estará impedida de se apoiar no que é genuinamente significativo para si. E aqui chegamos, novamente, a definição de *ego*, entendido como *"O sistema de identificações e alienações..."*[61]. A metodologia terapêutica, a partir dessas concepções, tem por *objetivo*

"... treinar o ego, as várias identificações e alienações, através de experimentos de "awareness" deliberada de nossas várias funções, até que a sensação seja espontaneamente revivida assim: 'sou eu que estou pensando, percebendo, sentindo e fazendo isso'"[62].

Os exercícios de *mobilização do self* se apresentam seguindo uma certa sequência. Iniciam-se com experimentos que tem por objetivo aumentar e aguçar o contato do sujeito com o meio e, eventualmente, não favorecem tratar "conflitos internos". Eles pretendem melhorar a orientação dos *receptores* do organismo, principalmente dos exteroceptores, fortalecendo a *awareness* de *onde* o sujeito está. Portanto, *awareness* voltada ao *espaço* circundante, para possibilitar a percepão pelo sujeito de que ele e o meio são mutuamente influentes e, daí, captar o sentido do que seja *contato*.

Os passos seguintes, agrupados sob a denominação *Técnica de awareness*, voltam-se, primeiro, a experimentos voltados a fortalecer a capacidade de "lembrar-se". Aqui, é utilizado o recurso de focalizar *imagens* e as instruções são semelhantes ao que é desenvolvido no primeiro livro de Perls, referentes a visualização. ("Fechar os olhos" é um dos ítens). A tendência ao fechamento de situações inacabadas é a concepção-matriz que está subjacente a essas instruções. Estes experimentos de visualizar imagens pretendem interferir na dificuldade de memória visual *"... a habilidade de ver vividamente 'no seu olho da mente'... "*[63]. Esta se deveria à utilização de *palavras e pensamentos* que são colocados *entre* o indivíduo e o meio. Isto significa que o meio é contatado, na medida que ative o sistema de abstrações já adquiridos, não sendo experienciando de forma genuína, desde que: *"O intelecto substituiu uma participação viva"*[64].

A crítica às verbalizações e abstrações, *dissociadas* da experiência vivida e atual, é uma constante nos textos gestálticos. O que teria levado, como consequência, a supor que a GT é avessa a teorizações, como já expus no capítulo dois. Mesmo que se explicite que esta visão sobre a GT é incorreta, a atividade do *pensar* é um tema que merece atenção, marcadamente nos textos de Perls. Ao enfatizar o funcionamento integrado do *corpo, mente* e *meio*, também considerando-os abstrações, a GT parece que acabou pendendo para o *sensorial*, em detrimento do *cognitivo*. A crítica à abstração repousa em sua utilização como se fosse um anteparo, um "entre" que não permite um contato genuíno, direto, vitalizante do indivíduo com o meio. O que se trata aqui é do que se entende por uma comunicação verbal eficiente, e disso se deriva, ao que parece, do que entende a abordagem gestáltica por *simbolizar*.

Voltemos aos experimentos. Os primeiros focaram a exterocepção, onde se apoia a *awareness* do "mundo externo". Em seguida, os exercícios voltam-se a aguçar a percepção do próprio *corpo*, focando na propriocepção, levando a experienciar o processo contínuo das emoções, incidindo na verbalização, e finalizando com instruções para obter uma *awareness* integrada. Todos sendo experimentos de *awareness "não dirigida"*, desde que a instrução é acompanhar tudo que chama a atenção, e não pesquisar algo em particular.

Dizer *dentro* e *fora* é um modo artificial e introdutório para exercitar *awareness*, pois são abstrações da experiência total que inclui a ambos. Nos experimentos voltados à *emoção,* o que se pretende é dar condições para que o indivíduo perceba *que gestalt* se forma, quando ele deixa de insistir em tomar de forma isolada o "dentro" e o "fora". Quando se abandona a dicotomia deliberada entre mundo externo e corpo, dá para perceber o *campo*, isto é, a unidade que é o *sujeito-em-seu-mundo*. Esta gestalt que está sempre mutante é o *próprio processo do viver*. A partir disso, define-se *emoção* como "*Experimentar o campo organismo-meio sob o aspecto de valor...*[65]".

Isso significa que se concebe a emoção como um processo contínuo, pois cada momento da vida traz um tom de agradável ou desagradável. Como, em geral, esta continuidade está fora do campo da *awareness,* as emoções são consideradas, frequentemente, como tipo de erupções periódicas, as quais, muitas vezes, gostaríamos de poder controlar. Tem o sentido de eventos vulcânicos, que ocorrem de forma discreta. Em geral, usa-se a expressão *sentimentos* para outros fenômenos que são muito semelhantes, porém, menos violentos.

"*Emoção, considerada como a experiência de avaliação direta do organismo do campo organismo-meio, não é mediada por pensamentos e julgamentos verbais, mas é imediata. Como tal, é em crucial regulador da ação, pois ela não apenas fornece a base da awareness do que é importante mas ela também energiza a ação apropriada, ou, se esta não está imediatamnte disponível, ela energiza e dirige a pesquisa para ela*[66]".

A excitação é a forma *indiferenciada* e primitiva da emoção, o aumento de mobilização de energia requisitado para o organismo responder a situações novas. No recém-nascido, esta resposta é maciça e relativamente indireta e, aos poucos, a criança diferencia as partes de seu mundo e, gradualmente,

transforma a excitação indiferenciada em excitação seletiva, estas se referindo às emoções específicas.

As emoções não são vagas e pouco claras, mas são tão agudamente diferenciadas em estrutura e função, como está a pessoa que as experimenta. Se as emoções estão confusas, isto significa que é o sujeito que está assim. Nesse sentido, as emoções não são impedimento ao pensamento e à ação mas, pelo contrário, não só funcionam como *reguladores* de energia no campo, mas é através delas que nos fazemos *aware* de nossos interesses e, portanto, do que somos e do que o mundo é[67].

Os experimentos voltados à *verbalização* baseiam-se no que é entendido como função do discurso. "*Verbalizar quer dizer 'colocar em palavras'*"[68]. Quando saudável, geralmente se inicia no que é não-verbal - objetos, condições, acontecimentos - e termina na produção de efeitos não-verbais. Pode também dirigir-se ao que já é verbal, como é o caso de livros, peças, e o que é dito por alguém. O problema - e isso é essencial nas concepções da GT sobre o discurso neurótico - é quando se teme o contato com o que está presente, com pessoas ou as próprias sensações e sentimentos e as palavras são usadas como anteparo, tanto do verbalizador e seu meio, como entre o verbalizador e seu próprio organismo. A palavra serve para esconder e proteger o indivíduo de suas dificuldades de contato, "para fora" e "para dentro". E, assim, o indivíduo vive uma vida substituta através das palavras, isoladas do restante de sua personalidade e de suas urgências vitais.

Pretende-se facilitar a emergência do *discurso expressivo e descritivo*, pois estes "ligam-se" ao *presente* e mesmo favorecem um exercício de presentificação. No "intelectual", no sentido criticável pela GT, há um exagero da verbalização: ao tentar "ser objetivo" em relação a sua experiência pessoal, isso em grande parte o leva a teorizar em palavras sobre ele e seu mundo e a se afastar, desse modo, de sua vívida experiência. Essa "doença verbal" não se limita ao intelectual, mas é universal. Perls, Hefferline e Goodman remetem-se à semântica de sua época, que insiste em *reconectar* as *palavras à realidade não-verbal* do meio, enfatizando que cada palavra refere-se a algo não-verbal. Assim, os experimentos envolvendo o presente e abstrações vão na direção destas propostas.

Estas concepções sobre a linguagem parecem apoiar-se nas propostas de **Korsybski**, o qual

"... queria reagir contra a ontologia da linguagem; queria substituir a palavra concebida como um ser, pela palavra concebida como uma função, como uma função sempre suscetível de variações. A sua nova semântica (new semantics) tende a fornecer a consciência das significações múltiplas"[69],

como esclarece **Bachelard**, na sua *"A Filosofia do não"*, onde dedica um extenso trecho ao pensamento desse semanticista.

A técnica proposta pela GT para se perceber os aspectos patológicos da verbalização é, primeiro, apreendê-la como uma atividade existente, concepção aplicada também a outras funções. Vale tanto para as palavras pronunciadas em voz alta, como para o pensamento, que é entendido como um discurso subvocal. No processo de aprendizagem da língua pela criança, falar em voz alta ocorre antes e, mais tarde, essa linguagem adquirida publicamente passa a ser usada, de forma privada, como pensamento[70].

O pensamento é um instrumento que coordena as necessidades, os meios imaginados para satisfazê-las e o comportamento que executa o que foi imaginado. No pensar se manifesta o uso máximo de nossa capacidade de simbolizar. Mesmo que nesse processo de utilizar símbolos, estes muito se distanciem da realidade, sempre estarão vinculados à realidade significativa para a pessoa, pois a ela se associam originalmente, dela se derivando[71]. Compreende-se a ênfase, na GT, em um tipo de discurso "vitalizado" que não encubra, mas ao contrário, esteja "rente" as urgências vitais, às quais se refere.

Para integrar verbalização e pensamento em nossa existência, precisamos estar *aware* de seu processar. Para tanto, os meios para se abordar o *falar* apóiam-se no *escutar-se*, seja em companhia, seja sozinho. Até que se consiga exercitar o *diálogo interno*, isto é, ouvir o próprio pensamento subvocal. O pensamento se tornará muito mais expressivo se se consegue sentir essa integração do falar e ouvir internos, e serão naturalmente abandonados aqueles segmentos do pensar que não estão expressando nada. Quando, então, se consegue

manter *awareness* de todas as outras funções, *suspendendo o falar-e-ouvir*, conquista-se o *silêncio interno*. Esta condição estaria subjacente à *produção poética*. Escrevem Perls, Hefferline e Goodman:

"Poesia, a arte do discurso expressivo, reside na habilidade para manter awareness silenciosa da necessidade, imagem, sentimento, memória, até que as palavras brotem, de modo que, ao invés de serem estereótipos banais, as palavras quando pronunciadas são plasticamente adaptadas a uma figura ricamente experienciada. Tais palavras expressam o que teve um começo não-verbal"[72].

Podemos remeter esse *silêncio interno* ao *ponto zero* de *indiferença criativa* de Friedlaender, e grifar mais uma vez como suas concepções são básicas no método da GT. Como muito do que o sujeito sente como avaliação e julgamento moral é sua fala subvocal, se ele consegue interrompê-la e atingir o silêncio interno, pode atingir uma apreciação mais simples dos fatos e de suas reações a eles.

Os experimentos envolvendo atenção às sensações corporais, emoções e verbalização podem possibilitar ao sujeito mais vitalidade e espontaneidade. Em seguida, propõem-se experimentos de *awareness integrada.*

Os autores consideram que cada método usado, em geral, na psicoterapia, é relevante mas inadequado, se tomado isoladamente. Desde que o processo organismo-meio envolve fatores físicos e sociais do meio, corpo, emoção, pensamento, fala, e estes funcionam como uma unidade integrada, voltar a atenção a qualquer um destes componentes, é adequado para facilitar a integração da personalidade. Mesmo que se concentre em uma parte, espera-se que os efeitos se espalhem na unidade total. O perigo é que, ao se usar qualquer um deles, seus efeitos não se espalhem suficientemente às áreas que o método, que é parcial no seu enfoque, deixa de lado. A resistência *unaware* presente nestas outras partes poderá aumentar, de tal forma, que interferirá no sucesso da abordagem em questão, a não ser que outros tipos de material sejam admitidos. Essa é a razão pela qual os experimentos dão atenção às várias áreas, que não passam de abstrações do funcionamento total, quando consideradas de forma isolada.

Assim, nos experimentos de *awareness integrada*, a instrução é *mudar de uma área para outra*. O sujeito pode perceber que nessa mudança a situação permanece a mesma, mas ele se expressa diferentemente, dependendo de onde incide sua atenção[73].

Em seguida, há os experimentos de *awareness dirigida*. Nestes, a intenção é focar, no sentido de perceber bloqueios e pontos-cegos. Trata-se de fazer o possível para que o indivíduo detecte *como* se manipula e ao meio, sendo dada, portanto, mais atenção ao sistema motor, especificamente o muscular.

Embora apresentem a correlação da orientação (extero e propriocepção) com o sistema sensorial e da manipulação e do movimento com o sistema muscular (distinção habitual entre funções receptoras e efetoras) e os exercícios levem essa distinção em conta, dependendo de enfatizarem esta ou aquela função, deve ficar claro que, no comportamento saudável, ambas as vertentes trabalham de forma *integrada*[74].

Há uma *razão estratégica* para que, apesar desta unidade funcional, inicie-se o trabalho com uma ênfase na *orientação sensorial*. Registrar algo que ocorre não demanda uma ação muscular evidente da parte de quem está envolvido, nem chama a atenção dos outros. É mais fácil começar por aguçar nossa orientação e, uma vez sabendo onde estamos, podemos seguir o passo seguinte, de usar os músculos com mais segurança, sem exagerada ansiedade, e com maior confiança. Seguindo a terminologia gestáltica, é o nível de *suporte* que se deve atingir em primeiro lugar. Outra razão é que, iniciando o trabalho pela orientação e depois pela manipulação, nós *refazemos os passos*, na ordem correta, pelas quais sintomas e bloqueios se desenvolveram[75]. O processo é assim descrito: primeiro, como crianças, inibimos expressões musculares *"... quando elas traziam muita dificuldade para nós no nosso meio social"*[76]. Aos poucos, ficamos *unaware* de que as inibimos deliberadamente; a supressão tornou-se crônica e, como a situação não mudou, a ponto de torná-la descenecessária, esta *supressão* transformou-se em *repressão. "Isto é, por não mais prender nossa atenção (que requer novidade e desenvolvimento), tornou-se 'inconsciente'"*[77]

Como a inibição da ação muscular tende a inibir os sentidos, interferindo em sua eficácia, nossa orientação também é atingida. Os experimentos

propõe-se a reverter o processo e a possibilitar aguçar o sentido de *onde* estamos e *o que* sentimos. A partir disso, podemos resgatar a habilidade de nos movimentarmos, e assim manipularmos a nós e ao meio de forma eficaz.

O que me parece crucial, entretanto, é entender a *dinâmica* das "dificuldades" da criança na *relação com seu meio social*, pois é a partir desse contato que se formaria o *sistema de identificações e alienações*, isto é, o *ego*. Que não é entendido como uma instância ou sub-estrutura da personalidade, como na doutrina freudiana, mas como *"... o fenômeno-limite em si, sendo a própria função de contato de identificação e alienação"*[78] o que significa defini-lo a partir de processos e funções relacionais[79].

Os autores querem deixar bem marcado o que entendem por *inconsciente*. Na passagem anterior, fica claro que a repressão é entendida como um fenômeno muscular, que pode ser "desmanchado" pelo mesmo caminho (sensorial-motor) através do qual foi implantado. Escrevem Perls, Hefferline e Goodman:

"Nós enfatizamos que em todos os tipos de atividade, seja sentir, recordar-se, ou mover-se, nossos pontos-cegos e rigidezes estão em algum aspecto "aware" e não completamente enterrados em um inacessível "inconsciente"[80]

A estratégia é tomar qualquer aspecto que está *aware* e dirigir a ele atenção e interesse, para propiciar que a figura pouco delineada se destaque, nítida, contra seu fundo. No mínimo, podemos estar *aware* de que existe um ponto-cego; a partir daí, *trabalhamos alternadamemte* sobre *o que* está acessível a visão ou lembrança, e sobre as manipulações através das quais nós nos *fazemos* cegos. Dessa forma, aos poucos, os obstáculos para a *awareness* completa podem ser dissolvidos. Isso quer dizer trabalhar, *diretamente*, sobre as *resistências* que se expressam no equipamento sensório-motor.

Se o contato saudável supõe *awareness* (formação de figura-fundo) e excitação (aumento da mobilização de energia), todo *bloqueio* necessita um trabalho presente para *impedir contato*. Isto significa manipular nossa própria capacidade de manipulação, o que quer dizer limitar ou distorcer as funções receptoras. A partir disso, não ocorre a fluidez da formação figura-fundo, ou seja,

estas partes do campo não se diferenciam com nitidez. Elas ocorrem misturadas e seus limites não se delineiam. É assim que se define *confluência*.

Além disso, essa dinâmica também explica o fenômeno da *ansiedade*. Quando, mesmo se impedindo a formação figura-fundo, esta tenta abrir espaço para sua ocorrência, haverá a excitação que está presente nesse processo. *"Isto coloca um problema adicional no impedimento ao contato..."*[81], pois, se não há a intenção de usar a energia da excitação em fazer contato, esta deve ser suprimida. É, assim, que se coloca o entendimento da ansiedade: *"A supressão de excitação produz a dificuldade respiratória que é a ansiedade..."*[82]

Considerando-se, portanto, que *confluência e ansiedade* estarão presentes na *disfunção do processo de figura-fundo*, os exercícios de "*awareness* dirigida" voltam-se a propor condições para "inverter confluência em contato" e "transformar ansiedade em excitação". Essas dificuldades são centrais, desde que a ansiedade é *"... o sintoma neurótico por excelência"*[83] e, sendo um fenômeno comum no trabalho terapêutico, as teorizações sobre ele são múltiplas. Perls, Hefferline e Goodman consideram, entretanto, que o que elas tem em comum é deixado de lado. Ou seja, que a ansiedade é um evento psicossomático muito simples.*"A ansiedade é a experiência de dificuldade respiratória durante qualquer excitação obstruída"*[84].

A *excitação* é definida pelo aumento de mobilização de energia, sempre presente quando há um forte interesse e forte contato, seja erótico, agressivo, criativo, etc. O que caracteriza a operação neurótica é tentar controlar a excitação, sendo que, para isso, seu método privilegiado é interferir na sua respiração. Na cura da ansiedade deve-se detectar *que* tipos de excitação o sujeito não pode aceitar, nesse momento, como seus; e, como sua emergência é espontânea, devem, necessariamente, relacionar-se à necessidades vitais genuínas. Também é necessário perceber *como*, através de que tipos de contração muscular, o sujeito prende sua completa expiração.

A segunda parte do livro um volta-se a exercícios de *manipulação do self*, dirigindo-se a processos que estão ocorrendo de forma *crônica* e que revelam um mal funcionamento do organismo. Aqueles da primeira parte promovem facilitações ao funcionamento integrado de qualquer pessoa. Na

segunda parte, embora voltem-se aos organismos "anormais", ocorrem, em certas situações de vida, inevitavelmente, a qualquer pessoa. É sua cronicidade, que supõe a ocorrência de padrões estereotipados e não flexíveis, que definiria o caráter patológico. Pois, essas vias fixas de contato, não se reconciliam com a operação do "ajustamento criativo". Estes experimentos tratam das retroflexões, introjeções e projeções[85].

2. Rápido intervalo para algumas idéias

O interesse em apresentar esses tipos de experimentos, presentes no segundo e mais importante livro da GT, é múltiplo. Primeiro, em seu conjunto, representam, do meu ponto de vista, a mais acurada e completa *demonstração* do sentido e da operacionalização do que se entende por metodologia da *awareness*. Yontef afirma algo semelhante sobre estes experimentos, considerando-os *"... o essencial do trabalho que Perls executa em sua psicoterapia*[86]*"*. Embora sejam exercícios propostos à distância, para que o leitor os execute sozinho, estando *fora* da situação e relação terapêuticas e de todas as variáveis pertinentes a este contexto, apresentam as bases de sustentação desta proposta metodológica. Independente das técnicas específicas, que podem variar, associadas ao gosto, criatividade, habilidades e formação pessoal do terapeuta, para colocar este método em ação. Todas as técnicas tem em comum facilitar o sujeito a concentrar-se na experiência presente, e giram em torno desse eixo básico de instrução: *"O que você está experienciando (está "aware") agora?"* como explicitam Simkin e Yontef e também Enrigth[87].

Segundo, porque a *sequência* dos experimentos não é à toa, como já foi explicitado, e descreve os caminhos através dos quais implantaram-se as resistências, propondo-se a revertê-los. Através dessa sequência são apresentados, de certa forma, os *temas* em torno dos quais gravitam as concepções gestálticas.

É interessante assinalar, pelo menos a partir de minha experiência pessoal, que este "livro um - experiencial", que aparece em primeiro lugar na obra é, frequentemente, relegado a segundo plano, dado que a melhor montagem da teoria da GT encontra-se no livro dois. Paradoxalmente, embora *se verbalize* a importância do livro dois[88], já vimos como a GT ficou *"parada"*, num certo período, metaforicamente, no livro um. Dadas as ênfases nas técnicas e

experimentos que caracterizaram sua divulgação nos anos 60 e 70 (como foi exposto no capítulo dois), ressentindo-se de pouca produção teórica.

De forma que a GT, que se lançou ao mundo através de um livro de duas faces complementares, parece ter sofrido uma departamentalização de seu saber, embora a contragosto de sua proposta "gestáltica", desde o início.

Ocorre, entretanto, que ela "já se lançou", publicamente, neste formato e nesta sequência. Esse fato nos autoriza a reafirmar a importância de se dedicar mais atenção às sutilezas do *livro um* e a necessidade que essa obra seja compreendida em seu conjunto.

Também é digno de nota que uma proposta terapêutica dedique metade de seu livro mais importante a experimentos derivados de suas concepções teóricas, *sem levar em conta a relação terapêutica*. Isto assinala que não são específicos a esta situação. Não é à toa que Yontef se ressente, na bibliografia clássica, de uma definição de *contato* que se volte às especificidades deste tipo de contato, que é a relação terapêutica[89]. Este é um tema central no desenvolvimento da GT pós-Perls. Os problemas parecem ter sido aguçados com os trabalhos terapêuticos regulares de longa duração, com o fator *relação no tempo*, trazendo questões cruciais. Desde que diferem do *setting* tipo episódico, como são *workshops* e treinamentos de terapeutas de tempo delimitado.

Perls acrescenta uma nota introdutória a essa obra, em 1969. Nela afirma que, embora tivesse escrito o manuscrito que deu origem a ela vinte anos antes, e que muitas mudanças tivessem ocorrido nesse tempo, *"... os experimentos gestálticos incluídos neste volume são tão válidos hoje como eles provaram ser na primeira vez que nós dirigimos grupos para expansão de awareness"*. A diferença, acrescenta ele, é que o acento *"... mudou da idéia de terapia para um conceito gestáltico de crescimento"*[90].

Isso significa que a situação terapêutica e os limites que a definem como tal, para Perls, são secundários. Podemos deduzir que o fator *tempo*, fundamental no *setting*, tanto quanto a duração de uma sessão, como sua regularidade e extensão no tempo, *também* pode ser tomado, e provavelmente o é,

de forma diversa de um contrato terapêutico convencional. Pelo menos no trabalho de um dos criadores da GT.

From considera que o que Perls fez, nos últimos anos, foram *demonstrações ou "vinhetas" de GT,* e não GT, pois não se pode fazer *terapia* por 15' ou 20'[91]. Acontece que a GT se prestou a esse tipo de "demonstração" e, e isso é o mais importante, ela se presta a *demonstrações*.

Disso decorre que a palavra *treinamento*, que frequentemente é usada para se referir à formação dos gestalt-terapeutas, é coerente com as propostas experienciais definidas pela GT. Esta formação ocorre tanto em formato de cursos com alguns anos de formação, como em propostas episódicas intensivas de curta duração[92]. O que assinala que os princípios do *approach* gestáltico são coerentes com trabalhos episódicos, seja com objetivos terapêuticos, seja com objetivos de formação. E tem acumulado êxitos nestes tipos de desempenho.

A composição do segundo livro clássico - parte experiencial, parte teórica - revela como se deve chegar às *abstrações* pela lente da proposta gestáltica, e pretende prevenir abstrações que não sejam fruto de uma "mastigação orgânica", digamos assim. O que coloca uma questão epistemológica, que sorrateiramente se esgueira, quando se considera o livro um menos importante. É que o livro dois *recorta* o livro um: a teoria *constrói* o objeto, e este, de certa forma, a ela se assujeita. É o que propõe Bachelard, para quem o conhecimento científico envolve uma *operação*, que cria seus próprios objetos, pela destruição dos objetos da percepção comum, dos conhecimentos imediatos[93]. Tanto é que a primeira parte não consegue prescindir de uma apresentação teórica geral para os tópicos que apresenta, mesmo que de forma menos articulada e exaustiva que a segunda parte do livro.

Assim, quando Perls, Hefferline e Goodman julgam a abordagem gestáltica o *approach* original, não deturpado e natural da vida[94], parece tratar-se mais de uma crença do que de um modelo teórico. Ao mesmo tempo, paradoxalmente, afirmam, em sua introdução, que o leitor nele encontrará um modelo de pensamento não usual, que ele teria dificuldade de acompanhar, sem ter conhecimento de certos autores gestaltistas. Daí o recurso a parte experiencial. Parece que há um certo *desconforto* na relação teoria-vivência, propondo-se, via

"exercícios", espécies de "ginásticas de estiramento", para se prevenirem possíveis "contrações musculares crônicas" de *teorias indigestas*.

From[95] assinala que Goodman, escrivão da GT escrita, provavelmente teve a preocupação de que a leitura da GT não sofresse um processo de introjeção, ou seja, não passasse por um processo de assimilação verdadeira. Isto é central desde que, segundo ele, a grande contribuição teórica de Perls foram suas concepções sobre "introjeção", e o texto pretendia expressar essas posições. O *teórico* deveria ser uma maneira de escrever, apresentada de tal forma, que prevenisse introjeções, tentando não separar teoria de prática. Queria-se evitar que isso ocorresse, tanto em relação a teoria, como na descrição do que *é feito* em GT. Que, como o próprio From reconhece, não se conseguiu, haja visto a questão dos *mal-entendidos* abordados no capítulo dois. Talvez o medo de que a teoria fosse "mal digerida" (expressão habitual em GT), e a ênfase em torná-la "vitalizada", com carne e osso, através de experimentos, produziu o efeito contrário: é mais fácil imitar receitas *do que fazer*, do que enveredar pelos caminhos mais complexos das concepções teóricas que lhes servem de base.

Posso hipotetizar que a *relação da abordagem gestáltica com o tema teoria é ambígua e mal explicitada*. Este poderia ser o fator principal de sua pouca produção teórica e dos abusos em sua divulgação, e poderiam fazer parte do que eu nomeei, no capítulo dois, como a presença de *mal-entendidos* no *cerne* da GT.

C. Tentando delimitar questões

1. *Puxando uma zoom* na metodologia

Perls considera, como já disse, a *capacidade de vizualização* o instrumento exemplar para tratar a questão de como utilizar nossos sentidos, em benefício do organismo como um todo. Isto se deve ao fato de que imagens e palavras são elementos que predominam em nossa mente. *"A mente inconsciente tem uma afinidade maior com as imagens, a consciente com as palavras*[96]". Neste caso, uma harmonia entre o Ego (que aqui parece se referir ao consciente) e o Insconsciente pode ser atingida ao se possuir *"... o maior controle possível de nossa visualização...*[97]". No "olhar para fora" e no "olhar para dentro", ao evocar imagens mentais, observam-se dificuldades ou facilitações semelhantes.

A título de rápida demonstração, vale a pena situar um exemplo da *técnica de visualização*, conforme apresentada, na primeira obra de Perls, seja por seu uso frequente no arsenal instrumental da GT, seja por esclarecer concepções da metodologia da concentração no geral. A instrução básica é: *"Fechar os olhos e observar qualquer imagem que apareça"*.

Independente do que ocorra então (resistência ao que parece, saltar de uma imagem a outra) a suposição é que não são as imagens que brincam, mas sim é o *sujeito* que brinca de uma imagem a outra. A partir disso, importa que o sujeito descubra *o que é* que o faz brincar (timidez, impaciência, falta de interesse, medo etc.). *"Esta análise é importante para aumentar as funções do Ego"*[98]. Depois de se tomar consciência *da atitude emocional* dirigida a estas imagens internas, pode-se passar à análise de suas *resistências senso-motoras*. O ponto de interesse volta-se a detectar *o que* está sendo *evitado* na relação com a imagem visualizada, desde que, após sua emergência, ela pode tornar-se menos clara, ou pode surgir a tendência de se passar para outra imagem. Então, Perls efetua sua crítica ao método de associações livres:

"Não fique satisfeito de chamar a este brincar uma associação. Não queremos associações, não queremos a próxima coisa melhor, mas sim a própria pessoa ou coisa"[99].

Uma vez isto posto, o próximo passo é concentrar-se, novamente, na imagem em questão, até que o motivo e objetivo dessa evitação "brinque" à sua consciência. Quando, "sem interferência", o indivíduo descobrir o que ocorre *entre* ele e a imagem, deve-se fazer o caminho inverso: com perseverança e interesse o sujeito deve encarar as imagens "de frente". O exercício é mais fácil para quem tem facilidade em se fixar em imagens, ou tiver conseguido dominar os exercícios até esse ponto.

Quando se conseguir *permanecer* com uma imagem um certo *tempo*, o próximo recurso é ampliar a *descrição* dos detalhes. Perls considera os sonhos uma fonte exemplar para esse exercício, por conterem muito material não assimilado, daí serem, em sua maioria, de difícil compreensão. Em seu primeiro livro, ele propõe que se fixe *em um detalhe por vez*, voltando, de vez em quando,

ao sonho completo. Prestar atenção a cada aspecto individual, independente do contexto total, que é a proposta segundo Perls, essencial de Freud, significa empregar *"... os dentes dianteiros mentais para reduzi-lo a pedaços"*[100].

Até aqui parece estar próximo ao método freudiano *de análise*. Entretanto, na *segunda parte* do processo, que Perls denomina mastigação, ou destruição dos pedaços e liberação das resistências, sua proposta é outra. Se Freud utiliza as associações livres, que levam, segundo Perls, a dissociações livres, este propõe outro caminho, como já foi dito anteriormente. O *processo de mastigação*: *colocar em contato os pedaços* do sonho, através de uma *descrição detalhada*. Então, nesse momento, surgirá a *resistência*, a evitação do contato. Como, para descrever, é necessário concentrar-se, através da descrição dos pedaços do sonho e dos detalhes encobertos, eles poderão ser *assimilados e compreendidos*.

A *descrição* minuciosa é apenas um *meio,* e no decorrer de seu próprio processo, ocorrem transformações. As observações são traduzidas em palavras através da descrição, e isso é um meio para focar a atenção nos detalhes, que sofrem mudanças através do processo de mastigação. A imagem inicial pode mudar, podem aparecer outras imagens e recordações pertencentes ao mesmo campo, mas *"... é essencial não abandonar a imagem central até que seja assimilada, compreendida e desenvolvida por completo"*[101].

O que se entende disso é que, nesse caso, *completou-se uma figura inacabada,* através de um trabalho focalizado voltado a ela e a seus detalhes, evitando desvios, ramificações, ou atalhos.

Pelo que foi exposto, proponho recortar *dois movimentos* na estratégica da concentração: o *primeiro* é deixar surgir, *espontaneamente,* qualquer imagem, fechando os olhos e facilitando um estágio de *atenção livre* (até aqui, nenhuma diferença em relação a atenção equiflutuante do analista, em termos de posição ou atitude); o *segundo* é, ao contrário, *agarrar* a imagem assim evocada, não deixá-la fugir, o que supõe uma concentração *deliberada* no material sugerido no passo inicial. A passagem de uma imagem a outra é entendida como uma fuga ou evitação, pertinente a imagem evocada. Daí que essa passagem significa *interrupção*, não um elo que enriqueceria a significação, como é o caso da associação livre. A significação deve ser encontrada, não no conjunto,

englobando conteúdos subsequentes, mas deve ser buscada na *sinalização* propiciada pela tendência do movimento de ir de uma imagem a outra, isto é, pela interrupção. Ou seja, o que se deve entender desse movimento de passar de um conteúdo a outro é que ele revela uma *resistência*. Então, ao invés de *deixar passar*, isto é, associar, sinaliza-se por esse movimento, justamente o contrário: que se deve enfocar, cada vez com mais detalhe o conteúdo (imagem) que se quer evitar. Portanto, *interrompe-se a interrupção*, concentrando-se.

O *processo psíquico* atuante na primeira etapa pode, embora não necessariamente, possuir as qualidades inconscientes dos elementos pertencentes ao sistema inconsciente freudiano. Sabemos que, do ponto de vista tópico, o processo primário caracteriza o sistema inconsciente e, o processo secundário, o sistema pré-consciente/consciente. E que, do ponto de vista dinâmico-econômico, a energia é livre, no processo primário, fluindo de uma representação a outra, através de condensações e deslocamentos; e é "ligada", no processo secundário, tendendo a adiar a satisfação, para que esta não se faça de forma alucinatória, mas pelo contrário, tentando garantir sua ocorrência, obedecendo ao "princípio de realidade"[102].

Segundo essas concepções, "pular" de uma imagem a outra não é interromper, mas ao contrário, *é construir eixos de sentido*. De forma que, se o método é evitar essas passagens, sugerindo ao indivíduo concentrar-se para "dar-se conta" do que elas significam, é exigir do sujeito uma *interrupção ou ruptura dos processos em curso nele*. Daria para se hipotetizar que, do ponto de vista freudiano, é proposto ao sujeito um domínio de seus processos em curso, o que sinalizaria, eventualmente, uma mudança para operação do processo secundário?

Essas duas etapas do trabalho de concentração envolveriam, ao que tudo indica, processos psíquicos de funcionamentos diversos e recortariam dois tipos de atenção: uma mais *solta*, outra mais *dirigida*.

Perls afirma que será difícil perceber a diferença entre os materiais produzidos pela concentração e pelas associações livres, embora a psicanálise, segundo ele, provavelmente corroborará a técnica de associações através dos experimentos para resgatar nomes esquecidos Perls acredita, entretanto, que estes retornam à superfície não por associação, mas por concentração. Escreve ele:

"Se você continua associando não encontrará o nome esquecido, mas há uma fascinação tal (a forma mais elevada de concentração) na existência de um ponto cego, que voltará a ele novamente"[103].

A terapia de concentração é um meio mais curto e melhor do que a conversação habitual ou as associações livres para o "renascimento emocional". Concentrar-se na imagem de uma pessoa ou acontecimento, que possuem uma carga emocional, tem um efeito *catártico* próximo ao da *análise hipnótica ou narcoanálise*. Em relação a estes métodos, entretanto, tem a vantagem de fortalecer a personalidade consciente[104].

Deve-se levar em conta que esse "exercício dirigido de concentração visual", citado como exemplo, foi proposto para o indivíduo realizar *sozinho*; como também os experimentos presentes no segundo livro de GT. No *setting* terapêutico, no geral, costuma-se trabalhar com o cliente *cara a cara* e essa posição, com certeza, é uma variável importante na operacionalização da metodologia da *awareness*, mesmo que se proponha, nela, eventualmente, experimentos para o cliente executar deitado e/ou de olhos fechados.

A *visualização* é apenas uma possibilidade de operação do método de concentração. Apresentei-a até esse ponto, seguindo as concepções de Perls desenvolvidas em sua primeira obra, por ser uma demonstração, passo a passo, de sua proposta metodológica, que será melhor desenvolvida, posteriormente, mas cujas bases estão claramente assentadas nesse livro. Essa apresentação também serviu-me de "fundo", para permitir desenvolver algumas idéias destacadas a partir dele e, assim, poder recortar os passos do procedimento de *awareness* de forma mais detalhada.

Vale a pena relembrar as *etapas* do processo que leva ao completamento de gestalten, conforme descritas, claramente, por **Burley**[105]. Tal processo segue uma certa ordem previsível e contínua. Começa numa *ausência de awareness*, que corresponderia ao *ponto zero* ou *vazio-fértil*; como o campo de *awareness* apresenta-se, nesse momento, indiferenciado, ele é denominado *estágio de campo indiferenciado*. Para Burley, esta fase se assemelha às experiências de "devaneios" ou "sonhar de olhos abertos". Ao sair dela, o indivíduo pode perceber

que a *awareness* estava vazia de conteúdo, não sendo possível delimitar, com clareza, nem pensamento, nem sentimento, nem atenção focada. É um estado raro, desde que, em geral, as gestalten se sucedem umas às outras num processo rápido e contínuo.

Nesse estado de "indiferença", começam a despontar *necessidades ou interesses*[106], quando então se inicia o *estágio da formação de figuras*, desdobrando-se o campo em figura e fundo. O grau de diferenciação destes pode variar, embora nos processos saudáveis sejam razoavelmente bem diferenciados. Em geral, esta etapa se inicia com uma certa sensação de desconforto.

O próximo é o *estágio da definição da figura*, quando ocorre a total focalização da necessidade ou interesse. Esta dá condições para o *estágio de delimitação ou enquadramento* do campo ambiental, para que se realize a *preparação* para a *ação* que dará completamento ou organizará as *gestalten*. No *estágio do completamento*, o indivíduo manipula a si e/ou ao meio, para satisfação ou fechamento da *gestalt*. Esse *fechamento* é condição para que se volte ao estágio de campo indiferenciado.

Chegamos, agora, a uma afirmação, do meu ponto de vista, fundamental, para nos aproximarmos um pouco mais de uma delimitação mais clara do que seja *awareness*. Escreve Perls, em sua última obra:

"... a capacidade de conscientização (...) poderia ser descrita como gêmeo idêntico[107] *da atenção. Aquele é mais difuso que esta: implica numa percepção global da pessoa e mais relaxada que tensa"*[108].

A função da *atenção*, uma função da mente entre outras (pensamento, vontade, capacidade de conscientização), ocorre quando o indivíduo concentra muito de sua atividade e de suas percepções sensoriais sobre um certo objeto.

Pode-se entender, daí, que o *continuum de awareness* foca, mas de forma mais fluente ou volátil. Ele *foca e fixa mas não se fixa*, exceto nos últimos estágios de formação da figura-fundo, conforme descreve Burley e, mesmo assim, é um processo contínuo onde, uma vez a necessidade satisfeita, o difuso é

que a *awareness* estava vazia de conteúdo, não sendo possível delimitar, com clareza, nem pensamento, nem sentimento, nem atenção focada. É um estado raro, desde que, em geral, as gestalten se sucedem umas às outras num processo rápido e contínuo.

Nesse estado de "indiferença", começam a despontar *necessidades ou interesses*[106], quando então se inicia o *estágio da formação de figuras,* desdobrando-se o campo em figura e fundo. O grau de diferenciação destes pode variar, embora nos processos saudáveis sejam razoavelmente bem diferenciados. Em geral, esta etapa se inicia com uma certa sensação de desconforto.

O próximo é o *estágio da definição da figura*, quando ocorre a total focalização da necessidade ou interesse. Esta dá condições para o *estágio de delimitação ou enquadramento* do campo ambiental, para que se realize a *preparação* para a *ação* que dará completamento ou organizará as *gestalten*. No *estágio do completamento,* o indivíduo manipula a si e/ou ao meio, para satisfação ou fechamento da *gestalt*. Esse *fechamento* é condição para que se volte ao estágio de campo indiferenciado.

Chegamos, agora, a uma afirmação, do meu ponto de vista, fundamental, para nos aproximarmos um pouco mais de uma delimitação mais clara do que seja *awareness*. Escreve Perls, em sua última obra:

"... a capacidade de conscientização (...) poderia ser descrita como gêmeo idêntico[107] *da atenção. Aquele é mais difuso que esta: implica numa percepção global da pessoa e mais relaxada que tensa"*[108].

A função da *atenção*, uma função da mente entre outras (pensamento, vontade, capacidade de conscientização), ocorre quando o indivíduo concentra muito de sua atividade e de suas percepções sensoriais sobre um certo objeto.

Pode-se entender, daí, que o *continuum de awareness* foca, mas de forma mais fluente ou volátil. Ele *foca e fixa mas não se fixa*, exceto nos últimos estágios de formação da figura-fundo, conforme descreve Burley e, mesmo assim, é um processo contínuo onde, uma vez a necessidade satisfeita, o difuso é

retomado novamente. O continuum de *awareness* é melhor definido por um movimento, haja visto que é um *continuum*. Então, a *awareness* é mais relaxada do que a *atenção*, pois esta é uma *tensão* de mobilidade voltada a um *foco específico*[109], que se mantém imutável até que o interesse ou necessidade desapareça.

Posso concluir que, ao passo que a atenção tem uma relação direta com o *objeto* ao qual se volta, a *awareness* é menos definida pelo objeto ao qual se dirige, do que pelo *movimento/disponibilidade* de se deslocar de um objeto a outro, para que haja o *timing* necessário para a "formação e definição" de uma gestalt nítida. Nesse caso, suponho que *awareness* poderia ser representada pela imagem de um *radar*, e, a atenção, pela de uma *lanterna*.

Entretanto, se *awareness* e atenção são *gêmeos*, apresentam as mesmas raízes e suas diferenças aparentes deverão ser sutis. Parece-me que essa sutileza estaria nesse *deslizar* suave de um objeto a outro de interesse. Daí a necessidade da *awareness* ser mais relaxada do que tensa, pois ela deverá caminhar com as rédeas mais soltas que a atenção, embora também seja *uma forma de atenção*. Ao contrário, no caso da *vontade*, *"... a área da atenção da consciência está fortemente restrita..."*[110], pois o indivíduo está envolvido com atos específicos para realizar fins específicos, como acontece nos estágios finais da realização de uma necessidade.

As colocações de **Enright**[111] colaboram para a tematização desta questão. Escreve ele:

"... a conscientização[112] *é um estado de consciência que se desenvolve espontaneamente quando a atenção organísmica se concentra em alguma região particular da fronteira de contato organismo-meio, na qual está ocorrendo uma transação especialmente importante e complexa"*

A partir dessa definição, o funcionamento psíquico inadequado ocorre quando a *awareness* não se apresenta nesta região, derivando-se, dessa afirmação, que o *objetivo da GT é reintegrar atenção e awareness*. Isso quer dizer que, na prática, o gestalt-terapeuta observa as divisões na atenção e *awareness*, para detectar sua *dessintonia*. Esta, muitas vezes, se manifesta na cisão entre o que ele está falando

e, simultaneamente, expressando sensorial e muscularmente. O que a GT faz, diz Enright, é observar

"... as divisões na atenção e conscientização, em busca de provas de que a atenção organísmica focalizada está se desenvolvendo fora da conscientização[113]*".*

Por exemplo, além de falar, o indivíduo pode estar registrando, sensorialmente, e realizando, do ponto de vista motor, muitas coisas ao mesmo tempo. Embora sua *awareness* possa estar voltada ao conteúdo verbal, ele pode estar exibindo outros comportamentos, em concorrência ou não com sua fala. Há também seu tom de voz, o uso de pronomes e verbos, metáforas, etc., que se situam como um "fundo", que amplia o significado de sua fala. Isso significa que o cliente nos permite observar como *evita* estar em contato com o que está presente - como evita *awareness* de questões que lhes são, organismicamente, relevantes. Sobre essa abertura à *apreensão totalizada* do indivíduo, Zinker, cujo livro, "*O processo criativo na terapia gestáltica*", é leitura obrigatória em GT, esclarece-a como condição para a *criatividade*:

"Para inovar, o terapeuta criativo necessita tomar contato com as bases corretas das manifestações abstratas de seu paciente. Deve separar a palavra da experiência, escutar a palavra e visualizar o fato[114]*".*

Remetendo-se às concepções de **Ghiselin** sobre o ato criativo, para explicitar o sentido amplo dessa focalização no que aparece, esse exercitar-se no óbvio, Zinker pontua com clareza como deve ser entendido esse *focar*, tão fundamental no método da GT:

"O necessário... é ser capaz de olhar para os lados quando a ação ainda nao se iniciou e dar-se conta da importância do que ocorre fora do cenário. Talvez não pareça relevante. Provavelmente, o artista jovem sinta que ali não há nada e continue imitando. Entretanto, é ali, entre bastidores (...) que o novo pode preparar-se. Por escassa, entediante, desordenada e fragmentária que seja a ação que se desenvolve fora do cenário, é necessário prestar atenção nela[115].

Deve-se permitir uma espécie de *distração* nessa atenção requerida, para que o processo criativo, subjacente ao trabalho terapêutico, possa se realizar. Ou seja, não dá para saber, *a priori*, o que é relevante. Se o neurótico, por

definição, tem partes alienadas, o que significa que tem dificuldade de contatar com suas urgências vitais, o método de *awareness* deve dar condições, como escreve Yontef *"... para descobrir o que é óbvio/dado"*[116]. O que quer dizer, em última instância, que o óbvio é conquistado. Pois, se o óbvio fosse, de fato, tão óbvio, não se teria problema nenhum com ele, não havendo necessidade de exercício, disciplina e preparação para que ele fosse atingido ou capturado.

Então, este instrumento que foca, sem necessariamente *se* focar, o tempo todo, que se *distrai*, não por des-atenção mas por estar *disponível* a um sobrevôo aos eventos emergentes, é o *continuum de awareness*.

Além de definir *awareness* como o *objetivo* da terapia, Yontef assinala que esta objetiva atingir o *insight* conforme definido pela psicologia da Gestalt, que é *"... a formação de uma gestalt na qual os fatores relevantes se destacam com respeito ao todo"*[117]. E Zinker explicita, com clareza, o *insight* como um *processo,* onde há o *desenvolvimento de um insight*, que culmina no *nascimento de um insight*[118].

Ou seja, o *insight* envolve informações que foram armazenadas e *trabalhadas inconscientemente* e um conjunto de habilidades aperfeiçoadas e exercitadas, *com rigor,* pelo artista ou terapeuta. Este *patrimônio* acumulado e processado envolve experiências pessoais, idéias e imagens arquetípicas, meditações e conhecimentos, que estão *fora do campo da consciência imediata*. É o que ele chama de *base inconsciente* do desenvolvimento de um *insight*.

"O que outorga sua qualidade dramática à visão interior é a instantaneidade de sua formulação, assim como a sensação de urgência e de oportunidade que a acompanha"[119].

Do exposto anteriormente, desde que *awareness* envolve *concentração* e *descrição,* enquanto atividades envolvidas na sua realização, a função psíquica presente nelas é a de *atenção*. Como Perls considera que *awareness e atenção são gêmeos*, embora sutilmente diferentes, *o tipo de atenção* que representa a *awareness* é o ponto central para entender essa metodologia.

Parece-me que a *forma* de atenção embutida no processo de *awareness*, aproxima-se da concepção de atenção apresentada por Merleau-Ponty. Para ele,

"Prestar atenção não é somente iluminar mais os dados preexistentes, é realizar neles uma nova articulação tomando-se por figuras". (...) Assim, a atenção não é, nem uma associação de imagens, nem a volta a si de um pensamento já mestre de seus objetos, mas a constituição ativa de um objeto novo que explicita e tematiza o que não era oferecido até aí, senão a título de horizonte indeterminado"[120].

Perls, em sua primeira obra, reconhece a proximidade entre a *concentração*, o *interesse* e a *atenção* e considera que estes três conceitos são utilizados, frequentemente, como sinônimos. Denotando um estado, uma ação e uma direção, como já colocamos anteriormente. O aspecto "deslizante", embora concentrado, da *awareness* (é um "continuum de *awareness*"), coloca-a como um *estado de disponibilidade atenta,* onde parecem estar reunidos interesse, concentração e uma forma de atenção. Esta deve permitir a emergência de *figurações* que estariam em estado de *pré-diferença*, ou de *indiferença*, seguindo a terminologia de Friedlaender. Estar em disponibilidade atenta significa colocar-se numa *posição que permita ocorrer a diferenciação*, onde está implícito um processo que *cria* algo, não existente anteriormente. E, dessa forma, montarem-se novas *configurações*, a partir desse *processo*.

Portanto, a metodologia de *awareness* significa exercitar, continuamente, a permanência no *ponto zero* da *indiferença criativa*, condição para favorecer o processo de *ajustamento criativo* do indivíduo. Como conseguir isso é raro, podemos entender o ponto zero como a definição da *posição ideal*, da *posição-parâmetro* ou da *posição-modelo*, para se dar o ponto-de-partida e para se atingir o ponto de chegada (*awareness* é meio e fim) do processo de *awareness*. Entende-se, assim, como essa proposta tanto se aproxima dos *exercícios espirituais*, embora Perls, Hefferline e Goodman nomeiem também suas diferenças em relação a eles. Pois, a função do "zero" é, a partir da indiferenciação, permitir a diferenciação e é esta o *objetivo* do trabalho. Não se trata de permanecer na indiferenciação, mas apenas ficar nela o tempo necessário para que as figuras se delineiem e completem seu ciclo de satisfação.

Cabe reassinalar a estranheza de que Friedlaender, tão importante no pensamento de Perls, não ocupe, entretanto, espaço relevante no segundo e mais importante livro de GT.

Temos então que:

1. *"A concentração perfeita é um processo harmônico de cooperação consciente e inconsciente*[121], como escreve Perls em sua primeira obra.

2. O objetivo da GT é *reintegrar atenção* e *awareness*, segundo Enright, e estas funções, para Perls, são gêmeas. Dá para concluir que se trata de *casar* dois *tipos* de atenção?

3. Conforme já disse anteriormente, parece haver dois *movimentos* na metodologia de concentração, que serve de base a metodologia de *awareness*: o *primeiro* é deixar surgir uma figura, *espontaneamente*, sendo que o ponto zero é o parâmetro ideal de referência; no *segundo*, deve-se *focar* na figura evocada, "trabalhando-a", através da *observação* e da *descrição*, de forma detalhada. Aqui, a *palavra* é usada rente às emergências comportamentais. O primeiro movimento é livre, o outro, não. Posso concluir que, nesse caso, o *timing* para se passar de um a outro é um fator crucial, e a sutileza no seu manuseio é um elemento fundamental nas intervenções do terapeuta.

4. Zinker assinala o patrimônio *inconsciente* que está presente no processo de desenvolvimento de um *insight*.

5. As afirmações anteriores trazem, subjacentes, uma *questão*: o que é entendido por *inconsciente* na abordagem gestáltica?

2. Psicanálise, um constante interlocutor

> *"... O eu, essa ilusão que justamente o psicanalista veio destruir, mostrando que há necessariamente uma falha no coração do diamante"*[122].
>
> **Bento Prado Jr.** - Auto-reflexão, ou interpretação sem sujeito? Habermas intérprete de Freud.

a) Do "inconsciente" à fenomenologia da *awareness*

Agora é possível, a partir da apresentação do método, resgatar algumas colocações anteriores, em função de um tema recortado pelo meu interesse: as relações históricas da GT com a psicanálise freudiana, que eu já havia, lá atrás, colocado *sob suspeita*. Retomemos algumas afirmações do capítulo um, a título de "manchetes". Escreve Kogan, referindo-se a Perls:

"... em princípio ele não discordava dos principais postulados freudianos e (...) seu foco era originariamente menos teórico e mais aplicado e behaviorístico (...) a teoria psicanalítica foi para Perls a principal base sobre a qual ele constituiu sua compreensão do comportamento humano"

Completa Tellegen:

"... por mais que alguma das suas afirmações nos últimos livros possam sugerir o contrário, o pensamento de Perls não pode ser entendido a não ser a partir de suas raízes na Psicanálise"

E sintetiza Petzold, que Perls:

"... permaneceu, sob certos aspectos, um psicanalista até o fim de sua vida e, acho que esta não era sua pior parte[123]*"*

Aqui, também, pode-se inserir minha questão formulada naquele momento: caso essas afirmações sejam válidas, quais teriam sido as *consequências* para a GT da herança psicanalítica de seu mais marcante fundador?

Dentre as fontes de influências da GT cabe à psicanálise o papel privilegiado de servir-lhe como referência, pela negatividade. Como se fosse um fundo de oposição que permite dar destaque à figura do modelo gestáltico, o positivo que emerge desse negativo, à semelhança de uma composição fotográfica. Esta imagem é provavelmente forçada ou incorreta, mas poderá representar, eventualmente, de forma aproximada, o estreito *vínculo às avessas* que a GT parece manter com a psicanálise.

Esta aparece, com frequência, como interlocutor constante nos textos gestálticos, como eu já havia apontado no capítulo um. Estas ocorrências parecem sinalizar que a GT necessita desses contrapontos, para delinear suas próprias

proposições. Em relação ao *método*, esse diálogo é frequente, através da comparação entre o que é proposto pela GT, e o *instrumento metodológico interpretativo* que deve estar presente no trabalho do analista, bem como a regra básica de *associação livre,* que é proposta ao analisando. Subjacentes a essas questões metodológicas, do meu ponto de vista, estão as concepções do que é entendido por *consciência* e *inconsciente*.

Passeemos por algumas afirmações gestálticas. O que é essencial assinalar é que há clara intenção de diferenciar *awareness* de *consciência*. Dizem Perls, Hefferline e Goodman:

"O que é chamado "consciência" parece ser um tipo especial de awareness, uma função-de-contato onde há dificuldades e atrasos do ajustamento[124]*".*

O que significa que o conceito de *awareness*, dentro do modelo gestáltico, *contém* o que se costuma denominar "consciência". Esses autores não só pretendem retirar o acesso às produções inconscientes como objetivo do trabalho, propondo-se a "destronar" o lugar em que acreditam serem colocados os processos do "desconhecido", do "encoberto", associados ao *inconsciente*, como criticam a noção de *consciência* vigente, segundo eles, na maioria das escolas psicanalíticas. Dizem eles:

"Consciência é ainda considerada, na psicanálise e na maioria de seus seguidores (exceto Rank), como sendo o receptor passivo de impressões, ou o conector aditivo de impressões, ou o racionalizador, ou o verbalizador[125]*".*

Portanto, a concepção de consciência tomada como referência é a que os autores julgam ser a pertinente à psicanálise. Sua proposta é diferente. Pretendem investigar, partindo dos fundamentos da Psicologia da Gestalt, a teoria e o método da *awareness* criativa, da formação figura-fundo, como o centro promotor de poderosos e espalhados *insights* no "inconsciente" e apontar a inadequada concepção de "consciência".

Parece que o termo *awareness* pretende englobar processos que *não se restringem* aos denominados processos conscientes. Se a referência é a

psicanálise, deveremos nos voltar às definições de processos pré-conscientes e inconscientes, segundo a primeira tópica freudiana?

Assim, Perls, Hefferline e Goodman, em sua obra clássica, onde os fundamentos da GT são sistematizados, afirmam que nela se pretende mudar o interesse da psiquiatria *"... do feitiço do desconhecido, da adoração do "inconsciente", aos problemas e fenomenologia da awareness..."*[126].

Desde que não há *awareness* sem contato, e contato supõe potencialidade ao novo, fica assinalado, com firmeza, que através do conceito de *awareness* se pretende pontuar uma *participação ativa* do indivíduo no processo, independente das formas de que se revista essa ação. Mesmo nos casos patológicos, os sintomas são considerados como saídas criativas que o indivíduo encontra para seus conflitos, as melhores que lhe são acessíveis no contexto presente. Está aí marcado o caráter de *ativo* e *criativo* do processo de *awareness,* que esses autores não consideram estar presentes na conceituação de consciência, conforme definida pela psicanálise, para a qual esta seria um "receptor passivo de impressões". Entretanto, esse "ativo" não deve ser entendido como um movimento deliberado de atenção, mas deverá sempre significar uma *apreensão espontânea* do que ocorre com o indivíduo. Isso fica claro na comparação apresentada, anteriormente, entre *awareness* e introspecção[127]. A partir desses pressupostos,

"A terapia gestáltica é uma terapia experiencial, mais que uma terapia verbal ou interpretativa. Pedimos ao paciente para não falar sobre seus traumas e problemas da área remota do passado e da memória, mas para re experienciar seus problemas e traumas - que são situações inacabadas no presente - no aqui e agora[128]*"*

Esse *caráter não interpretativo* que deve caracterizar o dispositivo metodológico da GT é afirmado e reafirmado, vigorosamente, tanto na literatura gestáltica clássica, como na mais recente. Sintetizam Simkin e Yontef:

"A metodologia da Gestalt terapia é fenomenológica e dialógica, objetivando levar a experiência imediata presente a uma maior clareza e ampliar a awareness. Explicações e interpretações são consideradas menos confiáveis do que o que é diretamente percebido e sentido"[129].

Considerando o retorno de muitos gestalt-terapeutas, na atualidade, ao referencial psicanalítico, e dado o caráter de ponto central que ocupa o dispositivo interpretativo na situação analítica, coloca-se necessário definir *o que é interpretar,* no espaço analítico, para poder delinear a que se refere o termo "interpretação", quando usado nos textos gestálticos. Não só o termo *interpretar* tem um sentido técnico preciso dentro da Psicanálise - mesmo que seu significado não seja unívoco, como esclarece Birman[130] - como seu significado não se restringe ao definido pela psicanálise.

O alemão do texto freudiano "*Deutung*" foi traduzido para *interprétation*, *interpretation*, *interpretación* e *interpretazione*, respectivamente para as línguas francesa, inglesa, espanhola e italiana. Nosso termo em português - *interpretação* - segue, portanto, o mesmo tipo de tradução proposto nessas línguas. Laplanche e Pontalis assinalam, entretanto, que *"Do ponto de vista terminológico, (...) o termo interpretação (...) não se ajusta exatamente ao termo alemão Deutung"*[131]. Para estes autores, os termos traduzidos trazem um cunho subjetivo, e até forçado ou arbitrário, no sentido proposto a um fato ou palavra. No alemão, estaria mais próximo à explicação, esclarecimento, assumindo um tom menos pejorativo que os termos em português e francês podem assumir. Para Freud, a *Deutung* de um sonho consiste em determinar sua *Bedeutung*, isto é, sua significação. Freud também assinala o parentesco entre a interpretação, no sentido analítico, e a *atividade interpretativa* presente em outros processos mentais. Assim, a *elaboração secundária* é uma *primeira interpretação*, produzida pelo sonhador, cujo objetivo é organizar os elementos presentes no trabalho de sonho[132]. Escreve Freud:

"Assim surgem sonhos que através de uma consideração superficial podem parecer, sem objeções, lógicos e corretos; partem de uma situação possível, prosseguem nela através de transformações isentas de contradição e levam-na, se bem isto ocorre raramente, a uma conclusão não paradoxal. Eles experimentaram a mais profunda elaboração por parte desta função psíquica similar ao pensamento de vigília; parecem ter um sentido, mas na verdade esse sentido está afastadíssimo do real significado do sonho (...) São sonhos que, por assim dizer, já foram interpretados antes que os submetêssemos à interpretação no estado de vigília"[133].

No nosso "***Aurélio***" está escrito: **1-** *interpretação*: 1. ato ou efeito de interpretar. 2. explicação, comentário: *interpretação de uma lei*. 3. arte e técnica de interpretar; representação, desempenho. **2-** *interpretar*: 1. ajuizar a intenção, o sentido de: *não pôde interpretar o desejo da namorada.* 2. explicar, explanar ou aclarar o sentido de (palavra, texto, lei, etc.). 3. tirar de (sonho, visão, etc.) indução ou presságio: *A oniromancia é a arte de interpretar os sonhos.* 4. traduzir ou verter de língua estrangeira ou antiga. 5. representar (no teatro, cinema, televisão, etc.): *Este ator interpretou bem o papel.* 6- julgar, considerar, reputar: *Interpretou o seu silêncio como assentimento*[134].

Não precisa levar muito tempo para se perceber que, a partir *do Aurélio, a GT interpreta.*

Do exposto anteriormente, podemos reter, até o momento, o seguinte:

1. é necessário esclarecer a relação do conceito da *awareness* com o de "consciência", e já que a crítica é efetuada em relação a Psicanálise, necessariamente aos sentidos de qualidades conscientes, pré-conscientes e inconscientes, definidas por Freud;

2. o que se quer dizer quando se diz que a GT não utiliza o recurso interpretativo, isto é, o que é entendido por interpretação. Como, ao que tudo indica, é a interpretação no sentido analítico que é considerada "menos confiável", o próximo capítulo tentará delinear os pontos básicos que a caracterizam na escritura freudiana.

Voltemos aos textos gestálticos. Escreve Perls, em duas ocasiões diferentes:

"A memória do neurótico é mais do que simples campo de exploração para os arqueólogos do comportamento humano, que chamamos de psicanalistas. É o fato inacabado que ainda está vivo e interrompido, esperando para ser assimilado e integrado. É aqui e agora, no presente, que esta assimilação deve ocorrer"[135]. e

"... esta é a grande coisa a ser compreendida: a tomada de consciência em si - e de si mesmo - pode ter efeito de cura. Porque com uma tomada de consciência completa, você pode tornar presente a auto-regulação

organísmica, pode deixar o organismo dirigir sem interferência, sem interrupções; podemos confiar na sabedoria do organismo"[136].

A estratégia metodológica gestáltica é confrontada com aquela que caracterizaria a psicanálise, sendo que esta, no entendimento de Perls, teria o caráter de *não promover a concentração no presente*. Ou, dizendo de forma mais rigorosa, o que está em questão é a *concepção/conceituação da estrutura da situação atual*. Pois, reconhecem Perls, Hefferline e Goodman que, quando Freud trabalhava com fenômenos transferenciais, *"... ele estava trabalhando através da situação presente..."*[137]. Estes autores afirmam que, embora a tendência da psicoterapia seja a de mover-se em direção à concentração na estrutura da situação presente, a psicoterapia e sua própria história apresentam diferenças na maneira de abordá-la. O que interessa, portanto, é o *sentido atribuído à experiência presente*, que depende da visão da mesma, implícita nos modelos teóricos de referência. A proposta gestáltica é:

"... considerar a estrutura dinâmica da experiência não como uma chave (sinal) para algum desconhecido "inconsciente" ou um sintoma, mas como algo importante por si mesmo"[138].

Isso significa não se partir de *a prioris* sobre o que é normal ou anormal, estando subjacente um ponto de vista da psicoterapia como sendo, não um método de correção, mas de crescimento. Disso se deduz que não se trata de remeter o "texto terapêutico" a *outro texto*, nem de "traduzi-lo" por outros conteúdos. Derivando-se dessa posição que não cabe falar, nem de intérprete, nem de interpretação, *no sentido analítico*.

Esse *algum desconhecido inconsciente* que seria atingido através da *chave* promovida pela situação presente, parece denotar um sentido materializado, substantivo, de inconsciente, como *algo já existente* que, através dessa "chave", seria des-coberto. Se o que existe, *existe agora*, fica fácil entender que "esse inconsciente" não caberia nas concepções gestálticas. Nesse caso, interessa confrontá-lo com aquele definido pela psicanálise.

As concepções desenvolvidas por **Lacan** podem esclarecer esse ponto com firmeza: a Psicanálise, segundo ele, é uma Ética, pois nela não se trata

de *conhecer* um objeto, mas de *produzi-lo*, a partir dos princípios de ação fornecidos pela teoria. Estes devem dar condições para que, o que denomina de sujeito do inconsciente, seja *produzido*. Escreve Lacan: *"O inconsciente, (...) se manifesta para nós como algo que fica em espera na área, eu diria algo de não nascido*[139]. E ainda, brilhante na clareza, sintetiza: o inconsciente *"... não é nem ser nem não-ser, mas é algo de não-realizado"*[140].

Pois que não se trata de considerá-lo um porão, metáfora útil, enquanto autenticadora de uma espécie de fábrica de mistérios construídos por nossas fantasias. Reportando-se ao obscuro, ao não desvelado, ao que está abaixo da vista. Porém, inadequada, pois que não há nada na concepção do inconsciente que faça dele um depósito. Melhor seria considerá-lo uma bexiga, propõe Lacan, na qual, colocando-se uma luz em seu interior, serviria como uma espécie de lanterna[141]. E para que não se tranforme numa lanterna mágica, corremos no encalço da estrutura de seu funcionamento, sempre tendo dele, o inconsciente, uma apreensão apenas através de seus *efeitos*. Enfim, o inconsciente é aquilo que permite clarear o obscuro e, às vezes, leva-se um tempo no lusco-fusco até que a forma emerja, com contornos e clareada.

Isso quer dizer que, no trabalho analítico, analista e analisando, clivados, assujeitados ao Outro e nele se encontrando, há verdadeira *criação-invenção*. Não se trata de *descobrimento*, pois descobrir significa tirar o véu do já existente. Trata-se de produzir e criar o novo, e não de reproduzir o antigo. É *produção*, através da via da *reprodução* instaurada pelo *campo transferencial*. Este reproduz "a doença", como condição de acesso/construção a algo que, até então, carece, propriamente, de existência.

Como assinala **Calligaris**, a diferença entre a clínica freudiana e a lacaniana poderia ser embasada em suas *concepções/posições* diversas, em relação ao *inconsciente*[142]. Reportando-se ao *estilo* de Lacan, Calligaris nos aponta que este estilo se deve ao fato, conforme o próprio Lacan justifica, que o que se espera de um ensino são seus *efeitos*. Ao contrário, o que se poderia entender é que, em Freud, esperava-se que o ensino transmitisse um *saber*. Nesse sentido, a prática clínica freudiana suporia que a verdade inconsciente do sujeito poderia ser transformada em um saber. Calligaris, entretanto, considera essa afirmação, de certa forma esquemática, sendo uma simplificação das idéias de Freud, se se

considerar que em "*Construções em Análise*", este se volta à questão complexa do que é que deve ser comunicado ao paciente. Em Lacan, *verdade e saber* estão dissociados, ou seja, a verdade não é susceptível de transformar-se em um saber.

Foge completamente ao âmbito deste trabalho enveredar por essas complexidades. No entanto, essas afirmações de Calligaris foram introduzidas, para assinalar que utilizo concepções lacanianas, no sentido de alimentar minhas reflexões, mesmo que sejam pontuadas suas divergências com o pensamento freudiano, que é o eixo básico de referência, ao qual me reporto, quando necessário. Remeto-me a Lacan, apesar disso, pois, ao definir o inconsciente radicalmente como *algo a ser realizado*, fica esclarecido, de forma marcante, que o *"... estatuto ôntico do inconsciente é frágil..."*[143]. Essas afirmações me ajudam a tematizar, de forma consistente, o "inconsciente" que aparece nos textos gestálticos, notadamente no *Gestalt therapy*, que é uma obra básica.

Mais uma vez, voltemos aos textos gestálticos.

Relatar um evento passado não basta, diz Perls, mas deve-se retornar a ele de forma psicodramática. O recurso técnico de dramatização foi muito usado por Perls, e é apenas uma estratégia técnica, entre outras. Entretanto, citar esse recurso do retorno psicodramático, em contraponto ao relato, ajuda a marcar, de forma radical, as críticas a um tipo de verbalização dissociada da experiência presente. *Fazendo* algo através de um experimento, espera-se evitá-la (mesmo que esse "fazer" seja visualizar uma imagem em silêncio, por exemplo). Pois, *"falar sobre si mesmo"* pode ser um modo de resistência contra vivenciar, assim como lembrar-se de uma experiência, apenas através de seu relato, pode levá-la a permaneçer isolada e sem vida como um depósito do passado. A partir daí, é possível *"... fazer algumas reconstruções engenhosas, mas elas não são trazidas de volta à vida"*. E, sobre a intervenção que poderia fazer um psicanalista:

"O psicanalista, a partir das amplas riquezas de seu conhecimento teórico, poderia explicar ao paciente: "você ainda está preso a sua mãe porque se sente culpado de sua morte. Foi algo que você desejou na infância e reprimiu, e quando seu desejo se tornou uma verdade, você se sentiu como um assassino". E pode haver elementos de verdade no que ele diz. Mas este tipo de explicação simbólica ou intelectual não afeta os sentimentos do paciente, pois estes são o resultado não de seu sentimento de culpa, mas da interrupção desse sentimento,